## Acidentes sobre piso molhado: 4 mortos perto de Coimbra

Chuva miudinha um pouco por todo o país, estradas molhadas e piso escorregadio. Triste saldo, esta manhã, perto de Coimbra: quatro mortos, da mesma família, em despiste que terminou num precipício.

Pág. 24

## REGIÕES DE TURISMO

## Governo não paga o que a lei previu

Pág. 11


# Diário de Lisboa

ANO 67 N.º 22 413 Quinta-feira, 16 de Julho de 1987 Preço 40$00

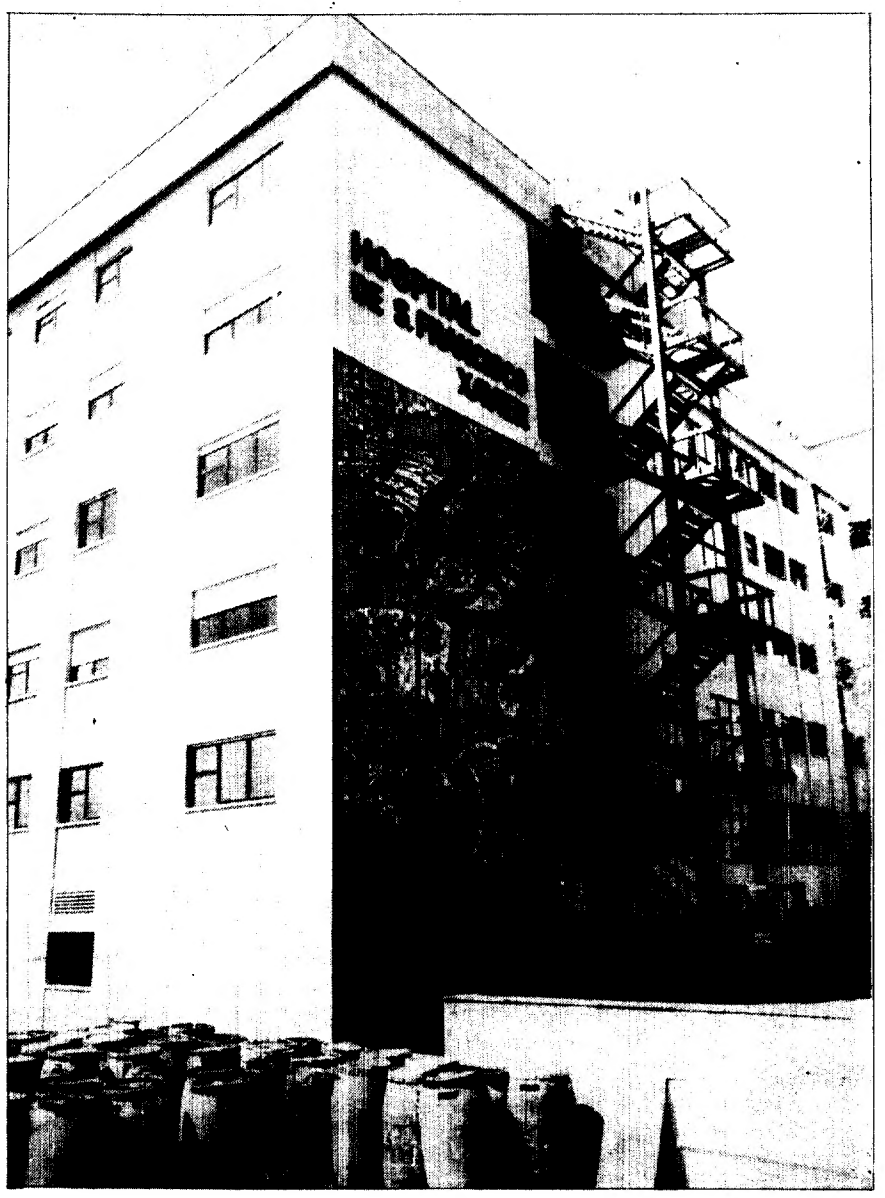

## CUSTOU MAS FOI:

# SILVA RESENDE DEMITIU-SE

### Federação Portuguesa de Futebol só com três sobreviventes

A atitude que o presidente da Federação Portuguesa de Futebol teimava em manter perante as mais sólidas e abalizadas críticas à falência do organismo da Praça da Alegria no «Mundial» mexicano, nas etapas (já perdidas) para os «europeus» e, sobretudo, no confronto com jogadores e treinadores, acabou por ruir, mais ou menos espalhafatosamente: Silva Resende abdicou. Consigo foram arrastados mais quatro elementos do elenco federativo: Elmano Coito, Pais do Amaral, Fernando Roriz e Manuel Saraiva. Apenas três «resistentes» se mantém na F.P.F.: Amândio de Carvalho, Manuel Moura e Azevedo Félix, embora crentes de que, quando ocorrer a Assembleia Geral extraordinária convocada pelas Associações para «destituição dos corpos gerentes», igualmente deixarão os lugares. Entretanto, o Porto deseja uma «eleição geral», enquanto Lisboa pretende «apenas a substituição dos demissionários pelos suplentes». Resta saber se não estamos perante uma qualquer manobra para voltarem a sair os mesmos trunfos.

Pág. 16



## Enfermeiros preferem-no e pedem transferência

# RESTELO FAZ FECHAR SERVIÇOS NOS OUTROS HOSPITAIS

Pág. 24

## CAMPANHA ELEITORAL: PARTIDOS EM FORÇA NA ETAPA FINAL

Pág. 2 a 6

# O voto que decide

No que aos resultados nacionais se refere, as eleições decidem-se na faixa litoral do Lima ao Sado, de Viana do Castelo a Setúbal. Aí se encontram densas áreas urbanas, centros populacionais importantes, as grandes cidades à escala portuguesa: Braga, Porto, Coimbra, Lisboa, Setúbal. Lisboa e o seu distrito atinge o número de 1 690 014 eleitores inscritos. É o do distrito de Lisboa, o voto que decide.

Nas últimas eleições legislativas, em 1985, Lisboa (cidade e distrito) elegeu 56 deputados. Destes, 15 eram do PSD, 13 do PRD, 12 do PS, 12 da APU e 4 do CDS. Os números revelaram uma subida espectacular do Partido Social Democrata (PPD-PSD), de 188 256 votantes em 1975, a 329 298 em 1985, ou, em percentagem, de 14,9 por cento a 25,6 por cento. O Partido Socialista, que em 1975 registara 581 561 votantes (46,1 por cento), descia 254 924 (19,8 por cento); era o resultado da incursão surpreendente do Partido Renovador Democrático (PRD) no espaço eleitoral. O PRD obtinha 273 488 (21,2 por cento) de votos. O PCP e o seu aliado, o MDP, no conjunto, registaram uma descida, quer em relação a 1975 quer em relação a 1980 e a 1983. Mas a percentagem em Lisboa, 20,1 por cento, era superior à percentagem nacional, e o número de votantes, 258 696, colocava a APU em terceiro lugar, atrás do PSD e do PRD, mas à frente do PS.

Com 787 108 votantes, os partidos que constituem, segundo a classificação corrente, a «área da esquerda», dispõem, no distrito de Lisboa, de significativa maioria. O PSD e o CDS tiveram, no conjunto, 432 890 votantes (do PSD, 329 298; do CDS, 103 592). Todavia, é preciso ter presente que uma certa «esquerda» (UDP, PSR, etc.) somou alguns milhares de votos, parlamentarmente perdidos, e que a abstenção em Lisboa (cidade e distrito) tem vindo a aumentar. A percentagem de votantes, em 1985, foi de 77,6 por cento dos inscritos no recenseamento, contra 87,6 em 1979, 86,4 em 1980, 80,6 em 1983. E como não há razão para supor que esta abstenção corresponda, ideologicamente, a um qualquer bloco eleitoral definido, é de admitir que os resultados eleitorais em Lisboa (cidade e distrito) possam apresentar, nas próximas eleições, a 19 de Julho, valores absolutos ou percentuais diferentes.

De qualquer modo, o voto de Lisboa é decisivo. Em Lisboa, os partidos e os respectivos líderes investem meios, dedicam atenção e um esforço particular. Os «pequenos partidos» — designação incorrecta dos partidos sem representação parlamentar — alimentam esperanças de eleger deputados por Lisboa: a UDP, o PSR, o PPM e, com eles, o MDP, que estava representado na Assembleia da República dissolvida. Na batalha eleitoral de Lisboa terá um especial interesse verificar se a «área da esquerda» mantém a sua posição maioritária e qual vai ser, no seu seio, a futura correlação de forças, como se distribuem

votantes e eleitos pelas três formações: PS, PRD e CDU. Mas, são igualmente de prever alterações nas posições do PSD e do CDS. Não é por acaso que o CDS, na defensiva, condena os apelos de um voto útil que, privilegiando o PSD, enfraqueceria a posição negocial do CDS, em 20 de Julho.

Para as condições de negociação política, que se afiguram inevitáveis uma vez conhecidos os resultados eleitorais, o voto de Lisboa é decisivo, mas nada, na realidade, ficará decidido fora da hipótese de o PSD alcançar maioria absoluta (e não carecer do apoio parlamentar do CDS), ou de, se a maioria absoluta não for alcançada, os partidos e a coligação que se apresentam como oposição de esquerda ao PSD, não se entenderem com lealdade e clareza.

A esse entendimento não terá encaminhado a disputa eleitoral e a maneira personalizada como foi conduzida. Chega-nos de Itália, com a designação do ex-ministro Giovanni Goria para formador do governo, um exemplo a ponderar. Na «área da esquerda», a alternativa do poder pode passar por um exercício a prazo e de parâmetros político-económicos estabelecidos por negociação. Só Cavaco Silva, recolhendo das eleições uma confirmação do lugar cimeiro do PSD na escala dos partidos portugueses, se poderá permitir não negociar, em termos de convergência política, um governo. Mas ficará à mercê do CDS ou da conjugação das oposições.

A estabilidade governativa não significa estabilidade institucional. Permite a continuidade administrativa, mas não garante a exceência da administração. Dizem os jornais que a situação de tesouraria é crítica. Os políticos e as estatísticas, os estudiosos nacionais e os peritos estrangeiros, não confirmam a verdade oficial. Os graves problemas sociais perfilam-se no horizonte sem remédio à vista. A campanha eleitoral foi fértil em críticas negativas e em afirmações positivas. Terão sido — admitimos — umas e outras, pecadoras por excesso. Nem tanto ao mar, nem tanto à terra. Fica, todavia, a impressão de que se não avança, retrocedendo; de que não se caminha para o futuro, regressando ao «antigamente».

Só é decisivo o voto que crie condições reais de avanço sociopolítico. O voto de Lisboa, da Lisboa de Setembro de 1820 e de Outubro de 1910, exprimirá esse espírito democrático que marcou a escalada popular de Monsanto e a adesão espontânea à alvorada de Abril.

Acabou o tempo de impor a Portugal a política do Terreiro do Paço. Mas não amanheceu ainda o tempo de governar sem Lisboa, contra Lisboa. Contra, ou sem, a Lisboa (cidade e distrito) que, com o seu milhão e seiscentos mil eleitores, e elegendo mais de um quinto dos membros da Assembleia da República, tem neste prélio democrático, um voto decisivo.

Se há um voto que decide, esse é o de Lisboa.

# PR empossa vogais das ordens honoríficas

O Presidente da República, Mário Soares, dará posse amanhã, ao meio-dia, no Palácio de Belém, aos vogais dos Conselhos das Ordens honoríficas portuguesas.

Os coroneis Duarte Pamplona e Gomes do Amaral são duas das personalidades que integrarão o conselho das antigas ordens militares de que é chanceler o marechal António de Spínola. A Ordem de Cristo terá como vogais Veiga Simão e o embaixador Mendonça e Cunha, enquanto a Ordem de Aviz será constituída pelo general Altino de Magalhães e o almirante Tierno Bagulho. O escritor Fernando Namora e Maria Madalena Azeredo Perdigão integrarão a Ordem de Santiago da Espada.

Os vogais designados para o Conselho das Ordens nacionais cujo chanceler é a escritora Sophia de Mello Breyner Anderson são as seguintes: Nunes Barata, José Blanc Portugal, Clara Rocha e Pedroso Marques (Ordem do Infante D. Henrique) ; Salgueiro Maia, José Carodoso Pires, Joel Serrão e Maria Palmira Tito de Morais (Ordem da Liberdade).

Quanto ao Conselho das Ordens de Márito Civil, de que é chanceler Azeredo Perdigão, serão empossados os seguintes vogais: Vitor Melícias e Maria Terese Eugénio de Almeida (Márito Cívil); Francisco Amorim Carvalho Guerra e Jaime Celestino da Costa (Instrução Pública); Simões da Costa Guerra e Correia da Cunha (Mérito Agrícola); Mendes de Almeida e Ilidio Leite de Pinho ((Márito Industrial).

*Revelado no Porto*

# Indonésios querem capturar Xunana Gusmão

O grupo Paz e Justiça para Timor Leste divulgou ontem, no Porto, uma informação segundo a qual está em curso uma operação militar «para abater o comandante das Falintil».

Barbedo Magalhães, membro do grupo, afirmou à agência «Lusa» ter notícias, transmitidas pelo representante da Fretilin na Austrália, que o coronel Soenart, comandante dos «boinas vermelhas» , partiu terça-feira da Indonésia «para uma operação especial programada para seis meses».

Uma força de cerca de mil soldados indonésios, também «boinas vermelhas», teria entretanto partido em aviões «Hercules», nos dias 11 e 12.

«O objectivo da operação, disse Barredo Magalhães, é capturar, vivo ou morto, o comandante das Falintil, Xunana Gusmão, nem que isso custe a vida dos «boinas vermelhas». Acrescentou que a estratégia do comandante Soenart será «propor, como armadilha, um cessar-fogo para conversações, utilizando a Igreja como intermediária». «Durante as conversações com Xanana, prosseguiu, os seus soldados atacariam as Falintil para as aniquilar».

De acordo com a mesma fonte, o «Presidente da Indonésia, Suharto, prometeu que promeveria Beny Murdani, comandante-chefe das Forças Armadas da Indonésia, caso a operação resulte em êxito».

## SIC

**Ramalho Eanes (PRD):**
*«Os partidos pas sam e o país fi - ca, os portugueses são eternos».*
*«É tempo de não perder mais tempo. é tempo de construir o futuro».*
*«Eu da abelhinha gosto».*

**Hermínio Martinho (PRD):**
*«A zona da reforma agraria é o territorio do mundo com mais ilegalidades por quilometro quadrado».*

**Natália Correia (PRD):**
*«Como é que Por tugal há-de pa - rar, se o Governo se esqueceu de lhe meter os travões?»*

**Álvaro Cunhal (CDU):**
*«Vocês (jornalistas) a dar uma opinião ainda se de fendem mais do que eu me de fendo a falar com vo - cês».*
*«Temos um passado, mas um passado que não o tem o PS».*
*«Quando dizemos que o voto na CDU é seguro, é por que damos se - gurança absoluta aos trabalhado - res».*
*«A vitória de Mário Soares não foi uma vitoria de Mário Soares, foi uma vitória da democracia portuguesa».*

**José Manuel Tengarrinha (MDP/CDE):**
*«A esquerda tem necessidade de reflectir».*
*«Nestas coisas da po lítica, nunca se deve dizer nunca».*
*«O MDP/CDE nada tem a ver com a CDU».*

**Vítor Constâncio (PS):**
*«O PS é o maximo e na es querda é o único capaz de vencer».*
*«Podemos não ser muito ricos de cartazes e pendões, mas somos ri - cos em força moral».*
*«Querem a maioria agora e que - rem também a Presidência em 1991».*
*«Ou nós ou a direita, essa é a es - colha em 19 de Julho».*

**Cavaco Silva (PSD):**
*«Alguns manifestantes ainda têm dificuldade em engolir o sucesso do meu Governo».*
*«Nós não queremos profetas de desgraças, mas alguém que con duza o país no bom caminho».*
*«O povo entendeu que é hora de atingir a normalidade governativa».*
*«As forças da opisição estão as - sustadas face à ma ré levantada pelo PSD».*
*«Nunca ninguém me ou viu dizer mal de alguém».*
*«Têm de concordar que para 48 anos estou muito bem conserva - do».*

**Adriano Moreira (CDS):**
*«Quem é que disse nesta campa - nha que Setúbal era uma região proibida ao CDS?».*
*«Hoje o voto no CDS vale por dois porque não reforça apenas o CDS, mas porque dele dependerá a maioria».*
*«Abaixo a ambiguidade, precisa - mos de autenticidade».*

*Baptista-Bastos, Luís Francisco Rebello, Borges Coelho, Urbano Tavares Rodrigues, Alice Vieira, Dulce Rebelo e José Magalhães apresentaram aos jornalistas as propostas da CDU para a área cultural*

# HOMENAGEM AOS MILITANTES

## CDU

Álvaro Cunhal homenageou a noite passada, em Vila Franca, num imponente comício, o trabalho de milhares de activistas da CDU que «há muitas noites não dormem para responder à grande campanha de propaganda da direita, baseada no dinheiro e no poder». A bela praça vilafranquense, toda iluminada e re - pleta de faixas e pendões da CDU e do PSD(com a respectiva sede, aber - ta e engalanada, à vista), oferecia um cenário invulgar, revelador— sublinhou Cunhal— de que «vive - mos em liberdade e democracia».

O líder comunista alertou, toda - via, para os perigos de uma maioria absoluta da direita que, a ocorrer, poderia significar a destruição das liberdades e visou particularmente a cobertura televisiva da campanha, acusando, nesta matéria a RTP(«não se encontra aqui para ver como é», disse)de estar a «perverter a opinião pública».

No mesmo sentido foi a crítica, irónica, de Herculano Pombo ao considerar que «afinal não há problema de televisão privada em Portugal. Ele existe e está a participar activamente nesta campanha...».

Apresentado por Daniel Branco, autarca vilafranquense, como «o mais respeitado dos líderes políti - cos portugueses, Cunhal falou ainda dos resultados de 19 de Julho e da «previsível derrota da direita» para considerar a necessidade de o Presi - dente da República agir, nessa altu - ra, em conformidade, e não convidar Cavaco para formar Governo.

### Propostas contra a «cultura de fachada»

De tarde, no bar do «Brasuca», os escritores Alice Vieira, Baptista - -Bastos, Luís Francisco Rebello e Urbano Tavares Rodrigues, o histo - riador Borges Coelho, os encenado - res Mários Barradas e José Martins, a professora Dulce Rebelo e o depu - tado José Magalhães(um dos princi - pais responsáveis dos tempos de antena da CDU) dialogaram com jor - nalistas sobre as propostas da coli - gação para a área cultural.

A ausência de políticas de educa - ção e cultura(apesar do chamado Mi - nistério da Educação e Cultura), as «meras operações de fachada- de que a lei do mecenato é porventura o as - pecto mais escandaloso- e as vazias afirmações demagógicas» dos res - ponsáveis governamentais, foram temas fortes do encontro. Dos «si - nais gritantes da insensibilidade dos Governos de direita» para com as questões, recordou José Magalhães «o irrisório montante atribuído à Cultura no OGE- o mais baixo da CEE-, o índice(«record europeu»))da pirataria fonográfica e videográfica, o sistemático incumprimento de leis que visam proteger a actividade cria - dora dos nossos autores e artistas e a ausência de medidas susceptíveis de estimular e proteger essa activi - dade em todas as áreas».

Propõe–se a CDU avançar no par - lamento com projectos de diplomas para a concretização de medidas de divulgação das obras de autoria por - tuguesa(através da Informação esta - tizada e de outros meios estatais de intervenção cultural como os tea - tros, orquestras, companhías de bai - lado, etc), da revisão da política de subsídios à actividade teatral, de isenções fiscais para todas as acti - vidades culturais em geral, de pro - moção da inclusão de obras de com - positores portugueses nos concertos públicos e no cumprimento da Lei da Música Portuguesa pelas estações emissoras, de auxílio eficaz à produ - ção de filmes portugueses e à apre - sentação de obras de produção na - cional na RTP, de defesa do patri - mónio, de prevenção e repressão da pirataria fonográfica e videográfica, de difusão do livro e de revisão dos aspectos gravosos da lei do mecena - to.

Foram ainda distribuídos aos jor - nalistas dois documentos relativos à música e ao teatro, elaborados por comissões de músicos e de trabalha - dores do teatro que apoiam a CDU e que avançam com medidas de fundo para ambos os sectores.

Foi rico e animado o diálogo en - tre os candidatos. Falou–se também da grave situação dos escritores e da sua associação, dos males das tele - novelas de importação(porque não são aproveitadas obras de autores nacionais?, perguntou–se), de como «cultura e direita são termos antagó - nicos»(L. F. Rebello), de como um país, o nosso, é «o único que não tem uma biblioteca básica»(Baptis - ta–Bastos), dos «chocantes» venci - mentos dos actores e dos jornalis - tas, etc.

Gravado e filmado, o encontro da - va para uma autêntica e salutar mesa–redonda sobre a situação da cultura nacional. Mas não metia líderes e ,sobretudo, não prodigalizava bençãos ao poder que temos. Por is - so, quase o silêncio...

# Intelectuais querem Tomé no Parlamento

Cento e setenta e um intelectuais e cidadãos independentes acabam de subscrever um manifesto de apoio à eleição de Mário Tomé para a As - sembleia da República.

Augusto Abelaira, Antônio Vitori - no D'Almeida, Angela Caires, Artur Baptista, Carmo Vicente, Cuco Ro - sa, Eunice Munoz, Francisco Fa - nhais, Guilherme de Melo, Helder Costa, João Perry, Janita Salomé, Maria João Seixas, Rui Grácio e Vi - torino são alguns dos signatários que, apesar de dizerem que não per - tencem ao partido, consideram que «Mário Tomé faz falta na Assem - bleia da República».

«As circunstâncias actuais apon - tam para a necessidade de novas propostas e de novos espaços de participação de um povo à procura de si próprio», lê–se no manifesto distribuído sob o título «É urgente a eleição de Mário Tomé». No docu - mento recorda–se, entretanto, que o dirigente da União Democrática Po - pular não foi eleito, em 1985, ape - nas por 238 votos.

«Não somos da UDP mas conside - ramos que na Assembleia da Repú - blica cabe necessariamente à UDP um espaço que a não ser preenchido provoca um vazio irreparável».

# ALERTAS EM DIA DE ANIVERSÁRIO

## PSD

Áurea Sampaio

A participação de dirigentes das centrais sindicais em «cabalas» destinadas a «criar um clima de medo» no eleitorado foi ontem aventada por Cavaco Silva, em Torres Vedras, ocasião que aproveitou também para apelar à «serenidade» dos militantes sociais–democratas.

«As forças da Oposicão estão assustadas face à maré levantada pelo PSD e, por isso, devemos estar preparados para que se provoquem pequenos incidentes e cabalas para criar um clima de medo e evitar o voto consciente dos eleitores», afirmou o presidente do PSD.

Cavaco Silva, que já alertara, na Guarda, contra «incidentes» preparados para os próximos dias pelos seus opositores, foi agora mais longe nas suas afirmações ao dizer que possui «informações de que nessas manobras podem estar incluidos alguns dirigentes dindicais ligados à oposição e mesmo dirigentes das centrais sindicais».

Mas se a violência destas afirmações não deixou de causar alguma perplexidade entre os numerosos observadores presentes, não deixou também de surpreender o apelo directo que o líder social–democrata fez aos seus militantes e simpatizantes no sentido da contenção. A este propósito, Cavaco Silva afirmou que o facto de «alguns» não compreenderem a «necessidade patriótica» de votar no PSD «não justifica qualquer agressividade». Depois de chamar a atenção para o facto de nunca ninguém o ter ouvido «dizer mal de alguém» e que «nunca foi destruida propaganda da Oposição» nos comícios do PSD — «espaços de concórdia, tolerância e civismo» — , Cavaco Silva voltou a apelar à calma dizendo: «Devemos manter uma grande serenidade e eles hão–de compreender um dia».

Entendida como uma resposta a Vitor Constâncio e às acusações que este fez à gestão social–democrata, Cavaco Silva disse que a política económica do seu Governo era respeitada interna e externamente e aproveitou para qualificar «alguns dirigentes da Oposição» como «profetas da desgraça» por não entenderem «que o apoio popular ao PSD não se deve aos discursos mas ao trabalho do Governo».

### O «menino Aníbal» fez anos

Mas antes deste comício com que encerrou um dia de campanha calmo, Cavaco Silva havia jantado com os jornalistas e os membros do seu

«staff» de apoio numa comemoração muito especial: a passagem do seu 48º aniversário.

Bem disposto, mas sem nunca ser excessivo, o líder do PSD foi convidado a enveredar pela profissão de jornalista tendo para isso sido obsequiado com dois presentes: um par de óculos e um cartão de candidato a estagiário. As lembranças têm a ver com o facto de Cavaco Silva se ter interrogado inúmeras vezes durante os comícios sobre a forma como os jornalistas os iam descrever. Mas não contente com isso ele sugeria não raro uma panóplia de adjectivos que surtiram quase sempre um efeito contrário: recordava aos profissionais presentes uma máxima do jornalismo que é precisamente a contenção na adjectivação. O referido convite deveu–se ainda ao facto do presidente do PSD utilizar muito nos comícios o relato do que lhe ia acontecendo durante a sua «volta», utilizando por vezes o estilo da reportagem.

Quanto aos óculos — entregues dentro de um estojo onde pode ler–se a máxima da propaganda social–democrata de que «só não vê quem não quer» — , um texto que acompanhava os presentes sugeria o seu uso para que o líder social–democrata pudesse emendar a «sua falta de visão» quando «confunde comícios banais com comícios extraordinários». «Muita adjectivação, pouca isenção e algum exagero», eis como os jornalistas qualificaram o «trabalho» de Cavaco Silva, razão pelo qual não puderam atribuir–lhe mais do que o título a que eleneste momento pode aspirar — candidato a estagiário.

De qualquer forma, a missiva interroga sobre se a partir de domingo não se assistirá ao arrancar de uma grande carreira: «a de Aníbal C. Silva como repórter internacional do Boliqueime News».

A resposta de Cavaco Silva foi dada numa toalha de papel. «Receio que estejam a cometer o mesmo erro de alguns políticos da nossa praça, que subestimaram as minhas qualidades de político». E lançou um aviso: «Subestimem as minhas potencialidades jornalísticas e ainda vão queixar–se da concorrência». Inegavelmente inspirado, referiu que, quanto à dimensão dos comícios, «a realidade é a mesma, só o espírito com que é observada é que é diferente». Como sempre, utilizou uma linguagem metafórica: «Os senhores jornalistas estão na posição daquele homem velho, descrente da vida, que depois de beber metade da garrafa diz que a garrafa está meio vazia. Eu estou na posição do jovem, confiante, optimista quanto ao futuro que, olhando a mesma garrafa, diz — a garrafa ainda está meio cheia».

No fim foram cantados os parabéns ao «menino Aníbal».

### Dois discursos diferentes

Além de Torres Vedras, Cavaco Silva esteve ontem na Lourinhã e em Peniche, já ao fim da tarde, onde participou em dois mini–comícios muito concorridos.

Nesta vila piscatória realce para duas intervenções. Uma, verdadeiramente conservadora, do deputado Reinaldo Gomes, a acusar o 25 de Abril de ter «quase expurgado a família da nossa sociedade». Na sua óptica, o facto do líder do seu partido se fazer acompanhar de sua mulher durante a campanha significa que ele se preocupa em reimplantar» este valor «fundamental» da nossa sociedade.

Vitor Crespo, por seu lado, teve sensibilidade suficiente para, numa terra onde existiu um dos mais odiosos símbolos da opressão da ditadura — um forte–cárcere onde eram encerrados os lutadores pela liberdade — , falar do tempo «da injustiça, da coacção e também da miséria». Depois de dizer que «a democracia está com pés bem assentes no nosso país», aquele dirigente do PSD não se esqueceu de referir que, apesar do muito que se fez desde Abril de 1974 «ainda há subdesenvolvimento e atraso em ralação à Europa». Na sua óptica, só há uma maneira de ultrapassar esta situação que «é dar o apoio maioritário a Cavaco Silva no dia 19»

# A campanha subversiva das vontades

## CDS

Ribeiro Cardoso

Referências muito criticas a Freitas do Amaral (ainda que sem citar o seu nome), assobios ao general Eanes e uma subida de tom na campanha contra o chamado voto útil marcaram o comício que o CDS ontem realizou em Setúbal, com a presença ruidosa e festiva de uma pequena multidão de várias centenas de pessoas onde avultam os jovens.

Num cenário lindíssimo junto ao estuário do Sado (Tropicália é o nome daquele espaço verde) os apoiantes do CDS esperaram que Adriano Moreira aparecesse ouvindo o conjunto «África Star», António Calvário e Cândida Branca Flor.

«Quem é que disse nesta campanha que Setúbal era uma região proibida para o CDS? Quem é que anda mal informado da realidade?» — perguntou Adriano Moreira quando, cerca das 11 horas da noite, subiu finalmente ao palco sob o grito sincopado da multidão que não se cansava de aclamar «Adriano, Adriano, Adriano».

O professor, braços levantados e encantado por ter escutado momentos antes o coro que dizia aos golfinhos do Sado «Eu te amo CDS, eu te amo», aproveitou o balanço para começar a falar da situação que se vive no distrito de Setúbal «onde se acumularam os erros da socialização brutal e da tecnocracia sem valores».

Como vem sendo habitual nas intervenções do líder centrista, lá apareceu uma referência a um bispo, desta vez D. Manuel Martins, pastor máximo na terra de Bocage, que, como se sabe e Adriano sublinhou, foi uma poderosa voz da Igreja que se levantou publicamente para denunciar a miséria que vai reinando naquela região.

«Ele só podia falar de doutrina, mas o que ele pedia era que os cidadãos a quem incubem responsabilidades as assumissem. E o CDS foi a primeira voz política a fazê–lo» — disse Adriano Moreira, de novo sob os gritos da juventude que, num ambiente ,marcadamente de festa, desfraldava bandeiras e gritava «CDS, CDS, CDS».

### A Ambiguidade

Escutar o velho professor ao longo destes dias e noites de campanha tem–se tornado numa experiência por vezes patética: sente–se que ele não é homem de comícios, acredita–se ser verdade que, como tem repetido, não gosta do Estado–espectáculo nem da política–espectáculo, advinha–se que suspira pelos ambientes mais recatados de um gabinete de trabalho ou de uma sala de aula.

Porém, «the show must go on» — e Adriano, nos últimos tempos acompanhado da mulher, lá vai subindo aos palcos para falar das virtudes da sociedade civil, da mediocridade e da ambiguidade instalada, dos tecnocratas que nada sabem da vida, da Constituição que é preciso alterar profundamente, do sistema político errado em que vivemos e é urgente, também, modificar. E do voto útil evidentemente.

«O voto no CDS vale por dois» — disse o velho professor ontem à noite. E explicou porquê:

«Vale por dois porque não só reforça o CDS mas também a maioria sem a qual não haverá estabilidade governativa».

O diabo, contudo, é que andam por aí a dar a volta ás gentes que em eleições anteriores puseram a cruzinha no quadrado do CDS. E isso indigna Adriano, que ontem subiu de tom ao abordar esse tema obrigatório dos comícios centristas:

«Essa campanha subversiva das vontades continua teimosamente em todo o país, quase porta–a–porta, quase de consciência em consciência, para impedir que cada um assuma aquilo que pensa e vote de acordo com as suas convicções».

Chegado aqui, o líder por agora incontestado entra no domínio da ética:

«O CDS deve dar o exemplo da fidelidade aos princípios, mas apenas para defender o país e não para entrar nesta constante corrida partidária à mesa do orçamento em que se transformou o sistema político português».

De seguida, veio a critica cada vez mais aberta ao comportamento do PSD que não se descose, antes dos resultados eleitorais, quanto à maioria que defende.

«O CDS sabia antes, durante e depois da campanha eleitoral, aquilo quc quer para Portugal. Contudo, o que é que vemos? Cada força política tem andado a monologar pelo país, houve o cuidado de evitar o debate, não se esclarecem as populações. Ora bem — o que o CDS queria era que cada força política dissesse claramente qual a maioria que pretende, que padrões defende para o nosso país... O eleitorado precisa de saber isto antes das eleições».

E elevando a voz, tomado já pela emoção , Adriano gritou então: «Abaixo a ambiguidade».

### Ideia com pernas

A questão da maioria foi também abordada por outros oradores, tendo inclusivamente o cabeça de lista do CDS por Setúbal, Carlos Machado, exigido expressamente a Cavaco Silva que explique antes de 19 de Julho com quem fará alianças.

Ontem. no entanto, aquilo que já se sabia há muito — a má imagem e os poucos amigos que Freitas do Amaral tem dentro deste CDS — veio publicamente à baila, com dois oradores (Henrique Sodo e Carlos Machado) a porem o dedo na ferida.

«Não vamos contar com aqueles que nos abandoram porque não tinhamos benesses para distribuir. Essa era a juventude tachista, mas a que ficou é a juventude da esperança. E já agora sempre devo dizer que entre aqueles que fugiram incluo também um dos fundadores e que foi presidente do partido — mas esse ainda bem que saiu» — disse Henrique.

(Foi durante a intervenção deste orador que, ao referir expressamente o general Eanes, a assistência desatou numa assobiadela monstra, tendo Henrique afirmado que o general nem um único urro merecia...).

Por sua vez Carlos Machado, que contou uma história sem piada sobre laranjas podres, veio a terreiro afirmar que «esta é a primeira vez que o CDS tem um líder que não é animado nem pelo estigma da vaidade nem pela dinâmica da petulância», pondo a assistência, mais uma vez, a gritar «Adriano, Adriano, Adriano»,

Aliás, é curioso verificar como ontem — e de resto em quase todos os comícios centristas — apareceram oradores a elogiar desmedidamente o líder, ora apresentado como o político mais sério, ora como ex–ministro do Império, ora ainda como «o único homem de Estado» a concorrer a estas eleições...

... E isto vem a propósito da intervenção do «entretainer» nº 1 do CDS, o conhecido homem da pasta dentifrica, Artur Albarran. Com aquela voz de coração azul e amarelo já bem popular, depois de cantar «Eu te amo CDS, eu te amo», apresentou Adriano Moreira como sendo muito mais do que um homem de Estado:

«Ele é uma ideia com pernas» — jurou. Como eu juro que ouvi.

Ontem, o professor Adriano Moreira almoçou com trabalhadores da Centrel, em Lisboa, e depois, durante a tarde, percorreu diversas localidades do distrito de Setúbal, tendo feito paragens breves na Costa da Caparica, Montijo e Moita. jantou em Palmela (onde assistiu ao tempo de antena do seu partido) e por fim, integrado numa caravana ruidosa de cerca de 25 automoveis, chegou finalmente ao comício de Setúbal.

Esta manhã andou pelas ruas de Lisboa e ao fim do dia voará até ao Porto onde se realizará um comício de encerramento, no qual aposta fortemente o candidato nº 1 pela capital do Norte, Basilio Horta.

# RECTA FINAL EM LUME BRANDO

## PRD

José António Cerejo

«Em 19 de Julho os portugueses devem votar», dizia Ramalho Eanes, pausadamente, enquanto a multidão, extasiada, gritava: «Eanes, Eanes, PRD, PRD...» Logo a seguir, o ex-presidente acrescentava: «devem votar depois de madura reflexão e de pensar naquilo que aqui foi dito por uma mulher de cultura, Natália Correia (que fez referências ao perigo da maioria absoluta), e pelo capitão Marques Júnior. Se as palavras dele forem objecto de reflexão, em 19 de Julho teremos a democracia de Abril mais forte e profunda. Espero que votem em consciência, no futuro dos vossos filhos...»

Pegando-lhe na deixa, milhares de adeptos insistiam: «no PRD, no PRD, no PRD...». «Compreendo a vossa pressão, agrada-me a vossa pressão, mas deixem-me acabar», atalhava Eanes, para concluir: «votem em consciência, votem em Portugal...» A assistência recomeçava - «no PRD, no PRD» - e o orador sobrepunha-se-lhe: «votem em consciência, os partidos passam, os portugueses ficam, Portugal é eterno».

Foi assim, pescadinha de rabo na boca, a roçar o patético, o encerramento do comício do PRD, ontem à noite, no Parque Eduardo VII, em Lisboa. Perante um público entusiástico e ansioso por ouvir da boca do seu líder o apelo ao voto no partido, Eanes, inflexível, manteve a sua postura presidencial, quase que suprapartidária.

Neste fim de festa, à medida da militância e da organização dos renovadores, retomavam-se os grandes temas de uma campanha que queima os seus últimos três dias com falta de garra e sem o crescendo que os ganhadores imprimem sempre às suas últimas apostas. Inexperiência e escassez de recursos, mas também um estilo próprio levado ao paroxismo, impõem-se num partido que se mostra mais uma vez uma grande incógnita e que escapa às grelhas tradicionais de análise do impacto eleitoral das formações políticas.

### «O espectro da direita»

Sem ter sido um fracasso, o comício que ontem reuniu no Parque Eduardo VII os principais dirigentes do PRD ficou certamente aquém do resultado conseguido na sexta feira passada, no Porto. Para os responsáveis do partido, porém, ele correspondeu ao que se esperava e reflectiu bem a natureza de «partido de votantes e não de militantes», que há muito reivindicam para o PRD.

Aberta com uma intervenção vibrante de Marques Júnior, a sessão atingiu o seu ponto mais alto quando o cabeça de lista por Setúbal se insurgiu contra a afirmação de Cavaco Silva de que o 19 de Julho será mais importante que o 25 de Abril. «Será que esta não é a data que separa a tolerância da arrogância? haverá algo mais importante que o 25 de Abril?», perguntou emocionado, com a sua voz profunda e enrouquecida, aquele militar de Abril. Em resposta, pela primeira vez em toda a campanha do PRD, ouviu-se a assistência gritar: «25 de Abril sempre, 25 de Abril sempre...»

Falando de uma «direita antidemocrática que quer recuperar os seus privilégios» e se esconde no PSD, Marques Júnior disse que «há de facto o espectro da direita a ameaçar-nos», mas garantiu: «as liberdades não sucumbirão em 19 de Julho, sejam quais forem os resultados, porque os democratas não o permitirão».

Num apelo ao eleitorado, pediu para que o 19 de Julho, dia do segundo aniversário do PRD, se torne numa data importante, «uma data que represente a concretização do espírito de Abril». Depois da pergunta que vem fazendo em todos os seus discursos - «querem Cavaco ou Eanes? -, com a multidão a gritar o nome de Eanes, Marques Júnior concluiu sob aplausos frenéticos: «o 19 de Julho é importante porque vai consolidar e reforçar o 25 de Abril para sempre!»

Num palco emoldurado por jovens empunhando bandeiras do PRD, tal como uma boa parte da assistência, seguiram-se o líder da juventude renovadora e Magalhães Mota, que se referiu às grandes escolhas que o povo português terá de fazer no próximo domingo. Natália Correia, tal como em todas os comícios em que participou, falou de «jogo perigoso», afirmando que «a aposta do PSD numa maioria absoluta não é de molde a sossegar-nos, quando já falam em Cavaco Silva de forma messiânica e no meio de ondas de incenso sebástico». Enumerou as razões que a levaram a candidatar-se, designadamente do facto de o PRD ser «o único entrave à ditadura de duas cabeças e ao cortejo de compadrio e radicalização que esse sistema implica», e criticou a «esquerda tradicional, porque a esquerda não pode ser apenas materialista e economicista».

Sobre a direita, disse que «ela não serve o futuro, porque o futuro ou é espiritual e existencial ou não é futuro». Depois de criticar a «misogenia» da direita e da esquerda tradicional, referiu-se a «uma juventude que se arrasta pelas ruas de Lisboa atrás de ideias velhas», e sustentou que «uma juventude que segue ideias conservadoras não é juventude». Mais política, perguntou como é que Portugal não há-de parar, «se o Governo se esqueceu de meter os travões», e desejou que o Governo seja travado no dia 19 de Julho «para o país não derrapar».

### Uma explicação nova

Medeiros Ferreira surpreendeu o auditório com uma nova explicação para a convocação destas eleições. Segundo afirmou, foi o compromisso assumido pelos negociadores da adesão á CEE, no sentido da realização de eleições directas para o Parlamento Europeu até ao fim deste ano, que inviabilizou uma saída governativa de centro-esquerda para a crise. Entretanto, o empresario Jorge de Figueiredo, um ex-eanista que tem afirmado publicamente ir votar em Cavaco Silva, passeava-se pelo palco, num estado de duvidosa sobriedade, soltando toda a espécie de impropérios contra o número da lista do PRD para Estrasburgo...

Recebido aos gritos de «com Eanes e Martinho, Portugal no bom caminho», o vice-presidente do partido voltou às diferenças entre o trabalho parlamentar do PRD e o dos outros partidos e enunciou, uma por uma, as grandes àreas onde o governo do PSD falhou. Sobre a agricultura, disse que não temos uma política agrícola e que ela «tem servido apenas para lançar os portugueses uns contra os outros». «A Zona de Intervenção da Reforma Agrária, sublinhou, é o território do mundo com maior número de ilegalidades por quilómetro quadrado». Referiu-se igualmente à ausência de política industrial, à situação da educação, da saúde e da assistência, ao crescimento da corrupção e do compadrio. «Ninguém ocupa nenhum tacho por ser do PRD, mas eu conheço muita gente que tem sido prejudicada por ser do PRD», disse.

Acerca de Eanes subscreveu a acusação de que o general «não tem características para ser líder partidário». Mas com uma ressalva: «Se para ter essas características é preciso dizer mentiras e fazer demagogia, então Eanes não tem características de líder partidário.»

Hermínio Martinho terminou o seu discurso lembrando aquilo que tem vindo a afirmar sistemáticamente - e que aliás o próprio líder do partido repetiria a seguir: «esta é a primeira vez em que os portugueses vão poder votar para pôr Ramalho Eanes no lugar em que se resolvem os problemas, que é no Governo».

### «O PRD veio para ficar»

Aplaudido em delírio, Ramalho Eanes dedicou o comício à juventude e «aos homens que lutaram para que todos os portugueses tivessem vez e voz». Fez um discurso curto e sublinhou que «o PRD apareceu para que os melhores lugares fossem ocupados pelos mais competentes, independentemente da sua filiação partidária». Mas sobre o seu partido falou também de uma maneira diferente da habitual: «Aqueles que durante meses disseram que o PRD estava defunto, hoje têm de reconhecer que ele não está defunto e se vai afirmar e reforçar ainda com mais determinação na vida política portuguesa. Hoje, esses pequenos e médios vendilhões reconhecem que o PRD veio para ficar e não é possível deixar de contar com ele.»

Depois de afirmar que «o PRD propõe um Governo de alternativa que apenas será possível com um Governo forte, bem forte» e de ousar dizer: «é isso que pretendemos destas eleições»; Eanes recuou e voltou à desesperante, para os seus adeptos, teoria do «voto em consciência».

Foi a cena que se descreve no início desta prosa e foi o fim do comício... Apenas uma convicção profunda, a tal maneira diferente de estar na política, ou também uma obsessão e uma estratégia eleitoral?

O resto do dia das figuras de proa da campanha do PRD foi relativamente calmo. Visitas muito bem sucedidas, em Cabo Ruivo, à Centrel (com um muito comentado plenário da CGTP, na presença do seu coordenador nacional, a coincidir), à UTIC e à Dialap, no caso de Eanes. Passagens por bairros da cidade e uma ida a Moscavide, que reuniu milhares de pessoas na Avenida Central e foi considerada um dos momentos mais importantes da campanha, no caso de Manuela Eanes. Por último, um passeio pela Baixa e uma visita à Amadora para Hermínio Martinho.

Hoje, prosseguindo uma estratégia original de abrandamento na recta final, a campanha do PRD quase que se resume a um comício em Santarém.

Amanhã, será o encerramento em Setúbal.

# DE NORTE A SUL

• Apoiada na bengala, a mulher dirigiu-se primeiro aos agentes da segurança que acompanhavam Adriano Moreira na Costa da Caparica, dizendo: «Tenho 86 anos e isto está cada vez pior por causa dos comunistas. Eu quero é Adriano e o Cavaco juntos. No dia 19 lá estarei a votar no CDS». Quando o líder do CDS ficou mais próximo, a mulher expressou-lhe a vontade de que PSD e CDS se coligassem e disse a Adriano: «O senhor é um português às direitas. Deus o ajude. Cunhais e Tomés, só aos pontapés».

• Centenas de portugueses estão a ver e a confirmar com as mãos se o carro de Cavaco Silva é mesmo blindado. A Comunicação Social divulgou que Cavaco está a efectuar a campanha eleitoral a bordo de um carro blindado. Agora, quando o candidato pára em qualquer povoação, as pessoas dividem-se entre o tocar no primeiro-ministro ou o apalpar (ás vezes a murro) a chapa blindada. Comentário de um dos membros da comitiva oficial: «O primeiro-ministro nunca mais vai poder abandonar o blindado». É que — explica ele — «se alguma vez se mudar para um carro normal, as pessoas acabam por o espatifar todo para ver se é mesmo blindado».

• Cavaco Silva é um candidato bem protegido, até mesmo com o leite que toma antes de se deitar. Na Guarda, por exemplo, o empregado do hotel onde pernoitou Cavaco Silva ficou estupefacto quando um dos homens da segurança insistiu em provar o leite morno que o candidato tinha pedido. Provado o leite (noutro copo, é claro), ficou esclarecido que o produto estava em condições de subir até ao quarto de Cavaco Silva. A justificação oficial da prova é que «era preciso ver se o leite estava azedo». No capítulo de bebidas, a água que Cavaco bebe durante os comícios é exclusivamente fornecida pelos homens da segurança, que a transportam numa pequena arca frigorífica de mão.

• Setúbal foi ontem á noite uma cidade muito concorrida: em simultâneo decorreram comícios do PS e CDS. Devido a esta actividade política, o grupo de teatro «A Barraca» cancelou o espectáculo previsto para aquela noite e parte dos seus elementos, entre os quais Maria do Céu Guerra, assistiram ao comício do PS da varanda de um prédio em frente ao largo.

• Durante a visita ao distrito de Setúbal, muitas pessoas aguardavam Vítor Constâncio para lhe perguntarem se ele tinha a certeza de que não faria alianças com o PSD. A isto Vítor Constâncio respondia: «Sou secretário-geral há um ano, posso garantir que com o PSD nunca mais». Mas em Setúbal, um homem um pouco desconfiado diz a Vítor Constâncio: «A ver se o sotor é um bocadinho mais certo que o dr. Mário Soares...»

• Álvaro Cunhal, a insistência dos jornalistas, disse à noite, em Castanheira do Ribatejo, qual seria, em sua opinião, a distribuição «ideal» dos votos nos partidos de esquerda em 19 de Julho: 20 por cento para o PS, 20 por cento para a CDU e 14 por cento para o PRD, e apresentou-os mesmo por esta ordem.

• Estava a ser servida a sobremesa no jantar convívio da CDU, em Castanheira do Ribatejo, quando Álvaro Cunhal se acercou da mesa dos jornalistas. Solicito, a ajudar a distribuir os vários doces, o líder comunista passeou a vista pela mesa e, franzindo o sobrolho, perguntou irónico: «Então e o mel?». De facto Cunhal tem sido presenteado durante toda a campanha com boiões de mel dos mais variados tamanhos, mas nunca o saboroso nectar das abelhas foi servido nas refeições em que o dirigente do PCP participa.

# NA "COLMEIA" DA MARGEM SUL TAMBÉM HOUVE MEL PARA CONSTÂNCIO

## PS

Augusto Vilela

Confiante e determinado, Vítor Constâncio fez ontem em Setúbal um apelo directo e veemente a todos os que estiveram na candidatura de Mário Soares, para apoiarem o PS, a fim de completarem a vitória de 1985. «Daqui convoco todos aqueles que estiveram na candidatura de Mário Soares contra Freitas do Amaral, todas as forças do trabalho e da cultura, a juntarem–se ao Partido Socialista, para vencermos a direita», disse o secretário geral do PS, depois de ter lançado o aviso de que ninguém lhe poderia exigir que formasse um Governo, se o PS não tivesse um resultado forte.

Falando perante alguns milhares de pessoas que enchiam por completo o Largo da Misericórdia, foi a primeira vez, ao longo desta campanha, que Vítor Constâncio fez um apelo de forma tão directa e veemente, àqueles que estiveram no MASP e aos eleitores que votaram em Mário Soares. Tal como o actual Presidente da República, Constâncio está a subir a pulso nesta campanha eleitoral, está de facto «a dar o máximo», a tornar–se um líder assumido e com respaldo popular cada vez maior.

Num ambiente de entusiasmo, e num comício que superou o que habitualmente o PS tem conseguido fazer em Setúbal, Constâncio convocou também «todos os socialistas» para, daqui até ao dia 19, «encherem as ruas com as suas bandeiras e a sua alegria».

«Daqui até domingo exijo–vos o máximo, porque eu estou a dar o máximo. É necessário alegria, é necessário determinação. É necessário que o combate dos socialistas tenha a coragem como pressuposto, a vitória como como objectivo, o socialismo como meta».

Fortes ataques ao PSD marcaram o discurso de Constâncio em Setúbal, um discurso adaptado à situação particular daquele distrito, em que o líder socialista enumerou uma comprida lista de actos do Governo de Cavaco Silva, para fazer a demonstração que Setúbal tem sido vítima do esquecimento e da falta de interesse em resolver os seus problemas

No distrito onde existe mais desemprego, mais contratos a prazo, mais salários em atraso, Constâncio denunciou o projecto social do PSD, «representante dos grande interesses que querem o liberalismo salvagem, o domínio dos mais fortes sobre os mais fracos», e essas forças que «querem combater o Estado quando ele é social, mas querem possuí–lo e dirigi–lo quando ele possibilita e facilita os negócios».

Falou da lei dos despedimentos do PSD, que visa «estabelecer o autoritarismo e o medo nos empregos, essa concepção que nem já os empresários mais modernos aceitam». Referiu–se aos aumentos de pensões que, disse Constâncio, «foram uma benesse eleitoralista, possibilitadas por receitas que este Governo não criou, mas que anunciou já que o Estado não pode continuar a assumir essas responsabilidades».

Constâncio reafirmou, por outro lado que, com o PSD «nunca mais», sublinhando que «o PS tem hoje uma posição clara: somos uma alternativa, a única alternativa à direita portuguesa».

Com um conhecimento profundo e detalhado dos diversos problemas do distrito, Constâncio fez a caracterização de todos eles e lembrou «o encerramento da Petroquímica, com o abuso do despedimento dos trabalhadores por decreto, sem quaisquer indemnizações», condenou «um PSD que agora, no Gabinete da Area de Sines, usa posições descriminatórias na recolocação dos trabalhadores que não se digam do PSD», acusou o PSD de não querer nenhum programa de desenvolvimento integrado para Setúbal.

### Há mel para todos

Constâncio começou o seu dia pela Costa da Caparica, depois de ter atravessado de barco para a outra banda.

Em Alamda visitou mercados e contactou com vendedores e clientes. Como em todos os mercados ouviu queixas.

Já com algum atraso, a caravana socialista chegou ao Barreiro perto das 13 horas, entrando assim na zona de mais forte implantação do PCP. Ninguém esperava ver as portas abertas de par em par para Vitor Constâncio, mas tinha uma razoável ajuntamento á sua espera, junto à sede local do PS, animado por um grupo numeroso de jóvens.

Neste histórico bastião do PC, o líder socialista fez uma intervenção, apelando á concentração do voto no PS.

Disse que o seu partido tem vindo a fazer «uma grande campanha para vencer as forças de direita, agrupadas no PSD», ainda que existindo contradições entre elas.

Alertou para os riscos de uma vitória do PSD, que criaria a instabilidade, com a resposta que os trabalhadores dariam, face à diminuição dos seus direitos sociais.

«Por tudo isso, afirmou, o projecto do PSD é um projecto de rotura social. Só o PS pode travar o PSD. Se nesta campanha criticamos outros partidos, é porque sentimos essa necessidade. Para vencer a direita não basta votar contra o PSD. É urgente e necessária a concentração de votos no PS. Todos os homens e mulheres de esquerda têm de perceber aquilo que a direita já percebeu».

Falou do desemprego e dos salários em atraso e afirmou ser necessário «uma política de aproveitamento do sector empresarial do Estado e não a sua destruição». Reafirmou que o PS apelava ao voto dos portugueses em nome do seu programa, «mas também em nome dessa necessidade de vencer as forças de direita».

Fez depois um percurso a pé pelas ruas do Barreiro, acompanhado por um grupo numeroso de apoiantes.

Cumprimentou pessoas na rua, saudou outras nas varanda e janelas. Encontrou um ambiente receptivo e cordial. A sua passagem provocou curiosidade e simpatia. Para muita gente ele é a novidade desta campanha. As pessoas querem vê–lo de perto, mesmo que tenham outras opções de esquerda.

Longe vão os tempos do radicalismo. O Barreiro deu ontem uma lição de convivência democrática. Não existe ali a «coacção social» que Vítor Constâncio tem denunciado em vários pontos do País.

À partida um miúdo vem despedir–se ao autocarro com um «Até à vitória».

### Sezimbra animou

O Lavradio foi a etapa seguinte. Pouca gente na estrada. É a hora do trabalho. Mesmo assim Constâncio encontrou uma pequena recepção. Cerca de uma centena de apoiantes. Mulheres e crianças metem–se à frente para obrigar o autocarro a parar. Constâncio faz uma pequena intervenção, apenas para lembrar que «o ano passado vencemos as eleições presidenciais, também este ano podemos vencer». Lembrou que o PSD «quer a diminuição dos direitos das pessoas que vivem do seu trabalho, quer, no fundo, manter privilégios e velhas desigualdades».

Na outra esquina há um grupo de curiosos que não se manifesta. Obviamente apoiantes da CDU, na sua maior parte. Constâncio foi cumprimentá–los. Tudo cordial e amigo.

O almoço foi no Montijo...Mais uma vez carne assada, prato que os membris da comitiva andam a comer há duas semanas.

Inicia–se o trajecto para Sezimbra. Constâncio faz mais uma paragem obrigatória. Um grupo de mulheres, em Alcochete mete–se à frente do autocarro. «Ah, Vitinho. Estava a ver que não paravas». Outra, bastante mais velha e mais emocionada, exclama: «Meus ricos netos, que vão ter uma coisa boa a governar».

De novo no Montijo, Constâncio foi encontrar já mais gente e mais animação.

O líder socialista acusa já no entanto muita fadiga. Aproveita para dormir no autocarro e só acorda em Sezimbra, com a recepção mais entusiástica do dia, se excluirmos o comício.

A chegada a Setúbal foi discreta. Constâncio deu uma volta pelas ruas de maior comércio local, mas o ambiente era apenas morno e o cansaço muito. Acabou por ir dormir mais um pouco num hotel.

O comício reanimou as hostes socialistas, que esta manhã estão já no Porto, mobilizando para o comício de logo á noite, na rotunda da Boavista.

## O palco ruiu

A tragédia esteve à vista ontem em Setúbal. O comício do PS havia terminado há pouco. Vítor Constâncio preparava–se com a mulher para abandonar o palco, onde ainda se encontrava muita gente.

De repente tudo aquilo ruiu, gerando–se por momentos algum pânico. Constâncio e a mulher não chegaram a cair, mas outrass pessoas viram–se de repente no chão com instrumentos musicais espalhados por todo o lado.

Não houve felizmente feridos. Vítor Hugo Sequeira chegou a causar preocupação e era o mais combalido. Não tinha porém ferimentos. Fora apenas atingido no abdómen pelo joelho de outra pessoa que caiu sobre ele.

Mais duas pessoas foram prontamente assistidas mas não tinham nada de grave. Apenas ligeiras contusões.

Suportado por uma débil estrutura de madeira, sem qualquer travamento, e construído de forma absolutamente irresponsável, ao que parece por pessoal da Camara, em horas livres, o palco desde o início que não inspirava confiança.

João Paulo Beça, responsável do P. para a montagem dos vários comícios, mas que não participou neste, apercebeu–se desse facto logo no princípio e pediu mesmo aos jornalistas para não se concentrarem ali. Aconteceu o que se estava a prever. Aconteceu um aviso.

*MDP/CDE em balanço de campanha:*

# "Mais de metade do eleitorado de Pintasilgo votará em nós"

«Onde pensam vocês ir buscar os votos?», perguntou um dos jornalistas presentes à conferência de Imprensa que o MDP/CDE realizou ontem na sua sede, em Campo de Ourique, para fazer o balanço da campanha. Sucederam-se os depoimentos de quatro dos candidatos a deputados sentados na mesa do encontro com a Comunicação Social. Jorge Fagundes, Augusto Pascoal, Isabel Moura, e António Gonzalez foram activistas e votantes de Maria de Lourdes Pintasilgo quando das eleições presidenciais, disseram peremptórios: «Cremos que mais de metade do eleitorado que votou em Pintasilgo vai concentrar-se agora no MDP.»

Depois, José Manuel Tengarrinha falou da dinâmica que o partido de que é presidente conseguiu nesta campanha do entusiasmo nascente, das manifestações de simpatia (que muitas vezes até acabam por não se traduzir em votos) mas também das adesões «contabilizáveis», da reabertura ou da inauguração de sedes locais do MPD/CDE pelo País fora: E acrescentou: «Houve muita gente que se havia afastado do partido desiludida nos últimos tempos com a APU: agora voltaram, e é também com eles que contamos.»

Seja como for, as circunstâncias parecem ser-lhes favoráveis, embora as sondagens várias que têm aparecido, para uso interno dos partidos, ou publicadas no estrangeiro mostrem que não acontecerá a repetição de um grupo parlamentar com a mesma composição numérica que o MDP teve nas últimas eleições em que concorreu sozinho. Em 1975 aquele partido teve cinco deputados hoje é mais difícil.

### «Nunca fomos marxistas-leninistas»

As perguntas do jornalistas acabaram por incidir, insistentemente, nos aspectos do percurso político destes dez anos que separam o actual impulso autonomista do MDP dos tempos da formação da APU. Tengarrinha considerou o projecto inicial da coligação como correcto e positivo, «na altura», pois era então urgente um «trabalho unitário». Tudo começou a correr mal, disse quando o PCP procurou hegemonizar e partidarizar a aliança abafando a identidade do MDP e subvertendo o espírito pretendido.

Em 1981, com o 4.º Congresso do MDP/CDE questionou-se pela primeira vez o caminho seguido falou-se sobre que outras vias para a construção da democracia socialista seriam possíveis e salutares, e tentou-se pioneiramente uma «reflexão livre e renovadora à esquerda», segundo palavras de José Manuel Tengarrinha. A verdade é que, disse ainda, «nunca fomos marxistas-leninistas».

Entretanto, a APU morreu mas fica a curiosidade manifestada por um jornalista: admite-se para o futuro o retorno a cooperação com o Partido Comunista? Que não, responde Tengarrinha, enquanto o PCP «tiver a concepção de unidade que tem hoje». Mas nem por isso não é uma característica fundamental do MDP/CDE a exaltação de princípio de uma convergência e colaboração entre as formações de esquerda, em «planos de consenso e de compromisso, sem hegemonias», o que não exclui ninguém.

Neste mesmo sentido de disponibilidade para entendimentos com outras esquerdas («de facto não encontramos relutância noutras forças para uma colaboração connosco», considerou o presidente do MDP), foi uma vitória para o partido que constitui a única novidade destas eleições, a revelação vinda de Nice, em França, Eduardo Lourenço, o homem que é um pouco a consciência (boa e má) da nossa esquerda global, declarou que considera importante a presença do MDP/CDE na Assembleia da República, para que surja finalmente no nosso país «uma nova esquerda», com um novo impulso.

**REP**

## Novo provedor da Misericórdia de Setúbal tomou posse

A Santa Casa da Misericórdia de Setúbal «necessita de pedir muito para dar cada vez mais» — disse o seu novo provedor, Mário Pedro Ferro, ontem empossado, que acrescentou: «Os bens actuais da Misericórdia foram perdendo valor, até porque o que é da Misericórdia é tomado como regalia dos que necessitam de ajuda e, quantas vezes dos outros que se aproveitam da situação».

O novo provedor da Misericórdia, que vai exercer o mandato no triénio 1987/90, tomou posse perante a anterior mesa, com a presença de cerca de meia centena de irmãos.

A cerimónia teve lugar no Lar Acácio Barradas, em Setúbal, e contou com a presença de monsenhor Manuel Marques, vigário geral da vara de Setúbal.

O anterior provedor, Ruben Valle Santos congratulou-se por a Misericórdia de Setúbal ter recebido recentemente 2600 contos destinados ao pagamento da indemnização resultante da oficialização do hospital.

Segundo Ruben Valle Santos, «o Estado compenetrou-se, neste caso, e por inteiro, da sua condição de pessoa de bem».

*Por causa de uma dívida de 1500 contos*

# EDP AMEAÇA BV DE SETÚBAL COM ESCURIDÃO NA 2.ª FEIRA...

**A EDP mantém a ameaça sobre os Bombeiros Voluntários de Setúbal: caso não encontrem saída para os 1500 contos em dívida por fornecimento de energia, os BV de Setúbal correrão o risco de ficar sem luz no dia a seguir às eleições. O Centro de Distribuição de Setúbal da EDP anunciou que «haverá corte de energia aos Bombeiros Voluntários de Setúbal se até ao dia 20 não for feita qualquer planificação para pagamento da dívida à EDP».**

Manuel Mindérico, daquele Centro, disse estar convencido de que os Bombeiros Voluntários «vão conseguir ltrapassar a situação, porque a EDP está sempre aberta ao diálogo». Declarou ainda que «desde 1984 que os Bombeiros Voluntários não pagam energia. A dívida ascende a 1500 contos e a EDP, como serviço público, tem que tratar os utentes a todos da mesma maneira. No entanto, já tivemos tudo em consideração e há que arranjar plataformas para satisfazer o pagamento da dívida».

Os Bombeiros Voluntários reúnem-se hoje com o vereador Sousa Pinto, do pelouro dos Bombeiros do Município de Setúbal, a fim de solucionarem a questão da dívida, já que a EDP deu como prazo o dia 20 de Julho para o corte de energia.

«Sempre temos demonstrado a melhor boa vontade e estou certo que o diálogo vai ultrapassar o problema. Só espero que me seja indicada a forma do pagamento da dívida. Tenho esperança de que tudo se resolva.»

### Carreiras profissionais: acordo pode ser negociado

Os trabalhadores das Associações de Bombeiros pretendem negociar um acordo de carreiras profissionais e reclamam remunerações próximas das fixadas para a Função Pública — revelou o Sindicato dos Trabalhadores da Saúde e Segurança Social (STSSS).

Em comunicado ontem divulgado, afirmam que nas conversações com o presidente da Liga dos Bombeiros Portugueses, em Março, os trabalhadores do sector propuseram que esta confederação actuasse junto dos corpos sociais das Associações «no sentido de serem revistas as situações mais gritantes do sector».

Reunidos há dias no Porto e em Braga, os trabalhadores das Associações de Bombeiros aprovaram um projecto de acordo laboral para o sector. Este projecto, que esteve em discussão durante um mês e meio, contempla diversas matérias como carreiras profissonais, funções, promoções, retribuições salariais e outras.

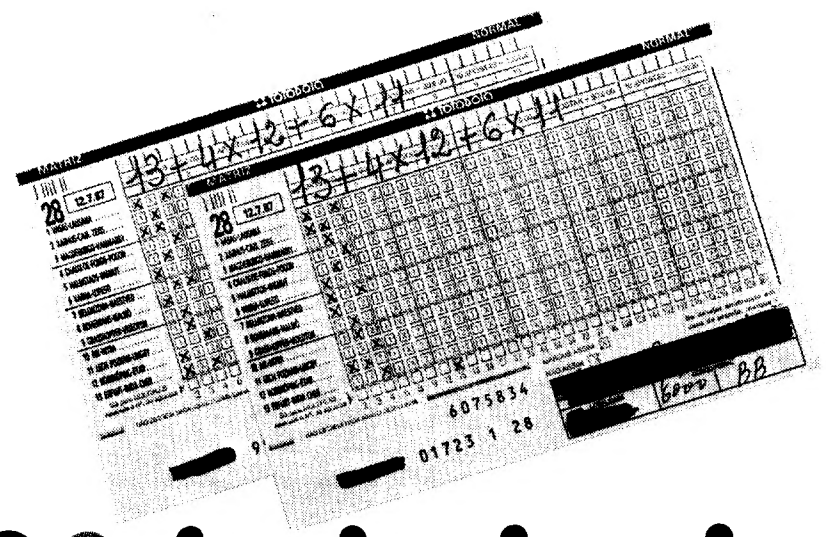
Foi aprovado, na oportunidade, um quadro/tipo de carreiras e categorias, definidas pelas respectivas funções, no âmbito de um estatuto de benefícios que consagra igualmente o direito a diuturnidades e subsídios de refeição.

De acordo com o comunicado do STSSS, estas propostas vão ser enviadas à Liga dos Bombeiros Portugueses com o pedido de abertura de um processo de negociões a iniciar dentro dos próximoos quatro meses por forma a entrar em vigor em 1988.


MAIS 2 MILIONÁRIOS!
MAIS DE 4 MIL CONTOS
PARA CADA UM!

**Os Concursos «Final de Época» dão sempre bons prémios!**

O Concurso 28 — um «Final de Época» — fez mais
2 milionários, que não prescindiram do anonimato.
Apesar disso, soubemos que o primeiro é reformado, reside
perto de Castelo Branco e valeu-lhe a pena jogar no Totobola.
O segundo é de Lisboa. Está de férias no Algarve. Para além
do bom palpite, uma particularidade comum:
ambos jogaram com múltiplas de 16 apostas. Tudo somado:
um 1.º prémio de 2.729.775$00
quatro segundos e seis terceiros prémios totalizaram mais
de quatro mil contos para cada um.
**Os concursos «Final de Época» do Totobola dão sempre
bons prémios e fazem milionários!
Seja você o próximo!**




totobola

*Além dos estudos genéticos de paternidade*

# INFORMÁTICA TAMBÉM É APLICADA NOS ENXERTOS RENAIS EM PORTUGAL

**Mais de 80 por cento dos hospitais mundiais estão apetrechados com computadores, dos quais vinte por cento são dedicados à investigação clínica. Entre nós, a informática tem particular incidência na transplantação, tendo começado a ser aplicada nomeadamente nos enxertos renais, além dos estudos genéticos de paternidade.**

Neste último caso — a aplicação nos estudos genéticos de paternidade — permite não apenas a exclusão de paternidade, como a sua inclusão através de maior ou menor percentagem de marcadores genéticos.

Desde 2.ª feira que decorre na Fundação Calouste Gulbenkian o III Curso de Imunologia, onde aqueles e outros dados foram revelados. É muito provável que até sábado — últio dia dos trabalhos — outras revelações venham a ser feitas.

Augusto Matthioli Mateus, director do laboratório de análises clínicas do Hospital da Marinha, de Lisboa, e coordenador da secção de informática médica do Serviço de Imunologia, referiu que a situação portuguesa nada tem a ver com a internacional, onde a informática apoia a decisão clínica, no prognóstico, na simulação de casos e da predição. Em Portugal aplica-se também nos estudos genéticos de paternidade, permitindo não só a exclusão de paternidade, como a sua inclusão através de maior ou menor percentagem de marcadores genéticos, como acima se disse.

Uma determinada percentagem desses marcadores genéticos — explicou — permitira afirmar com valor médico-legal que determinado indivíduo é o pai de uma criança, em relação a outro com menores percentagens.

A informática foi ainda utilizada em estudos genéticos da população portuguesa através de uma tipagem de população em diferentes regiões. Como meta futura, Matthioli Mateus salientou ser um desafio a aplicação da informática ao ensino e ao estudo de modelos informáticos.

O ensino poderá vir a ser assistido pelo computador onde a técnica permitirá igualmente a reconstrução de modelos de situações que acontecem na vida real.

No terceiro dia do curso de aperfeiçoamento em Imunologia, que tem reunido na Fundação Gulbenkian médicos, biólogos, veterinários e outros profissionais de diversos ramos da Medicina, também Manuela Prates Caetano descreveu a panorâmica nacional, praticamente nula, de informação escrita sobre a Imunologia, comparativamente com os dez milhões de revistas, jornais e resumos publicados no mundo inteiro.

Essa carência de informação especializada em Portugal levou o responsvel pelo curso, o catedrático de Imunologia da Faculdade de Ciências Médicas, Machado Caetano, a propor aos participantes uma troca de experiências com resumos ou trabalhos de investigação de forma a estabelecer-se também em Portugal aquilo que no estrangeiro se designa por «Users Friends Systems» (Sistema Amigável) — novos horizontes a nível de informação imunológica.

O curso, que termina sábado na FIL (Feira Industrial de Lisboa) debruça-se hoje sobre «As Deficiências Imunitárias», da responsabilidade de Hélder Trindade, «Imunidade e Doenças Endocrinológicas», de Luís Sobrinho, e «Homotransplantação Humana», da responsabilidade de Machado Caetano.

## Prédio na Penha de França danificado por explosão de gás

A explosão de uma garrafa de gás ocorrida, pelas sete horas da manhã de ontem, na cave do prédio n.º 13, da Rua Augusto Vieira, à Penha de França, em Lisboa, provocou ferimentos na locatária causadora do acidente e danos consideráveis em todos os andares do imóvel construído há apenas cerca de dez anos.

Na sequência da explosão todos os inquilinos saíram em pânico para a rua, com excepção de duas senhoras já idosas residentes no último piso e da ferida, Isménia de Jesus, de 58 anos, que vive sozinha e que sofreu lesões nas pernas. No local esteve um piquete do Batalhão de Sapadores Bombeiros.

*Em viagem pela Europa comunitária*

## Navio-escola italiano estará sábado em Lisboa

"Longa vida ao mar" é a mensagem comunitária que o navio-escola italiano "Amerigo Vespucci" traz sábado a Lisboa, o primeiro dos nove portos europeus que visitará nos próximos três meses.

A mensagem, que apela à protecção da vida marinha, à recuperação das zonas degradadas e à luta contra a poluição é enviada pela Comissão das Comunidades Europeias e a viagem do "Amerigo Vespucci" integra-se nas iniciativas do Ano Europeu do Ambiente.

O navio-escola italiano, que permanecerá cinco dias na gare marítima da Rocha (doca de Alcântara) participa no "Projecto Aquarius", de protecção à vida marinha e traz a bordo uma delegação de "Saraghi", "embaixadores do mar" que são simples e comuns peixes dos mares europeus.

Durante a sua estada em Lisboa o "Amerigo Vespucci" poderá ser visitado da parte da tarde, estando também previstas visitas guiadas, mediante inscrição prévia.

O navio-escola italiano, que aceitará as mensagens dos seus visitantes, a depositar numa garrafa, à semelhança da forma utilizada pelos náufragos para transmitir os seus pedidos de socorro.

Uma recepcção a bordo, oferecida pelo comandante, fogo-de- artifício, organizado pela Câmara Municipal de Lisboa e uma cerimónia militar de homenagem aos navegadores portugueses estão também previstos no programa do "Amerigo Vespucci".

## Morto a tiro guarda de escola de Mem Martins

Na garagem da sua residência na Rinchoa, Rio de Mouro, apareceu morto um guarda a Escola Secundária de Mem Martins, no concelho de Sintra. Atónio Joaquim Teles, de 53 anos, apresentava um ferimento na cabeça, «em meia-lua e com gande comprimento», tendo sido encontrado já sem vida pela mulher. Junto ao cadáver estava uma pistola «Star» 7.65 (calibre de arma de guerra) que António Teles comprara há meses a um indivíduo chamado José Oliveira, que a Polícia Judiciaria, dado haver suspeita de homicídio, procura agora localizar.

## Bombas de gasolina assaltadas em Guimarães e em Caneças

Indivíduos armados e de rosto coberto assaltaram, na madrugada de ontem, dois postos de abastecimento de gasolina em Guimarães e em Caneças, no concelho de Loures, tendo roubado um total de cerca de 100 contos.

Na primeira destas acções os assaltantes, que ainda fizeram alguns disparos de intimidação com as pistolas-metralhadoras que empunhavam levaram apenas cinco dezenas de contos existentes na mala do gasolineiro não conseguindo localizar um cofre onde estavam depositados 500 contos.

## Roubados três quadros avaliados em 11 300 contos

Um coleccionador de obras de arte de ascendência iraniana, naturalizado norte-americano, vivendo há dois anos em Lisboa, participou à Polícia Judiciária o desaparecimento na madrugada de ontem da sua residência, na Rua Rodrigo da Fonseca, de três quadros avaliados em cerca de 11 330 contos, cujos autores não especificou. O suspeito do furto é um jovem que, na noite de segunda para terça-feira, pernoitou no andar, tendo saído quando o locatário ainda dormia.

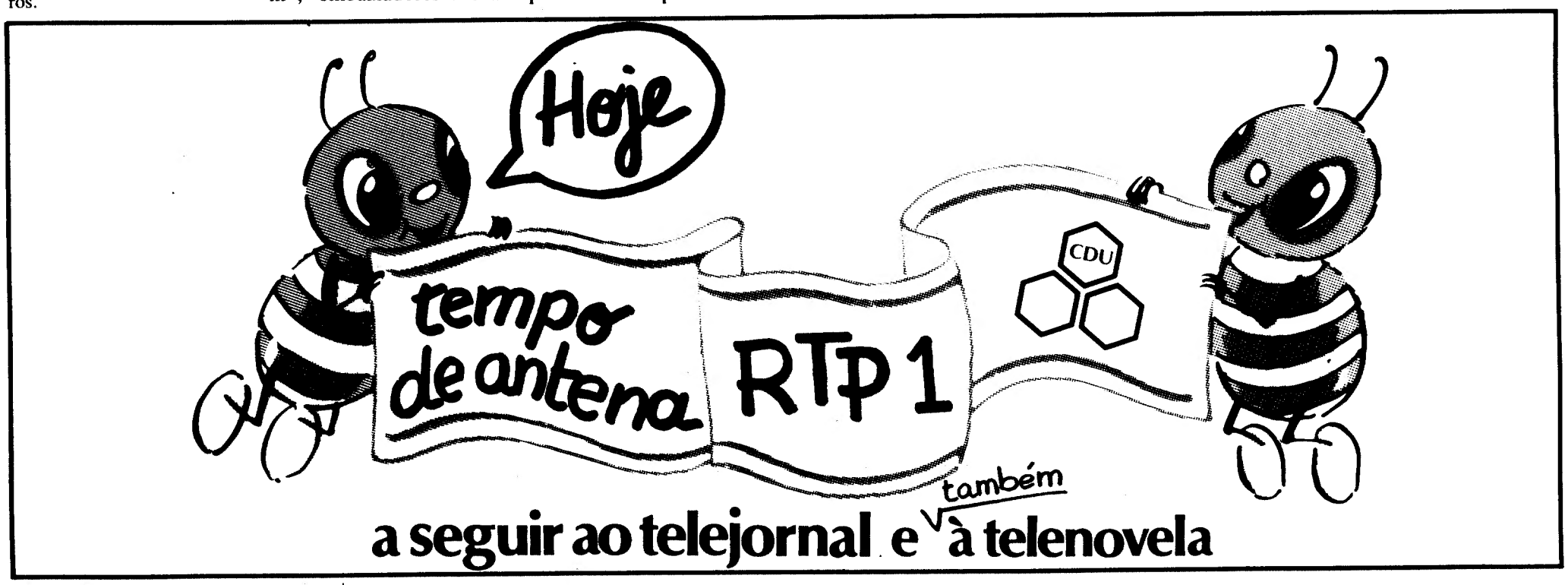
## Suicida em barco do Barreiro estivera no Miguel Bombarda

As autoridades policiais confirmaram a identidade do passageiro que, ontem de manhã, se atirou ao Tejo quando viajava num barco que se dirigia do Barreiro para Lisboa. Trata-se efectivamente de Manuel Luciano Martins, de 27 anos, natural de Melides, Grândola, que frequentava um curso de electricista na Amadora, depois de ter estado vários meses internado no Hospital Miguel Bombarda, devido a problemas de consumo de droga.

Até ao momento o corpo ainda não deu à costa.

## Acidente vitimou português em Espanha

Um emigrante português residente em Genebra, na Suíça, morreu ontem no despiste do automóvel que conduzia próximo de Calahorra, na província espnhola de Logronho. O carro que vitimou Marinho dos Santos Baptista, de 31 anos, um «BX--TN», saiu da estrada por razões desconhecidas, dando várias voltas sobre si mesmo. No acidente ocorrido no troço entre Bilbau e Saragoça, ficou ainda gravemente ferido um outro nosso compatriota, António Carlos Jerónimo Pereira, de 18 anos, também morador na mesma cidade helvética.

# "VERDES" ALEMÃES CONTRA PORTUGUESES: FRIEDER WOLF DESMENTE AFIRMAÇÕES DE HERCULANO POMBO

Frieder Wolf, o deputado no Parlamento Europeu pelo Partido «Os Verdes» da Alemanha Federaal que esteve entre nós no fim-de-semana de 11 e 22 de Julho, a convite do MDP/CDE, enviou à Imprensa portuguesa uma declaração na qual protesta contra afirmações de Herculano Pombo numa sessão de esclarecimento realizada em Lisboapela CDU, enquanto candidato pelos Verdes, e em declarações prestadas a um matutino.

Como noticiaram os jornais na altura, Pombo afirmou nessa sessão que os Verdes portugueses, integravam a Coordenadora dos Partidos Verdes Europeus, o que é desmentido por Frieder Wolf, com a afirmação de que o pedido de admissão feito pelo partido de Herculano Pombo naquela Coordenadora **ainda não foi debatido.**

Respondendo a considerações daquele dirigente dos Verdes portugueses a «o diário», o deputado ecologista alemão no Parlamento Europeu considerou que também em Portugal é necessária «uma política ecologista radical», mas «sem sectarismos», acrescentando que os Verdes europeus não entram «no negócio de organizações fantasmas e preferindo trabalhar com quem quer realmente pôr os ombros à obra».

Pombo havia dito a «o diário» que citamos, «o senhor Frieder Wolf está longe de representar o movimento verde alemão-federal e é conhecido o seu elogio às posições do Governo Cavaco Silva sobre a candente questão da lixeira nuclear que os espanhóis pretendem levar por diante em Aldeadávila», manifestando assim a sua contrariedade pelo facto de o ecologista alemão ter manifestado preferências pelo MDP/CDE na contenda que move a CDU e aquele partido face às eleições de 19 de Julho. «O senhor Wolf não é pessoa de confiança», disse Herculano Pombo ao matutino lisboeta.

Comentário de Frieder Wolf: «O próprio tom das 'críticas' feitas por um sr. Pombo — com o seu apelo à psiquiatria política (o Verde português afirmara que «o MDP sofre de mania de perseguição, doença que normalmente se trata nos psiquiatras») — basta para quem tem ouvidos para ouvir.»

Também Brigitte Berthold, membro da direcção dos Verdes alemães, enviou uma declaração sua a Portugal, na qual considera que os nossos Verdes se «desqualificaram com os seus próprios panfletos eleitorais». «Para um partido que se pretende democrático e ecológico provam o pouco sério que têm, chegando pelo menos muito perto da impostura política», sustenta a dirigente.

***Não cumprimento dos acordos laborais***

## Ministério da Defesa poderá intervir em despedimento de um português nas Lajes

O Ministério da Defesa poderá intervir junto das Forças Armadas dos Estados Unidos (Feuzaçores) instaladas na Base das Lajes para que um trabalhador português despedido pelos militares americanos venha a ser readmitido.

Hélio Rocha, cozinheiro no clube de oficiais da Base das Lages, foi despedido em Maio passado, ao abrigo do Artigo 87 do acordo laboral existente, que prevê o despedimento de trabalhadores por falta de verba ou por necessidade de reestruturação de serviços.

A Comissão Arbitral que deve analisar os conflitos de trabalho das Lajes considerou o despedimento ilegal, com o fundamento de que o Altigo 87 apenas é aplicável aos despedimentos colectivos.

Em parecer tornado público, a Comissão, que é formada por representantes do comando Aéreo dos Açores, do destacamento norte-americano estacionado na Base e do Governo Regional, recomendou que o trabalhadr fosse reintegrado nos quadros das Feuzaçores.

O comando americano não tomou ainda nenhuma decisão sobre o assunto mas não deixou de lembrar à Lusa que «as posições da Comissão Arbitral não têm carácter vinculativo».

Também os sindicatos representativos dos trabalhadores das Lajes tomaram uma posição, acusando s Forças Armadas dos Estados Unidos de «desrespeito pelas decisões das autoriidades portuguesas», no caso vertente.

Sustentam de facto os sindicatos de Alimentação e Bebidas e Transportes e Turismo que, sendo as autoidades unânimes em considerar que o despedimento de Hélio Rocha não foi legal, em consequência «as Feuzaçores devem readmitir o trabalhador despedido».

Os sindicatos apelaram ainda para que o ministro da República para os Açores, Rocha Vieira, o Comando Aéreo dos Açores e o Governo Regional não permitam tas «violações flagelantes da soberania portuguesa por parte de estrangeiros».


ESPAÇO Camões

HOJE, DIA 16

18.30

Sessão de Reciclagem de Papel

(papel feito à mão)

21.30

CONCERTO COM

ENA PÁ – 2000

*Carlos Pimenta em colóquio com representantes de partidos*

# "POLÍTICA DE AMBIENTE NÃO INSTITUCIONAL TORNA PROTAGONISTA EM ALVO A ABATER"

Nuno Ribeiro

**Quatro representantes de partidos e coligações concorrentes às eleições, e um elemento dos «Amigos da Terra» participaram ontem à noite num debate sobre a política de ambiente. Diversas situações foram focadas e sublinhada por todos os intervenientes a necessidade de institucionalizar uma política pois, como disse Carlos Pimenta a não institucionalização leva a que o «protagonista seja um alvo a abater».**

«A política do ambiente deve ser institucionalizada e não personalizada», considerou Carlos Pimenta. «Caso contrário, o protagonista passa então a ser um alvo a abater por uma campanha de calúnias, ou por perder peso no seu partido», sublinhou.

Segundo o próprio afirmou ao «DL» este não é o seu caso, «porque vou para a Europa para estudar, porque quis», mas a confirmação da saída para Estrasburgo do elemento mais popular do gabinete de Cavaco Silva não deixa de levantar interrogações.

O risco da personalização, fácil quando as políticas não estão intitucionalizadas, quando o domínio da intervenção é virgem e considerado urgente, e quando à resolução de problemas se alia uma personalidade expansiva e directa, foi também focado por Anselmo Aníbal, da CDU

«A protagonização trouxe lucros para o PSD pela intervenção em algumas áreas do secretário de Estado do Ambiente». «Embargou nalguns sítios e não noutros», comentou criticamente.

### «Secretário de Estado coxinho...»

A necessidade de um modelo de desenvolvimento que compatibilize progresso com preservação, bem estar económico com qualidade de vida, apoio social com felicidade, foi pedra de toque para alguns dos intervenientes, enquanto casos concretos não abundaram.

Como sublinharia com rigor Trigo de Abreu, do PS, «a contra-cultura ecológica abrange ainda uma infíma parte dos cidadãos», vivamente influenciados pela cultura cientista do século XIX. Era por isso inevitável, ser abordada a questão do planeamento.

«Portugal é um país do Sul, da periferia, de industrialização antiga com consciência limitada dos valores ambientais», sintetizou o representante dos socialistas. Por isso, prosseguiu, «é necessário assegurar a compatibilização do desenvolvimento económico com a qualidade de vida, propôr um modelo de desenvolvimento ecológicamente viável».

Passando a sectores, depois de salientar a necessidade de um ordenamento do território, Trigo de Abreu revelaria que «a política de instalação de novas indústrias, deve ser acompanhada com medidas de prevenção contra o transporte, para Portugal, das indústrias sujas». Por outro lado, «a reconversão industrial deve decorrer com plano, pois as indústrias poluídoras absorvem grande parte da mão de obra nacional». Quanto ao eucalipto, a sua plantação deve ser limitada a algumas áreas, seguindo o princípio de licenciamento análogo ao industrial. Um ponto a que o representante do PS deu enfase é o da administracão das catástrofes que, no nosso país, são de ordem natural, como os sismos, e devidas a erros de planeamento, caso das cheias e incêndios florestais.

Numa intervenção virada para a institucionalização de uma política de ambiente, Anselmo Aníbal, depois de considerar positiva a Lei de Bases do Ambiente, de sublinhar a necessidade de um modelo de desenvolvimento, e alertar para a necessidade de «renegociar os acordos com a CEE no que têm de gravoso para Portugal», abordou os níveis em que tal opção se deve construir: a instância autáquica, onde aprofundou a importância do trabalho dos Municípios, «que não é apenas emblemático»; a focagem regional, pois «a regionalização traz uma nova economia de escala», uma nova realidade; a administração Central, sem

«as contradições que Carlos Pimenta encontrou no Governo e em maiorias várias do seu partido»; a Assembleia da República, que conseguiu ultrapassar as maiorias e as cores das bancadas para aprovar a Lei de Bases; e, por fim, a comunidade, alertada que deve estar, com várias possibilidades de intervenção.

Com uma metedologia semelhante, Carlos Pimenta sublinhou a necessidade «de uma descrição exaustiva do ambiente em Portugal, do estado das nossas empresas e possibilidade de reconversão industrial». Depois, há necessidade de criar um sistema financeiro «que apoie uma política de ambiente, aonde possam recorrer as autarquias e a administração Central», e num primeiro campo de intervenção apoiar o sistema nacional de Áreas Protegidas, «que correspondem a seis por cento do território nacional». Por outro lado, «a par da política de águas que não está ganha, mas já tem uma orientação, falta a política florestal, pois florestas e águas são 4/5 do nosso território».

A nível institucional a palavra de ordem é a descentralização e a participação do público. No primeiro caso, tudo passa pelos Municípios e pela constituição de associações que trabalhem determinadas áreas e aspectos concretos, «devendo a secretaria de Estado ser resguardada para questões nacionais».

Uma óptica diferente foi defendida por Ribeiro Teles para quem «o modelo de desenvolvimento constrói-se debaixo para cima». Enfatizando que «o principal agente de desagregação ambiental em Portugal é a agricultura, especialmente a cultura extensiva», o dirigente do PPM perguntou: « onde estão os ecologistas que querem mudar e não embelezar o Mundo?».

Mudar o Mundo, conceito chave, que passa pela fixação das populações rurais às suas actividades, «não apenas por uma causa económica, mas também pela preservação da identidade cultural», contra «a apologia do viver urbano».

Daqui resulta a necessidade do ordenamento do território, uma das «pechas» da gestão da secretaria de Estado do Ambiente. «Tiraram-lhe a outra perna», disse, dirigindo-se a Carlos Pimenta. «Nada pôde fazer em relação ao ordenamento do território, e não há defesa do meio ambiente sem ordenamento do território... é um secretário de Estado coxinho».

### Carvão sul-africano para a Siderurgia

As questões base não impediram que fossem abordados alguns casos concretos.

Em relação ao Alqueva, três posições surgiram: a oposição dos «Amigos da Terra» e do PPM, a necessidade de estudo, de aprofundar a questão, do PS e PSD, a defesa da CDU.

A vertente da electrificação foi defendida por Anselmo Aníbal, chamando a atenção para as conclusões dos Congressos do Alentejo, «embora não ponhamos em causa a construção de pequenas barragens».

Esta opção foi a defendida por Ribeiro Teles e António Eloy: «os acordos com a Espanha não possibilitam o enchimento da barragem, que ao evaporar mais do que dá, não satisfaz as necessidades de desenvolvimento do Alentejo», considerou este último, e Ribeiro Teles denunciou a concentração de energia que o projecto implica, factor que origina desiquílibrios. «O Alqueva já foi para regadio, foi para dar água a Sines, foi para a agricultura, chamaram-lhe o maior lago da Europa pensando no turismo, e agora poderá ser uma lagoa de refrigeração de uma central nuclear, uma das cinco que a CEE quer construir em Portugal, e que fica ali ao lado».

Trigo de Abreu e Carlos Pimenta ficaram na posição dos «mas». Embora os seus partidos defendam o Alqueva, o representante do PS sublinharia que «não é para nós uma prioridade absoluta, há que aproveitar primeiro as disponibilidades já existentes» e Carlos Pimenta afirmou,não estar convencido de qual «a melhor solução».

Outras questões foram levantadas. António Eloy queria o encerramento da Siderurgia Nacional, «que funciona com carvão importado da África do Sul», mas nesta posição só foi secundado por Ribeiro Teles. O número de empregos envolvido, resfrearam quaisquer simpatias do PS e PSD, e Anselmo Aníbal, para além de referir este aspecto, sublinharia a necessidade de Portugal não ficar dependente da política internacional sobre a matéria. A realização de estudos parcelares que corrijam gradualmente as deficiências, foi a opção maioritária.

Inquietações surgiram: «como se pode estar contra Aldeadávila se há mineração de urânio em Portugal?». A pergunta dnão foi respondida, mas a opção nuclear, é rejeitada.

A auto-estrada Lisboa-Cascais, com estudo de impacto ambiental a ser feito pelo adjudicardor? «É assim, não há hipótese do Estado fazer esses estudos, que devem contemplar alternativas de localização»., respondeu Carlos Pimenta.

«A política florestal?... está agora no capítulo do ambiente», disse o secretário de Estado em exercício, respondendo a uma questão do «DL». «O despacho que revoga uma disposição de 1975, que regulamentava a plantação de eucaliptos, foi uma portaria do ministro da Agricultura no uso das suas competências delegadas, e a secretaria de Estado está contra», concluiu.


COMPRE MÓVEIS

COM GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO

SEM ENTRADA E SEM JUROS

ATÉ 36 PRESTAÇÕES MENSAIS

NAS LOJAS DARTY MÓVEIS CONFIANÇA

E NOS NOSSOS AGENTES

DARTY MÓVEIS LDA CONFIANÇA

ASSOCIADOS:

MOVIGRUPO CONSÓRCIO

07

LOJAS DARTY MÓVEIS CONFIANÇA
MONTIJO – Rua José Joaquim Marques, 40
ODIVELAS – Fábrica: R. Alfredo Ruas, 50-A Pedernais ☎ 982 60 54/58 (à Ponte da Bica)
LISBOA – Av. Almirante Reis, 125 ☎ 53 00 76
LISBOA – Est. Benfica, 174-176 ☎ 780599
QUELUZ – Av. António Enes, 20-B ☎ 952306
ALMADA – Av. 25 de Abril, 45 ☎ 276901
COVA DA PIEDADE – R. Conceição Sameiro Antunes, 13-B ☎ 275452
PAIVAS – Est. Nacional 10, Lt. 30 ☎ 221067
V.F.XIRA – R. Alves Redol, 80-B ☎ 24011
SETÚBAL – Av. D. Manuel I, 80 (frente ao Centro Com. Dufa)
BARREIRO – R. Dr. Manuel Pacheco, 92-A ☎ 207 72 37
ALVERCA – Av. Capitão Meleças, 34-A ☎ 258 24 03
COIMBRA – Av. Capitão Meleças, 34-A ☎ 26185
FARO – R. Eça de Queirós, 2 ☎ 27580
LOULÉ – R. Ataíde de Oliveira, 18

LOJAS PICA-PAU
AMADORA – Av. D. Nuno Alvares Pereira, 5-B ☎ 494 56 91
MEM MARTINS – Rua Chabi Pinheiro, 8 ☎ 921 72 94
LISBOA – R. Luciano Cordeiro, 18-A ☎ 52 13 84

LOJAS UTILAR
CHARNECA – Estrada de Camarate, Lt. 4 ☎ 257 04 01 (junto à Esquadra da P.S.P.)
CAMARATE – R. Avelino Salgado, Lt. 1 (frente aos Bombeiros)
Stands na Feira Popular

NOTA - As lojas de Lisboa, Camarate, Amadora, Queluz e Mem Martins estão abertas ao Sábado de tarde

AGORA A UTILAR EM CAMARATE



AUXILIAR DE IMPRESSÃO OFFSET

c/experiência em rotativa

Entrada imediata

Resposta a este jornal ao N.º 16 702

*Lei do IVA não está a ser aplicada*

# ESTADO "CONGELA" MILHÕES DE CONTOS PERTENCENTES ÀS REGIÕES DE TURISMO

## ●*Alto Minho já não tem dinheiro para as despesas correntes*

**O Estado cobrou nos últimos vinte meses milhões de contos do Imposto do IVA às unidades hoteleiras e similares, mas nem as regiões de turismo nem as câmaras muncipais beneficiaram com a aplicação da lei, que prevê que 50 por cento reverta a seu favor — afirmou esta manhã ao «DL» o presidente da Região de Turismo de Setúbal.**

As regiões de turismo e as comissões municipais de turismo das edilidades que não aderiram àquelas estruturas atravessam graves problemas financeiros decorrentes do facto de estarem a ser subsidiadas segundo a fórmula antiga, antes da entrada em vigor da lei do IVA e da percentagem que é retirada ao Imposto Sobre o Valor Acrescentado em favor do turismo.

A Região de Turismo do Alto Minho talvez seja a que se defronta com maiores dificuldades, segundo revelou Edgar Costa ao «Diário de Lisboa», porquanto nem sequer tem funds para resolver os seus problemas de tesouraria.

Não é fácil fazer uma avaliação concreta do valor total do Imposto do IVA que o Governo tem retido nos cofres do Estado, mas admite-se que sejam milhões de contos. O presidente da Região de Turismo de Setúbal salientou ao «DL» que depois da aplicação da Lei do Imposto Sobre oValor Acrescentado, apareceram várias unidades hoteleiras cujo controlo das receitas não é à primeira vista faćil. Daí que a sua avaliação, sem dados seguros, incida proporcionalmente sobre o Imposto de Turismo que era cobrado antes da chegada do IVA.

Com base na percentagem cobrada no âmbito do antigo Imposto de Turismo (IT), que era regulado palo Grupo C da Contribuição Industrial, em proporção ao que restabelece agora a aplicação da Lei do IVA, admitem os responsaveis do turismo que ascenda a milhões de contos o montante «congelado» nos cofres do Estado. Milhões de contos que tanta falta fazem aos cofres das regiões de turismo e às comissões municipais de turismo, de Norte a Sul do País.

### Só queremos o que nos é devido

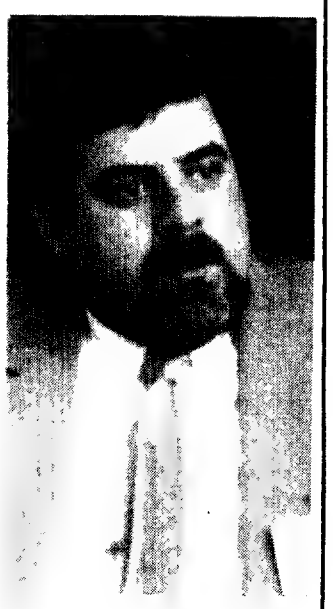
«Não estamos a pedir nada de novo. Pretendemos é que se aplique a lei. E que as percentagens devidas às regiões de turismo e às câmaras municipais nos sejam pagas. É uma exigência básica», frisou-nos Edgar Costa.

Há cerca de vinte meses que o IVA entrou em vigor, mas nunca, até ao presente, a percentagem que a lei estabelece sobre o turismo reverteu para as RT e CM's. O dinheiro — milhões de contos — está nos cofres do Estado, como acima se diz, encontrando-se aquelas estruturas com os seus cofres vazios. «Não estamos a receber o que nos é devido, mas o Estado está a cobrar o IVA», acrescentou o presidente da Região de Turismo de Setúbal.

O Secretariado Permanente das Regiões de Turismo e o secretário de Estado do Turismo, Licínio Cunha, reuniram-se ontem em Lisboa, no quadro dos encontros periódicos que ambas as partes promovem para tratar de assuntos do sector.

A retenção de alguns milhões de contos do IVA sobre o turismo foi uma das questões abordadas na reunião de ontem, além do Plano de Acção do Fomento de Turismo Interno e a nova Lei Hoteleira, em vigor desde Janeiro deste ano. Os representantes das regiões de turismo dizem estar dispostos a assumir certas competências que serão definidas na futura regulamentação da Lei Hoteleira, entre elas a classificção e fiscalização dos estabelecimentos hoteleiros e similiares

O Secretariado Permanente das Regiões de Turismo integra já as RT's dos Templários, com sede em Tomar, e do Oeste, instalada em Torres Vedras.



*Edgar Costa: um homem preocupado com a sua Região de Turismo e os dinheiros que não vêm*


PORTUGAL
NÃO PODE PARAR

CAVACO SILVA
em contactos
com a população

SEXTA-FEIRA - Dia 17

09.30 - Benfica - Percurso entre o Centro Comercial Fonte Nova e a Igreja.
10.45 - Passagem na Estrada Militar da Pontinha.
11.15 - Odivelas - Rua D. Dinis (entre Patameiras e o Largo da Rodoviária).
17.15 - Moscavide - Av. Principal.
18.00 - Av. da Igreja, Av. de Roma até à Praça de Londres.
21.30 - Comício na Alameda D. Afonso Henriques.

PSD
PSD PARTIDO SOCIAL DEMOCRATA



PORTUGAL
NÃO PODE PARAR

Sexta, dia 17, ás 21.30
em Lisboa

Grande Comício
com o
Prof. Cavaco Silva
na
Alameda D. Afonso Henriques

PSD
PSD PARTIDO SOCIAL DEMOCRATA

# 24 HORAS

## Diplomatas cubanos expulsos dos EUA

A administração Reagan ordenou a dois diplomatas cubanos que abandonem os Estados Unidos, numa retaliação pelo que o Departamento de Estado considerou uma campanha «intolerável» contra pessoal diplomático norte-americano em Havana. Bienvenido Abierno e Virgilio Lora, membros da secção de interesses cubanos em Washington, deverão abandonar os Estados Unidos antes do dia 25, disse o Departamento de Estado. A medida é uma resposta aos «significativos embaraços» levantados aos diplomatas norte-americanos em Havana e à «vasta campanha» iniciada no dia 6 pelos meios de Comunicação Social de Cuba, sob a alegação de que membros da secção de interesses dos Estados Unidos estiveram implicados em actividades de espionagem, refere ainda o comunicado da Secretaria de Estado.

## Inquérito sobre linhas aéreas Delta

A administração federal norte-americana da aviação (FAA) iniciou um inquérito especial sobre as linhas aéreas Delta, na sequência de uma série de incidentes envolvendo aviões a jacto desta companhia — anunciou este organismo. O administrador da FAA, Robert Whittington, disse num comunicado que o inquérito «não seguia um modelo especial», mas que «cada incidente envolvia aparentemente erros humanos». Segundo fontes oficiais, o inquérito da FAA deverá durar entre três a seis semanas, sendo os primeiros resultados apresentados no prazo de 90 dias.

## Conversações EUA-Angola

Angola e Estados Unidos prosseguem em Luanda as conversações iniciadas na terça-feira para o desbloqueamento das negociações sobre a retirada cubana de Angola e independência da Namíbia, informa da capital angolana o correspondente da Reuter. Pascal Fletcher salienta que têm sido rodeados de silêncio oficial de ambas as partes as reuniões entre a delegação angolana, chefiada pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Afonso Van-Dunem «M'Binda», e norte-americana, presidida por Chester Crocker, secretário de Estado adjunto para os Assuntos Africanos.

## Temporal no Chile

Cerca de 50 000 pessoas afectadas, oito mortos e 12 desaparecidos é o balanço provisório do temporal violento com ventos e chuvas, que desde há seis dias assola o Centro e o Sul do Chile, foi oficialmente anunciado. O transbordo de rios e canais inundou habitações, ruas e avenidas, muitas pontes ficaram destruídas e muitos caminhos estão impraticáveis.

CDU

ÁLVARO CUNHAL E MARIA SANTOS
ENCERRAM CAMPANHA DA CDU
NO DISTRITO DE SETÚBAL
17 DE JULHO
A PARTIR DAS 21.00 H.
ALMADA
Praça S. João Baptista
COMÍCIO • ÁLVARO CUNHAL
ESPECTÁCULO — Luísa Basto
João Fernando
Jorge Lomba e
Banza
SETÚBAL
Av.ª Luísa Todi (junto ao coreto)
COMÍCIO • ÁLVARO CUNHAL
• MARIA SANTOS
ESPECTÁCULO — RADIO MACAU E DELFINS
COMISSÃO DISTRITAL DE SETÚBAL DA CDU

*Repórteres protegem-se em consequência dos disparos da Polícia salvadorenha contra os manifestantes grevistas, dos quais resultaram ferimentos graves em três pessoas. Trata-se do segundo tiroteio da Polícia nos últimos oito dias, no seguimento de manifestações de trabalhadores e estudantes simpatizantes da guerrilha de esquerda que combate o Governo apoiado pelos EUA.*

O Chefe
República Dem
(RDA), Erick H
tará pela primeir
blica Federal da
7 a 11 de Setem
ciado oficialme
A chancelaria
disse que a vis
Honecker incluir
estaria dois dias,
des da RFA, de
deslocar-se à B
nia Palatino, Sa
do Norte-Vestef
vas anteriores d
visita fracassar
tensão Leste-Oe
no mês passad
disse a jornalist
em Berlim que
visita se reealiz
A visita foi sin
anunciada em
agência notic
ADN. Honecker
pela primeira v
RFA em 1981,
cancelou três ve
ra a visita.

# IRÃO AVISA OS EUA PARA N. SE ENVOLVEREM NO GOLFO

**O Irão avisou os Estados Unidos de que o seu envolvimento na guerra do Golfo levaria as forças armadas iranianas a atacar navios e bases norte-americanas e capturar reféns. «Apontaremos as nossas armas aos «yankees» e internaremos reféns americanos em campos com as mãos sobre as cabeças», disse o presidente do Paralamento iraniano, Akbar Ashemi Rafsanjani, segundo relato da agência Irna.**

O vice-comandante dos guardas revolucionáraios iranianos, Ali Shamkhani, disse por seu turno que o Irão «espera ansiosamente» que a frota norte-americana entre no Golfo.

«Faremos os possíveis para não os destruir, para os apanharmos intactos e assim reforçarmos o potencial naval iraniano», disse Shamkhani.

As ameaças iranianas vêm na sequência do conhecimento de que navios de guerra norte-americanos deverão começar no próximo dia 22 escoltas militares a petroleiros do Kwait nas águas de guerra do Golfo Pérsico.

Rafsanjani disse que o Irão estava preparado para afundar navios dos Estados Unidos e lançar sobre forças norte-americanas o seu exército de 20 milhões de homens.

Também o Presidente iraniano, Ali Khameini, disse que o seu país estava pronto para enfrentar a intervenção das superpotências na guera do Golfo, que há sete anos opõe o Irão ao Iraque.

### A primeira escolta

O Kwait pediu formalmente à Grã-Bretanha para que alguns dos seus petroleiros sejam registados sob bandeira britânica, de modo a gozarem de protecção naval no Golfo.

Informadores diplomáticos disseram no Kwait que o pedido foi formulado na terça-feira pelo ministro de Estado dos Negócios Estrangeiros, Saud Mohamed Al-Osaimi, numa reunião com o embaixador britânico, Peter Hinchcliffe.

Os petroleiros do Kwait têm sido alvo de ataques iranianos nos últimos meses. O esquema de registo de 11 petroleiros do Kwait com pavilhão norte-americano começará na próxima semana.

A porotecção ao primeiro petroleiro do Kwait estava prevista para o dia 20, mas a divulgação da data por congressistas norte-americanos enfureceu a Casa Branca e poderá levar ao seu adiamento.

Marcada para segunda-feira, a primeira escolta naval será ao maior petroleiro do mundo árabe, agora rebaptizado como «Bridgeton». Tem 336 metros

## Tufão causa mais de 100 mortos na Coreia do Sul

Mais de 100 pessoas são dadas como mortas ou desaparecidas depois de o tufão "Telma" ter devastado durante a noite passada regiões austrais da Coreia do Sul, anunciou a rádio oficial.

Há 42 mortos confirmados, 17 feridos, largas dezenas de desaparecidos e pelo menos 6000 pessoas ficaram desalojados, devido à passagem do tufão pelo Sul do país, disse a estação oficial de rádio.

Chuvas torrenciais e desprendimentos de terras ameaçam fazer transbordar alguns rios, especialmente o rio Nakdong, que desagua no Mar Amarelo. Vinte e três mil hectares de terras cultivadas foram inundadas.

As autoridades sul-coreanas difundiram mensagens de alarme e paralisaram todos os serviços de transporte de passageiros entre a península e as ilhas. Alguns voos de passageiros par o Sul do país foram também cancelados.

Acompanhado de chuvas torrenciais e ventos de tormenta, o tufão deixou o Sul da península e está a deslocar-se para Nordeste, em direcção ao Japão, tendo-se transformado já numa tempestade tropical.

O serviço estatal de catástrofes naturais disse que o Governo está a estudar a prestação de ajuda de emergência aos desalojados e às famílias das vítimas.

*Brancos sul-africanos reunidos com o A*

## Alguns países africanos colaboram com o "apar

Os liberais brancos sul-africanos, que tiveram conversações com o ANC em Dacar disseram num debate público, em Uagadugu, que alguns países africanos colaboram com o apartheid.

O poeta sul-africano exilado Breyten Breytenbach, que participou no encontro na capital senegalesa, com o movimento anti-apartheid, Congresso Nacional Africano (ANC) criticou o Zaire por importar géneros alimentícios sul-africanos.

«A África não o pode tolerar enquanto simultaneamente pede aos que estão empenhados na luta que continuem a sacrificar a sua vida» — disse Breytenbach, no debate organizado segunda-feira à noite.

O grupo dos mais de 50 sul-africanos liberais e membros do ANC visitam o Burkina Faso (antigo Volta) desde segunda-feira, a convite

do presidente T
ra para a CCA,
Precisamos d
canos, disse o p
esse era o objec
África negra.
O chefe da de
nos liberais, Fr
que no seu paí
mal-entendidos
O sul-african
acerca do negr
Partido Federa
África do Sul.
Stabbert disse
de o Instituto p
ca na África do
car a presente
rios e conferênc

Chefe de Estado da
Democrática Alemã
rick Honecker, visi-
primeira vez a Repú-
ral da Alemanha de
Setembro, foi anun-
ialmente em Bona.
laria alemã federal
a visita oficial de
incluiria Bona, onde
s dias, e outras cida-
FA, devendo ainda
e à Baviera, Renâ-
no, Sarre e Renânia
Vestefália. Tentati-
ores de organizar a
cassaram devido à
ste-Oeste. Todavia,
assado, Honecker
nalistas holandeses
que pensava que a
ealizaria este ano.
i simultaneamente
a em Berlim pela
noticiosa oficial
ecker foi convidado
eira vez a visitar a
1981, mas a RDA
ês vezes planos pa-

*Vinte mortos, entre os quais crian ças e adolescentes, 28 desaparecidos e 10 feridos é o saldo provisório da enxurrada de la ma e água que cobriu um parque de campismo perto de Annecy, Alpes franceses, confirmaram fontes oficiais. Na foto, um aspecto dos destroços causados pelas chuvas torren - ciais.*

# NÃO

Saud
uma
bri-

têm
anos
uema
s do
rte-
pró-

eiro
tava
as a
con-
nos
po-
o.
eira,
será
ndo
o mo
tros

de comprimentos e 70 metros de largura. São necessários bi-nóculos para inspeccionar a popa a partir da proa.

Descrito como um petroleiro «Rolls Royce», o «Bridge-ton» tem uma tripulação de apenas 27 homens, sendo al-tamente automatizado. A tripu-lação é composta pelo co man-dante, norte-americano, e por europeus e filipinos.

Entretanto o Senado norte--americano aprovou, por 82 votos contra 16, o corte das relações comerciais com Tee-rão, se o regime de Khomeini lançar ou planear lançar mís-seis «Silkworm», ou tentar qualquer ataque a navios norte--americanos no Golfo Pérsi-co.

## o ANC dizem:

# nos
# artheid"

ente Tomas Sankara, e seguindo ago-
CCA, a capital do Gana.
mos de ser compreendidos pelos afri-
se o poeta exilado, que salientou que
objectivo da visita aos três países da
gra.
e da delegação dos brancos sul-africa-
is, Frederik Van Zyl Stabbert, disse
u país persiste uma série grande de
didos.
fricano branco médio não sabe nada
negro médio, disse o antigo líder do
ederal Progressista, na oposição na
Sul.
t disse que a organização a que presi-
tuto para uma alternativa democráti-
ca do Sul (IDASA), pretende rectifi-
sente situação com debates, seminá-
ferências.

## França ilegaliza organização basca

O Governo de Paris decidiu dissolver a organização separatista basca francesa «Iparretarrak», acusada de pretender sabotar a Volta à França em Bicicleta, revelaram fontes oficiais. Um decreto ilegalizando a «Iparretarrak» foi ontem aprovado pelo Conselho de Ministros por proposta do ministro do Interior, Charles Pasqua. A medida é essencialmente simbólica, mas facilita a instauração de processos a alegados elementos da organização, cujas acções começaram em 1980 com uma onda de atentatos no Sudeste francês. A organização é acusada de ter assassinado dois polícias em 1982 e um outro em 1983. A Polícia francesa prendeu sábado dois alegados membros do grupo, acusado de planear uma sabotagem à Volta à França em Bicicleta durante a etapa pelo País Basco francês.

## Prémio "África" na luta contra a fome

Robert McNamara, antigo presidente do Banco Mundial, lidera o júri do Prémio «África 1987», patrocinado pelo «Projecto Fome», cujo vencedor será anunciado no dia 23 deste mês em Nairobi — anunciaram os organizadores. O Prémio «África para a Libertação na Luta pelo Fim da Fome» foi organizado pelo «Projecto Fome» com o fim de distinguir um africano que se tenha realçado na luta pelo termo o flagelo da fome, a nível nacional, regional ou contiental da África. O vencedor receberá, numa cerimónia no dia 17 de Setembro em Nova Iorque, o prémio pecuniário de 100 000 dólares para apoio à continuação do seu trabalho pela África.

O prémio compreende também uma obra de escultura do artista Takenobu Igarashi, de renome internacional

Mais de 100 nomeações de candidatos à atribuição do prémio foram propostos por líderes africanos e outras personalidades mundiais, que expressaram apoio e encorajamento ao projecto.

## Representante da OLP em Espanha

O chefe do Departamento Político da Organização para a Libertação da Palestina (OLP), Faruk Kadui, disse em Madrid que dificilmente se poderá realizar uma conferência internacional sobre a paz no Médio Oriente sem a participação da OLP. Kadumi, que visita Madrid a convite do ministro dos Negócios Estrangeiros, Fernandez Ordoñez, exprimiu à agência espanhola EFE as suas dúvidas sobre a realização da conferência sem a presença da OLP, pois «a parte palestiniana não aceitaria a sua realização». O responsável do departamento político acusou os Estados Unidos e Israel de a boicotarem caso ela contasse com a participação da sua organização e de outros países da zona.

Kadumi acrescentou que Washington apoia o Estado judaico na sua pretensão de negociar separadamente com cada país árabe.

## Filipinas processam Marcos

O governo filipino apresentou uma acção judicial contra o ex-presidente Ferdinando Marcos, no sentido de recuperar 10 mil milhões de dólares, alegadamente o montante que terá acumulado, através da corrupção, ao longo dos 20 anos do seu regime. A acção judicial, apresentada a um tribunal especial anti-corrupção, alega que Marcos se envolveu "no roubo de fundos públicos, pilhagem da riqueza nacional, extorsão, chantagem, suborno e outros actos de corrupção... para dano grave e irreparável do povo filipino". A comissão presidencial para a boa governação (CPBG) disse que outras acusações serão apresentadas contra 40 associados de Marcos antes do prazo-limite de 2 de Agosto, estabelecido pela constituição filipina.

*"Irangate"*

# Congressistas aceitam declarações de Poindexter que ilibam Reagan

**Investigadores do Congresso no caso Irão-«Contras» mostraram-se hoje inclinados a aceitar a ilibação do Presidente Ronald Reagan por John Poindexter no desvio de fundos da venda de armas ao Irão para os «contras» da Nicarágua. Poindexter, que foi conselheiro nacional de segurança entre 1985 e 1986, disse ontem que Reagan teve conhecimento da troca com o Irão de reféns norte-americanos por armas, mas que não foi informado do desvio de fundos para apoiar a guerrilha nicaraguense.**

Muitos membros do Congresso envolvidos na investigação ao caso disseram à agência AP acreditar na versão de Poindexter, que fez de sim mesmo o principal intérprete da operação secreta do desvio de fundos.

Mas alguns também disseram que Reagan não deveria ficar contente pelo facto de o testemunho de Poindexter ter confirmado a sua versão de que deconhecia o desvio de fundos.

«Levanta-se um problema fundamental mais sério», disse o congressista Thomas Foley, do Partido Democrático. «Nós não podemos pura e simplesmente dar-nos ao luxo de ter presidentes defendidos pelos seus subordinados de acções críticas e controversas. O que resta da responsabilidade?».

Poindexter disse que a ideia de usar o dinheiro da venda de armas para o Irão no apoio aos «contras» foi apresentada por Oliver North, do Conselho Nacional de Segurança, em Fevereiro de 1986.

«Eu achei que era uma ideia muito boa», disse Poindexter. «Achei que tinha autoridade para aprová-la. Estava convencido de que compreendia o pensamento do Presidente sobre o assunto».

Mas Poindexter decidiu não informar o Presidente da ideia, «de forma a poder mantê-lo afastado e permitir-lhe alguma ilibação no caso de isto ser divulgado. Nesta questão, a carroça pára aqui onde eu estou».

Poindexter disse também ter informado Reagan das actividades de North, embora não em pormenor: «Estou convencido de que o Presidente percebeu que North contribuía para que os «contras» recebessem apoio».

As declarações de Poindexter motivaram um esclarecimento imediato da Casa Branca: Reagan insistiu não se lembrar se havia assinado um documento aprovando a troca de reféns por armas (documento que Poindexter disse ter destruído).

A rapidez da reacção de Reagan às declarações proferidas por Poindexter deveu-se, segundo o porta-voz da Casa Branca, Marlin Fitzwater, ao afecto de o Presidente estar a seguir pela televisão o depoimento do seu ex-conselheiro para a Segurança Nacional.

Fitzwater disse que Reagan «ainda crê que deu início à operação de venda de armas ao Irão por motivos de abertura estratégica, tentando estabelecer contacto com moderados iranianos».


DROGA PÁ É POSSÍVEL

MINISTÉRIO DA SAÚDE

O MINISTÉRIO DA SAÚDE criou em Lisboa o CENTRO DAS TAIPAS, onde é possível encontrar apoio quer na fase de privação de droga, quer no reencontro do interesse pela vida e pelo futuro.

O CENTRO DAS TAIPAS dispõe de:

- Uma consulta de porta aberta onde qualquer toxicodependente se pode dirigir de manhã ou de tarde;
- Um apoio de urgência;
- Um apoio telefónico permanente;
- Internamento de curta duração para a desabituação de casos mais difíceis;
- Centro de dia onde o toxicodependente em tratamento pode realizar actividades variadas.

**É possível deixar a droga. O CENTRO DAS TAIPAS está à disposição de quem o quiser fazer.**

Rua das Taipas, 20 — LISBOA

**Tel. 362584/5 • 327155/6**

CENTRO DAS TAIPAS

*A partir de Julho*

## Referencial da inflação é de 7 por cento

O Conselho Permanente de Concertação Social afirmou, ontem, que é de sete por cento o referencial de inflação esperada nos doze meses seguintes a 1 de Julho a considerar nas negociações salariais com início de vigência no terceiro trimestre.

Tal referencial foi estabelecido nos acordos celebrados em 29 de Julho do ano passado e 16 de Fevereiro último entre os parceiros sociais e o Governo.

Uma nota do Conselho recorda que tais acordos traçaram como referenciais de inflação esperada para os doze meses seguintes nove por cento para o primeiro trimestre, e oito, sete e seis por cento, respectivamente, para os seguintes.

«Assim — afirma o Conselho — só no final de cada trimestre homólogo de 1988 será possível aferir se a inflação verificada é coincidente com os referenciais de inflação esperada traçados.»

O acordo de política de rendimentos prevê que sejam tomadas medidas de correcção caso venham a dar-se desvios significativos entre os dois valores.

A nota acrescenta que «tal não será seguramente o caso, pois os elementos estatísticos disponíveis apontam no sentido de que os referenciais traçados são perfeitamente atingíveis».

A inflação em Junho último, segundo o INE, foi de 10,2 por cento.

# Lisnave assinou acordo com a Banca para limpar dívida de 25 milhões

**A Lisnave assinou ontem em Lisboa o protocolo de acordo de saneamento financeiro com os bancos credores, acordo esse que tem como ponto fundamental a consolidação em 10 anos do passivo bancário da empresa, na ordem dos 25 milhões de contos.**

A dívida será amortizada a uma taxa fixa da ordem de 1710 da taxa normal do mercado financeiro nacional e a uma outra variável dependente dos resultados a obter pela Lisnave, na urgência do acordo.

As negociações, que decorreram durante os últimos dois meses em reuniões realizadas no Porto e em Lisboa entre o BPA, como líder das 14 instituições credoras, e a empresa, foram ontem concluídas com a assinatura do protocolo.

A amortização da dívida inicia-se em 1990, após um período de carência de dois anos.

A Lisnave vive, actualmente, um período de grande actividade tendo ultrapassado este ano, até dia 10 do corrente mês, um aumento de 60 por cento na actividade de reparação naval, relativamente a período homólogo do ano transacto.

Dados divulgados pela empresa indicam, também, que no ano passado, de Janeiro a 10 de Julho, a Lisnave tinha crescido 97 por cento face ao mesmo período de 1985.

A facturação estimada para este ano deve ultrapassar os 12 milhões de contos, sendo a mesma realizada em divisas e com o valor acrescentado da ordem dos 75 por cento, disse a mesma fonte.

A Lisnave já tinha assinado, no final de Junho, um acordo parcial para a viabilização financeira da empresa, que respeitava ao pagamento das dívidas à Segurança Social e Fazenda Pública que ascendiam a 7,5 milhões de contos.

As dívidas à Segurança Social atingiam os 5,5 milhões de contos, sem juros, enquanto à Fazenda Pública o montante em dívida era de cerca de dois milhões de contos.

As negociações iniciaram-se com a apresentação de uma proposta de saneamento pela Lisnave, em Maio, a qual previa o pagamento total da dívida de 25 milhões de contos contraída junto da banca no prazo de 15 anos. O acordo assinado agora prevê o pagamento da dívida em 10 anos.

O início do processo de negociações não foi, no entanto, pacífico para a Lisnave, com a exclusão das suas acções do mercado não-oficial da Bolsa do Porto, em 12 de Maio, face à situação económica da empresa, apresentada nos resultados de 1986, que indicavam um prejuízo de 11,5 milhões de contos, contra 10,2 milhões em 1985, segundo os membros da Comissão Directiva.

A decisão seria contestada pela administração da empresa, defendendo que apresentara, no entanto, pela primeira vez desde 1982, resultados de exploração positivos em cerca de meio milhão de contos, depois de um prejuízo de 2,6 milhões de contos

O volume de facturação dos Estaleiros Navais de Lisboa atingiu nove milhões de contos no ano passado, ou seja, o dobro do realizado em 1985, enquanto o trabalho vendido nos primeiros quatro meses do ano foi superior em cerca de 35 por cento relativamente a período homólogo de 1986.

A Lisnave, que dispõe actualmente dos estaleiros da Margueira e Rocha, é uma sociedade anónima com um capital social de dois milhões de contos estando distribuído por accionistas suecos (20 por cento), holandeses (20 por cento), IPE-Investimentos e Participações do Estado

# Petróleo sobe com as tensões no Golfo

Tensões no Golfo Pérsico fizeram aumentar os preços do petróleo do mar do Norte para mais de 20 dólares o barril, o que acontece pela primeira vez desde o início de 1986 — afirmaram industriais.

Uma maior procura de «crude» e pressões exercidas pela Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) sobre o mercado mundial foram citadas por analistas como os factores possivelmente mais fortes por trás de um aumento dos preços do barril. Condutores poderão brevemente pagar mais nas estações de serviço.

Industriais disseram que o «crude brent» do mar do Norte, o mais comercializado na Europa, foi vendido ontem no «spot» a 20,10 dólares o barril. O «brent» não ultrapassava os 20 dólares desde Janeiro de 1986.

O preço do petróleo no «spot» ganhou força no princípio deste mês quando a OPEP estabeleceu novas reduções da sua produção numa tentativa de pressionar o mercado até ao fim do ano.

Cerca de metade do «crude» comerializado é vendido por contratos a longo prazo e com preços fixos pelo cartel, vendendo-se o restante no «spot» onde os preços reflectem o fornecimento a curto prazo e as perspectivas de procura.

Os preços aumentaram desde a última reunião da OPEP e estão a subir ainda mais por entre receios de uma guerra no Golfo Pérsico entre os Estados Unidos e o Irão depois de navios norte-americanos terem começado a proteger petroleiros do Kuwait.

Nos últimos anos, cerca de 300 navios foram danificados ou destruídos no Golfo na sequência da guerra Irão-Iraque.

Cerca de um sexto do petróleo consumido no Ocidente passa pelo estreito de Ormuz, à entrada do Golfo.

## COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS — CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

| COTAÇÕES DE NOTAS | (Por Unidade) COMPRA | VENDA |
|---|---|---|
| ÁFRICA DO SUL (rand) | 45$70 | 51$70 |
| ALEMANHA FED. (marco) | 77$35 | 78$55 |
| AUSTRIA (xelim) | 10$95 | 11$95 |
| BÉLGICA (franco) | 3$525 | 3$775 |
| BRASIL (cruzado) | 2$100 | 3$600 |
| CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2) | 107$00 | 109$50 |
| (notas de 5 a 1000) | 107$50 | 110$00 |
| DINAMARCA (coroa) | 20$40 | 20$80 |
| ESPANHA (peseta) | 1$094 | 1$214 |
| EUA (dólar — notas de 1 e 2) | 142$25 | 145$75 |
| (notas de 5 a 1000) | 143$35 | 146$85 |
| FINLÂNDIA (marka) | 31$90 | 32$50 |
| FRANÇA (franco) | 23$20 | 23$90 |
| HOLANDA (florim) | 68$75 | 69$85 |
| IRLANDA (libra) | 208$20 | 212$20 |
| ITÁLIA (lira) | $097 | $112 |
| JAPÃO (iene) | $910 | $965 |
| NORUEGA (coroa) | 21$15 | 21$65 |
| REINO UNIDO (libra) | 232$25 | 236$75 |
| SUÉCIA (coroa) | 22$15 | 22$65 |
| SUÍÇA (franco) | 93$00 | 94$50 |
| VENEZUELA (bolívar) | 4$00 | 5$00 |

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente indicativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

## Caminhos de Ferro Portugueses

**CP – REGIÃO SUBURBANA DE LISBOA**

**LINHA DE CASCAIS**

**AVISO**

**ALTERAÇÕES AO HORÁRIO**

Para trabalhos na catenária, a partir das 22 h da próxima sexta-feira, dia 17, e cuja duração se prevê até cerca das 10 h de sábado, dia 18, a circulação de comboios far-se-á por uma só via, entre as estações de Caxias e Oeiras e posteriormente entre Paço d'Arcos e Oeiras.

Pelos motivos evocados verificar-se-ão, nos referidos períodos, alguns atrasos e as seguintes **supressões** de comboios:

| A partir de Cascais | | A partir de Oeiras | |
|---|---|---|---|
| N.os dos C.os | Horas | N.os dos C.os | Horas |
| 1202 | 6.45 | 1702 | 7.02 |
| 1204 | 7.15 | 1704 | 7.32 |
| 1206 | 7.45 | 1706 | 8.02 |
| 1208 | 8.15 | 1708 | 8.32 |

A CP pede a compreensão dos Srs. passageiros e apresenta desculpas pelos transtornos causados.

Lisboa, 15 de Julho de 1987

### Cunha e Silva vence

O tenista João Cunha e Silva qualificou-se para a 2.ª eliminatória do «masters», do 3.º Circuito Satélite da Alemanha Federal, a decorrer em Munster. Cunha e Silva, número 409 na classificação da Associação dos Tenistas Profissionais, venceu o alemão federal Milan Palme (número 504, no «ranking» mundial) por 6-2 e 7-5. Na 2.ª eliminatória, Cunha e Silva defronta outro alemão: Michael Kupferschmid (número 484 na classificação da ATP, mas que apesar da sua posição no «ranking» mundial, é o 8.º cabeça de série do torneio).

### Voleibol: elas ganham

A selecção sénior feminina portuguesa de voleibol venceu o Torneio Internacional de Burgos (em Espanha). No último dia da competição a selecção portuguesa venceu a sua congénere espanhola por 3-1, com parciais de 15-10, 10-15, 15-13, 15-11. A equipa portuguesa concluiu o torneio quadrangular só com vitórias, todas por 3-1: Portugal-selecção júnior de Espanha, 3-1 (15-9, 13-15, 15-0, 15-6); Portugal-Selecção do Egipto, 3-1 (15-11, 7-15, 15-12, 15-10).

### Vamos correr em Paris

Cinco dos melhores atletas portugueses de fundo participam hoje, em Paris, num «meeting» internacional: os irmãos Castro, Fernando Mamede, Joaquim Pinheiro e Aurora Cunha.

### Couto: 2.º em Barcelona

Fernando Couto classificou-se em 2.º lugar na prova dos 5 000 metros do torneio de atletismo de Barcelona, que teve lugar ontem à noite.

O vencedor da prova foi o espanhol Abel Anton, no tempo de 13.26,23 minutos, tendo Fernando Couto sido cronometrado com 13.39,53.

# JOALHEIRO É DE OURO NO "JOGO"

## ● França: "Tour" sobe, Acácio desce

Com excepcional entusiasmo e grande espírito de competição, continua na estrada o 1.º Grande Prémio instituído pelo nosso colega «O Jogo» e destinado ao derradeiro teste dos ciclistas concorrentes à Volta a Portugal e, simultaneamente, à aferição de capacidade de amadores em cotejo com profissionais de gabarito.

António Araújo (Garcia Joalheiros) venceu isolado a 2.ª etapa entre Vila Nova de Ouréme Fundão (na distância de 193,5 km) e conquistou a respectiva camisola amarela. O vencedor da tirada gastou o tempo de 5.38,03 horas, tendo-se classificado em 2.º e 3.º lugares, respectivamente, Pedro Silva (Sangalhos/Recer) com 5.42,24, e Raul Terebentino (Olhanense/Custódio) com 5.42,27 horas. O 4.º ciclista a cortar a meta foi António Fernandes (Sicasal/Torreense) com 5.43,15 horas, e o 5.º com este mesmo tempo, Carlos Marta (Sangalhos/Recer).

A classificação geral é agora liderada por António Araújo, (que soma 9.28,01 horas), seguido de Pedro Silva (a 03.49), Raul Terebentino (a 04.34), Paulo Pinto (Ajacto/Morphy Richards), (a 04.38) e, em quinto lugar, Carlos Marta (a 04.39). O anterior camisola amarela, Fernando Carvalho (Louletano/Vale do Lobo) é agora 7.º, a 4 minutos e 44 segundos do novo líder. Hoje, corre-se a 3.ª etapa, entre Fundão e Lousa, num percurso de 140 km.

A classificação geral por equipas é comandada pelo Garcia Joalheiros, com 28 horas, 34 minutos e 46 segundos, sguida do Sangalhos / Recer, a 2,24 minutos, da Sicasal / Torreense, a 3,27, do Sporting / Vitalis, a 3,30 e do Olhanense / Custódio a 3,39. A estas seguem-se mais 15 equipas.

No decorrer da etapa de ontem registaram-se 15 desistências, número demonstrativo da dureza do percurso. Alinharam à partida 122 ciclistas (não arrancou de Vila Nova de Ourém o homem do Feirense, Edgar Pereira). Com os 15 abandonos continuam em prova, neste momento, 107 ciclistas. Os desistentes são os seguintes: Isaac Nunes, do Tavira; Alexandre Fullgraff e Marino Fonseca, do Salgueiros; Rui Vitorino, Jorge Barão, José Guilheme e Manuel Pinto, do Desportivo Fonsecas; Delmino Pereira, Lucínio Santos, Rui Alves e Hélder Torres (a equipa completa da selecção de Vila Real também abandonou a prova devido a intoxicação alimentar, como havia sucedido com o Sport Lisboa e Marinha); Júlio Oliveira, do Santa Marta; Fernando Aguiar, do Bombarralense; Arlindo Coelho, do Cantanhedense e João Sena, do Banheirense.

### Acácio desce

Acácio da Silva chegou em 150.º lugar na etapa de ontem da Volta à França, com 19 minutos e 27 segundos de atraso em relação ao vencedor, o alemão-federal Rolf Golz. Em consequência de mais este atraso, Acácio da Silva baixou do 72.º para o 80.º lugar da classificação geral, agora a 49 minutos e 54 segundos do «camisola amarela», que continua na posse do francês Charly Mottet, que soma 65.46.40 horas. A etapa (15.ª, entre Tardes e Blagnac, na distância de 164 km) decorreu, por vezes, sob chuva torrencial, com o francês Roland Le Clerc e o irlandês Martin Early, a realizarem, logo no início, uma fuga bem sucedida. Para se unir aos dois fugitivos Rolf Golz pedalou isolado durante cerca de 30 km e o trio, uma vez constituído, foi aumentando progressivamente a sua vantagem em relação ao pelotão, que chegou a ser de mais de 20 minutos. O grande bloco, liderado pelo «camisola amarela», acabou por encurtar a distância que o separava dos corredores em fuga, os quais, todavia, conseguiram chegar à meta com 11 minutos de avanço, tendo Golz ganho ao «sprint», que disputou apenas com Roland Le Clerc, já que no arranque final Martin Early se deixou atrasar ligeiramente.

Hoje, disputa-se a 16.ª etapa, entre Blagnac e Millau, com a extensão de 216,5 km e uma subida de 1040 metros na encosta de Blouloc.

Neste momento, os melhores da classificação geral são: 1.º, Charly Mottet (França), 65.46,40 horas; 2.º, Jean-François Bernard (França), a 2,20; 3.º, Stephen Riche (Irlanda), a 2,33; 4.º, Pedro Delgado (Espanha), 4,21; 5.º, Robert Millar (Escócia), a 5,49; 6.º, Pablo Wilches (Colômbia), a 6,49; 7.º, Raul Alcalá (México), a 8,18; 8.º, Luís Herrera (Colômbia), a 8,34; 9.º, Urs Zimmermann (Suíça), a 8,36; e 10.º, Andrew Hampsten (EUA), a 8,44.

### Senhoras a pedalar

A soviética Tamara Poliakova venceu a 6.ª etapa da Volta à França (para senhoras) disputada em sistema de contra-relógio individual entre Plaisance-du-Touch e Blagnac. Poliakova percorreu os 34 quilómetros do percurso em 45 minutos, 45 segundos, tendo a francesa Jeannie Longo terminado em 3.º lugar a 52 segundos da vencedora e conservado a camisola amarela. A italiana Maria Canins foi 2.ª na etapa, com mais 23 segundos que a ciclista soviética. Na geral, Longo lidera com um total de 9.27,09 horas, seguida de Canins, a 20 segundos. Na 3.ª posição está a soviética Poliakova, com mais 3,24 minutos.

# "Páteo Alfacinha": festa com a Comunicação Social

## ● *Vitória na Taça de Portugal comemorada em belo estilo*

Carrapiteiro, ali perto da Malveira, é o porto de abrigo da família Vítor Seijo, com o genro José Eduardo (presidente do Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol) como figura marcante. A dupla, à frente dos destinos do «Páteo Alfacinha» e de uma larga rede de empreendimentos no campo da hotelaria, nem por isso descura um ramo de presença constante: no desporto futebolístico onde a turma do «Páteo» acaba de conquistar, na partida decisiva (disputada em Tomar) a desejada «Taça de Portugal» da modalidade que, no nosso país (seguindo as directrizes da FIFUSA, que corresponde à FIFA no tocante ao futebol de onze) é regida pela Associação de Futebol de Salão de Lisboa, dirigida por Máximo Fortes.

A vitória foi comemorada em belo estilo. José Eduardo e Vítor Seijo levaram os amigos da Comunicação Social a duas etapas da festa. Primeira: na Freixofeira, com dois duelos em futebol de salão. E lá estiveram jornalistas perante funcionários da empresa do Páteo. O resultado diz bem da superioridade dos moços treinados por José Eduardo: 7-1, com o solitário golo da Imprensa obtido (por obra e graça do destino) pelo jornalista António Pedro, o homem da Antena Um que também possui diploma de técnico da modalidade e já acompanhou várias digressões a Espanha do futebol de salão.

O bloco da Comunicação Social teve uma espécie de cúpula seleccionadora (os jornalistas Galvão Correia, José Pereira e Neves de Sousa) mas executantes que, embora colocando o máximo de vontade na ponta das botas, não conseguiram levar de vencida o «cinco» de José Eduardo, que integrava o ex-alcantarense Martinho (um **infantil** de 64 anos que rubricou quatro golos com tooda a limpeza!) e ainda profissionais de hoje (Aníbal, Raul José) muito embora se deva registar para a posteridade que a bendeira dos homens da Imprensa foi muito bem entregue a José Colaço, António Pedro, Bertolino de Carvalho, Eduardo Miragaia, Manuel [illegible]macho, Paulo de Castro, P[illegible]o Brito e, mesmo, a Maria [illegible]o das Neves de Sousa, «re[illegible]ço» cedido e m cima da hora p[illegible] Carcavelos, após conversações entre o jornalista Ar[illegible]car Teixeira e o técnico Ne[illegible] Cristovão.

Enfim: foram 7-1 (leia-se ao contrário...) mas não nos caíram os parentes na lama porque, logo a seguir a formação vencedora da «Taça de Portugal» bateu por 11-4 o forte conjunto de «McCann-Erickson/Hora», provendo que é muito inconstante o resultado numérico de qualquer prélio desportivo, por mais equilibrado que pareça. Resta uma certeza: quando tocou ao almoço (na magnífica mansão de Vítor Seijo) quem ganhou (sem sombra de qualquer dúvida) foram os jornalistas. Havia quem estivesse espantado com o apetite da nossa rapaziada: desde a Fernanda (esposa do José Eduardo) à Florbela, passando por Manolo Vidal e José Manuel Torquato (nomes bem ligados ao Sporting), pelo antigo «internacional» Freire (de momento na disponibilidade) e por mais um punhado dos bons amigos de Vítor Seijo, o tal que tem como gosto maior, **«cada dia contar mais amizades»**.

Sardinha assada e febras, tinto, branco e correlativos, remate na piscina ou de «wiski» em riste: uma meia dúzia de horas magníficas. A prova (provada) de que nem sempre os jornalistas são gente que somente se tolera. E que, para eles, ainda existem amigos verdadeiros. Firmes e fixes.

VIDA SOVIÉTICA
A SUA REVISTA MENSAL
ESCOLHEMOS PARA SI, EM JULHO:
AGRICULTURA
• Novas técnicas acrescentadas ao saber tradicional dos camponeses — Kolkhozes mais rentáveis
UM DIA, HÁ 52 ANOS
• A vida na URSS, 20 anos depois da Revolução de Outubro
DESPORTO E LITERATURA
• De campeão do mundo de halterofilismo a escritor
QUANDO NASCEU O "ROCK" SOVIÉTICO?
À VENDA
À CDL — Central Distribuidora Livreira
Av. Santos Dumond, 57 - 2.º — 1000 LISBOA — Tels 73 22 75 - 73 26 90 - 73 25 40
Decidi assinar a revista "VIDA SOVIÉTICA" • Preço de capa 70$00 na seguinte modalidade:
• 1 ano (12 n.os) - 300$00 • 2 anos (24 n.os) - 450$00 • 3 anos (36 n.os) - 600$00, para o que envio
Cheque _____ Vale de Correio _____ no valor de _____
NOME _____
MORADA _____
TELEFONE _____
CÓDIGO POSTAL
DL

# FEDERAÇÃO DE FUTEBOL: FINALMENTE SILVA RESENDE ASSINA DEMISSÃO!

Neves de Sousa

Finalmente, talvez a última réstia de bom senso, a menos que se trate de um golpe de mágica capaz de tudo virar na hora decisiva quando as diversas Associações de Futebol do País se reunirem para deliberar a quem vai ficar entregue o nosso futebol.

Não podendo suportar mais pressões (vindas de há muito de todos os lados) Silva Resende e mais quatro parceiros da direcção federativa (Pais de Amaral, Fernando Roriz, Elmano Coito e Manuel Saraiva) apresentaram demissão ao dr. Leite Faria (presidente da Assembleia Geral daquele organismo) através de Adriano Pinto (figura cimeira da Associação do Porto). Demorou, tardou mas (finalmente) parece que o dr. Antero Silva Resende compreendeu que funcionava como autêntica ilhota perdida e não conseguia, sem o seu afastamento do cadeirão da Praça de Alegria, restituir a tranquilidade ao futebol português que, muito por culpa própria, perdeu ensejo de brilhar no «mundial» do México e já desperdiçou a fé de poder botar figura nos campeonatos europeus (seniores ou de esperanças).

O curioso deste caso é que três dos elementos do elenco federativo persistem em colar-se aos lugares: Amândio de Carvalho, Manuel Moura e o eng.º Azevedo Félix, Amândio de Carvalho (que Setúbal pretende destituir a todo o custo) comenta:

**Não me demito, nem mudo de posição. Eu e os meus dois colegas não somos bodes expiatórios desta situação e, no mínimo, acho isto caricato e muito estranho.**

Enquanto o presidente da Associação do Porto (Adriano Ramos) que detém o maior número de votos para fazer peso na balança na hora do conclave das Associações, pretende (mesmo) **«eleições gerais, o que pressupõe saída dos três 'resistentes', o dr. Malaquias de Lemos (presidente da Associação de Lisboa) é de outra opinião:**

**— Estou contra a ideia de se destituírem os três elementos que não pediram a demissão: acho mais crucial que se substituam os que abdicaram, porque existem suplentes para os lugares em aberto. Quer-me parecer que o desejo do Porto é conseguir a hegemonia na Federação: mas, entendo que não poderá ser com eleição geral que atinge os seus fins.**

Ponto último da situação: Silva Resende e cinco colegas da chefia federativa demitiram-se. Quem vai para os seus lugares? Será para se baralharem os cargos e os nomes e tudo voltar (mais ou menos) à mesma ou, realmente, a força dos jogadores, dos treinadores e da opinião pública acabaram por chamar à razão quem teimava em fazer ouvidos moucos a todo um País futebolístico? A ver vamos.

## Sport-Society

### Desporto para deficientes

A «Sport Voor Gehandicapten Onderwijs» e a Sandeman (Porto e Sherry) incentivam o «Desporto para ensino especial de deficientes», que esta tarde (18 e 30), no Novotel Lisboa (Avenida José Malhoa, Lote 1642) se reúne com os representantes dos órgãos de Comunicação Social num «cocktail» de apresentação do projecto desportivo denominado «Raid Portugal - Holanda», em bicicleta.

### Vela: Taça «Cutty Sark»

A Comissão Organizadora da «Taça Cutty Sark» (1.ª Volta a Portugal em vela) convidaram os jornalistas para, às 18 horas de amanhã, se juntarem num convívio-«cocktail» para apresentação do seu programa, na Associação Naval de Lisboa (Doca de Belém). Entretanto, a administração de Adriano Ramos - Pinto SA e a administração de Viborel, Lda., também convidaram a Comunicação Social para o «Passeio Cutty Sark», no dia 6 de Agosto, pelas 10 e 30, a bordo do barco «Miratejo». O embarque terá lugar na Estação Fluvial do Terreiro do Paço (barcos para o Montijo) com chegada cerca das 13 e 30.

### Ténis: «Nabisco Sport Goofy»

A Walt Disney Portuguesa promove hoje (18 horas) no Clube dos Empresários uma conferência de Imprensa para apresentação do Campeonato Europeu de Ténis Infantil («Nabisco / Sport Goofy). Aguarda-se, entre outras individualidades, a presença de J. Chargelguè (vice-presidente da AET).

# Clubes começam a treinar

### Marítimo apresenta-se

António Henriques (presidente do Marítimo) anuncia que o seu clube vai lutar por um lugar entre os seis primeiros do campeonato nacional de futebol da divisão principal. A afirmação de António Henriques foi feita no Funchal durante a apresentação do «plantel» do Club Sport Marítimo para a época de 87/88. O grupo conta já com 24 futebolistas, prevendo-se que mais dois ou três jogadores (portugueses ou brasileiros) possam ainda juntar-se aos já contratados. Da época transacta transitaram Matos, Teixeirinha, Arnaldo Carvalho e Carlos Jorge (defesas), Artur Semedo, Bobó, Marquinhos, Osvaldo, João Luís, Camacho e Collin Hill (médios), João Paulo, Nunes e Carlos Duarte (avançados). Como novidades na equipa entraram Everton e Tozé (guarda-redes), Ricardo Aguiar, Oliveira e Andrade (defesas), Vadinho e José Luís (médios), Paulo Ricardo e Jorge Silva (avançados). A equipa técnica será chefiada por Manuel de Oliveira, coadjuvado por Eduardinho e Wagner Auruchio.

A preparação da equipa madeirense decorrerá no Funchal até ao dia 25, continuando depois no Continente, com a participação em diversos torneios. A turma madeirense regressará ao Funchal em 11 de Agosto.

O presidente António Henriques declara ter sido feito um apelo à aplicação e empenhamento de todos para que o clube possa fazer um campeonato tranquilo e à altura dos seus pergaminhos.

### Mais brasileiros em Belém?

O presidente Mário Rosa Freire e o dirigente Barcínio Pinto vão ao Brasil contratar mais dois brasileiros para o Belenenses. Entretanto, chega hoje ao Restelo o moçambicano Chiquinho.

Ainda do Belenenses: Silvério volta ao Santiago de Cacém e é natural a contratação do brasileiro Cláudio, defesa esquerdo do Santos.

### Chalana e Gomes estão de volta

Os «internacionais» Chalana e Gomes vão hoje voltar a jogar num encontro de carácter particular, que se realizará no relvado de Vale do Lobo. Para além de Chalana e Gomes (ambos recuperados de lesões) participarão no encontro outros nomes conhecidos do futebol português como Silvino, Jorge Plácido, Sousa, Semedo, Inácio e Toni, cabendo ao técnico António Morais a orientação desta equipa. Os «craques» em férias defrontarão a equipa de Vale do Lobo.

## Na sua agenda

**DAMAS:** Realizaram-se as finais do 6.º Campeonato Nacional de Damas Clássicas (equipas nas cat.as A e B) na Póvoa de Varzim e cujo resultado final foi o seguinte: na Categoria A: Almada A. Clube, 2 1/2 - GDB Rio Tinto, 1 1/2. O Almada é o campeão nacional na época de 1986/87 e os resultados parciais foram os seguintes: José S. Pereira (Almada), 0 - Joaquim D. Bravo (Rio Tinto), 0; Medalha da Silva (Almada), 1 - Osório Santos (Rio Tinto), 0; José L. Guerra (Almada), 0 - João Oliveira (Rio Tinto), 2; Artur C. Gomes (Almada), 3 - Aler Rodrigues (Rio Tinto), 0.

Categoria B: Clube P. da EDP Lisboa, 4 - Casa do Povo de Pombal, 0.

O Clube do pessoal da EDP (Lisboa) é o campeão nacional na cat.ª B. Resultados parciais: Afonso Fernandes (EDP), 3 - José S. Valbom (Pombal), 0; Manuel S. B. Capote (EDP), 2 - Celestino H. Silva (Pombal), 0; Valdemar Varela (EDP), 2 - Manuel dos Santos (Pombal), 1; Vítor Correia (EDP), 2 - Manuel N.A. da Silva (Pombal), 1.

### Hóquei em campo: congresso

Realiza-se, no próximo sábado (dia 18), a partir das 14 e 30 na Casa do Desporto (Rua António Pinto Machado, Porto), o congresso extraordinário da Federação Portuguesa de Hóquei em Campo.

## Deficientes: prémios em Paris

Joaquim Rebelo (FC Porto) estabeleceu um novo recorde do Mundo nos 400 metros em atletismo para deficientes, com o tempo de 0.56,76 segundos, durante os II Jogos Internacionais para Deficientes, que decorreram em Paris. Portugal, um dos 36 países representados nestes jogos, obteve ainda mais duas medalhas de ouro, cinco de prata e uma de bronze. Além de Portugal, participaram delegações dos Estados Unidos da América, RFA, China e Austrália (nas modalidades de andebol, basquetebol, atletismo, natação, ténis, ténis de mesa e tiro).

## assim vai o totobola

### PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO

### PARA O CONCURSO N.º 29/87, DE 19 DE JULHO DE 1987

Livre e Directo: 1X1 111 1X1 21X1; No Estúdio e no Estádio: 1XX 111 1X1 2X11; Pôr do Sol: 1XX 121 X12 1XX1; Fim-de-Semana Desportivo: 1X1 X21 X1X 1XXX; RDP-Rádio Guarda: 11X 221 111 X211; RR-Desporto Regional: 1X1 1X2 111 X211; Voz de Lamego: 1X2 2X2 1X2 1X22; R-Desporto: 11X 111 111 X111; RR-Diário do Desporto: 11X 11X 111 1X11; RR-Bola Branca: X22 2X2 X11 X12X;

RDP/Tarde Desportiva: 1X2 11X 1X1 2111; Eu Sei Tudo: 211 1X2 X11 2X1X; Jornal «A Defesa»: 1X1 XX1 211 X1X1; Maria da Fonte: 121 12X 11X X121; Correio do Vouga: 121 111 111 1111; Penalty: 111 211 112 1X11; Jornal da Beira: 111 111 111 X211; Folha do Domingo: 111 X1 X11 211X; Jornal do Fundão: 11X 1X1 111 2X11; A Voz do Domingo: 1X1 111 11X 1X11; Rádio Altitude: 12X 1X1 111 2X11; Ecos do Cacia: 1X1 1X1 1X2 2111; Diário de Lisboa: 1X2 121 X11 2211; O Diário: 122 X21 112 22X1; Reconquista: 111 121 111 1211; O Algarve: 112 2X1 X21 122X; Jornal de Sintra: 1X1 121 11X 1111; O Mensageiro:

1X2 121 11X 1X11; RDP/Panorama Desportivo: 211 1X1 112 X211; O Jornal de Felgueiras: 1X2 X22 12X X122; Notícias de Felgueiras: 112 XX2 12X 1122; Rádio Totobola: 1X1 2X1 X21 2X1X; O Jornal da Lixa: 1X1 11X 111 1111; Correio de Coimbra: 121 1X1 111 2X11; Rádio Altitude-Desporto Regional: 111 111 111 1111; Pista de Dança: X11 X21 XX1 1XX1; O Jornal de Amarante: 121 111 111 2111; Defesa de Espinho: 121 1XX 112 1X21; Notícias de Viana: 221 1X1 11X 2X11; Litoral: 122 2XX 12X 2XX1; Notícias de Guimarães: 12X 2X1 111 1X11; Linhas de Elvas: 12X 12X 12X 12X1; Comércio de Leixões: 111 X21 111 X111; De Tudo Um Pouco: 1XX 121 111 2111; Jornal de Gaia: 1XX 221 11X X111; Jornal da Graça: 111 1X1 1X1 X111; Jornal de Notícias: 1X2 X21 111 1X11; O Primeiro de Janeiro: 111 121 111 2211; Quadrante Norte: 1XX 1X1 1X1 X2X1; Repórter do Dia: X11 X11 111 X1X1; Resenha Desportiva: 121 121 111 1X1X; Rádio Sports: 1X1 XX1 111 1111; Alvo Desportivo: 1X1 1XX 11X X11X; Rádio Alvo: 1X1 111 1XX 2111; Alvo: 1X2 112 11X 2X12; Alvo Suplemento: X11 121 XX1 1XX1; Jornal Voz do Ave: 111 XXX 111 1111; A Voz dos Ridículos: 1X1 X11 111 1111; Rádio Placard: 11X 1X1 111 1112; Estúdio 64: 111 111 111 1111.

| | RESUMO 1 | RESUMO X | RESUMO 2 | BOLAS (*) 1 | BOLAS (*) X | BOLAS (*) 2 |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 1. Lausana-Aarhus | 53 | 4 | 3 | 10 | 1 | 1 |
| 2. Hammarby-Magdeburgo | 22 | 25 | 13 | 4 | 5 | 3 |
| 3. Pogon-Chaux-de-Fonds | 35 | 13 | 12 | 7 | 3 | 2 |
| 4. Halmstads-Varna | 40 | 13 | 7 | 8 | 3 | 1 |
| 5. Wismut-Ujpesti | 18 | 23 | 19 | 3 | 5 | 4 |
| 6. Tatabanya-Bellinzona | 44 | 9 | 7 | 9 | 2 | 1 |
| 7. Naestved-Dunajska | 49 | 10 | 1 | 9 | 2 | 1 |
| 8. Malmo-Bohemians | 44 | 10 | 6 | 9 | 2 | 1 |
| 9. Videoton-Grasshopper | 39 | 14 | 7 | 8 | 3 | 1 |
| 10. Nitra-AIK | 26 | 15 | 19 | 5 | 3 | 1 |
| 11. Lingby-Lech Poznan | 27 | 22 | 11 | 6 | 4 | 2 |
| 12. Ruda Cheb-Etar | 42 | 11 | 7 | 9 | 2 | 1 |
| 13. Norrkoping-Erfurt | 47 | 8 | 5 | 10 | 1 | 1 |

(*) — Nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

**A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:**
**1X1 1X1 111 1111**

# GERALDÃO: CRUZEIRO NÃO LIBERTA DEFESA PARA AS ANTAS

O presidente do Cruzeiro (Brasil) afirma que não liberta Geraldão para vir actuar no FC Porto: e que a vinda do jogador ao nosso país não teve autorização do clube a que pertence. E vai mais longe: **a possível transferência para as Antas pode obrigar a um inquérito policial!**

Por seu turno, o jogador garante que foi «enganado» pelo advogado portista no Brasil (dr. Jomar Macedo) e o causídico abre-se: **Pois então aí vão as verbas que o Porto oferece a Geraldão. Anotem: 3600 contos de «luvas» por cada ano de contrato, ordenado mensal de 580 contos na 1.ª época, subindo progressivamente até mil contos, prémios de jogo e hospedagem no Porto.** Última notícia: Geraldão volta hoje ao Brasil, **para tratar da vida.**

### Sporting troca

O Sporting contratou o avançado Murta (17 anos) no Marinhense, clube a quem empresta Penetra «capitão» da turma de juniores de Alvalade.

### Artur Jorge perde

Primeiro desaire de Artur Jorge em terras francesas: o Matra/Racing (em jogo particular) foi batido (1-2) em Nantes.

### Vítor Correia: acidente

O árbitro «internacional» Vítor Correia, que estava marcado para dirigir o jogo França-Irlanda do Norte (12 de Agosto, para o torneio olímpico) partiu um pé e será amanhã operado, no Porto, pelo dr. Espregueira endes. Dois meses de inactividade: preço da infelicidade do categorizado juiz.

### Braga ao ataque

O Sporting de Braga regressou ao estádio, com «plantel» quase firme. Guarda-redes: Velinov (búlgaro), Hélder e Marinho; defesas: Toni, Nelito, Carvalhal, Manuel Joaquim, Bastos Lopes, Ernesto, Laureta (ex-FC Porto) e Vítor Duarte (ex-Farense); médios: Zinho, Gersinho, Spencer, Kiki (ex-Chaves), João Mário (ex-Paços Ferreira), Valtinho, Vítor Santos e Paulo Henrique; avançados: Kostadinov (búlgaro), Jorge Gomes, Vinicius e Petróleo. Mirinho, Serrinha e Fernando Pires continuam ligados ao Sporting de Braga mas foram cedidos por uma época ao Felgueiras, enquanto Manuel Abreu, apesar e se ter comprometido com o clube, alegou «razões familiares» e regressou a França. Outras saídas do clube: Barradas, António Borges e Jacques assinaram pelo Sporting da Covilhã e Serra pelo Desportivo de Chaves, havendo hipóteses do defesa-esquerdo Serrote se vincular ao Farense.

A equipa técnica é chefiada por Manuel José, que tem como adjuntos Valdemar Custódio e Rui Oliveira. Os fuebolistas do Sporting de Braga têm testes físicos e treinos ligeiros até amanhã. Depois será um estágio de oito dias em Espinho para, no dia 5 de Agosto, fazerem a apresentação aos seus adeptos num encontro a disputar com a França, no Estádio 1.º de Maio. No fim-de-semana de 8/9 de Agosto os bracarenses participam no Torneio da Póvoa, juntamente com o Vitória de Guimarães, Varzim e Chaves e no dia 12, de novo em Braga, atendem o Gil Vicente. Entre 15 e 17 de Agosto, o Sporting de Braga participa no Torneio da Costa Verde, onde estarão também Espinho, Boavista e Vitória de Setúbal.

### Farense: crise não trava

A crise directiva do Farense não impediu o regresso ao trabalho da equipa principal de futebol, verificado já com as inspecções médicas. Na sequência da demissão do presidente Fernando Barata, o restante elenco directivo reuniu (situação que não acontecia há oito meses) e decidiu assumir a gestão do clube, cabendo aos vice-presidentes José Alves e Eduardo Chaby as boas-vindas aos jogadores apresentados.

**«O Farense não pode parar e a actual gerência está em funcionamento»,** disse Eduardo Chaby, garantindo que, **«estatutariamente, pode funcionar até ao final da época».**

A apresentação decorreu em ambiente de serenidade, estando o início da preparação marcado para a próxima 2.ª-feira, já sob a orientação do técnico Cláudio Garcia, ainda ausente no Brasil, de onde regressará amanhã. Caras novas no «plantel» do Farense apenas duas: António Luís e Vado (dois jovens ex-Torralta) reforços a que se juntarão os boavisteiros João Medeiros e Agatão (ou Caetano) e ainda um trio de brasileiros, por indicação do treinador Cláudio Garcia. Saíram do Farense (no final da época): Pires (Portimonense), Jorge Andrade (Boavista), António Andrade (Marítimo), Vítor Duarte (Braga), Peter (Louletano), João Cabral (Juventude de Évora), Luís Filipe e João Manuel (Barreirense) e Lucas e Rufino, ambos com destino desconhecido.

**«A estrutura-base da equipa anterior é mantida e reforçada com vários jovens promissores e ambiciosos»,** afirmou Eduardo Chaby.

O «plantel» para a nova temporada tem já garantidas as presenças de Celso, Tavares, Stevens e Ivo (guarda-redes), Carlos Pereira, Germano, Nilson, Luisão, Marco, João José (ex-Estrela de Portalegre) e Pereirinha (defesas), os médios Nando, Orlando, Ciro, Barrocal, Capela e, possivelmente, Oliva (ex-Olhanense), Spassov, Fortes, Sérgio Barros, Araújo (ex-júnior), Julinho (ex-Imortal), para além das aquisições António Luís e Vado (avançados). Cláudio Garcia terá como adjuntos José Mirobaldo e Pedro Benje.

Entretanto, no Brasil, o técnico Cláudio Garcia diz que vem a Portugal mas depende exclusivamente de Fernando Barata...

### Mapuata: punição?

Mapuata, que não esteve ao lado dos seus colegas belenenses no jogo do último domingo, em terras francesas, está incurso em inquérito disciplinar movido pela sua entidade patronal.

### Lisboa: «Taças de Honra»

A Associação de Futebol de Lisboa já definiu datas e concorrentes às diversas «Taças de honra». Na 1.ª divisão (a 13 de Agosto, no Estádio do Benfica) actuam Belenenses-Oriental e Benfica-Sporting para, três dias mais tarde, se encontrar o vencedor. Divisão 2: concorrem Atlético, Sacavenense e Torreense. Jogos: Atlético-Sacavenense (12 de Agosto), Torreense-Atético (15), Sacavenense-Torreense (19), Sacavenense-Atlético (22), Atlético-Torreense (26) e Torreense-Sacavenense (dia 29). No tocante à 3.ª divisão formaram-se duas séries. Na A incluem-se Olivais e Moscavide, União Vilafranquense, Santa Iria, Vialonga e Lisboa e Olivais. Na série B: Atlético da Malveira, Atlético do Cacém, Futebol Benfica, Vitória de Lisboa e União Sintrense. As jornadas processam-se a 15, 19, 22, 26 e 29 de Agosto.

### Reservas em acção

O camponato distrital de reservas lisboetas tem nove concorrentes: Sporting, Benfica, Sacavenense, Atlético, Oriental, Estrela da Amadora, Estoril Praia, Belenenses e Torreense. Quase com o único objectivo de «limpar castigos vindos da época anterior», inicia-se a 2 de Setembro. Por seu lado, o torneio destinado à 3.ª divisão, apresenta 10 concorrentes: Olivais e Moscavide, União Vilafranquense, Atlético do Cacém, Vitória de Lisboa, Atlético da Malveira, Santa Iria, Lisboa e Olivais, Sintrense, Vialonga e Futebol Benfica. Início da competição também a 2 de Setembro.

## EM PORTUGAL

| | T. 6 h | Min. | Prec. | Às 13 h. |
|---|---|---|---|---|
| Bragança | 15 | 14 | 0,0 | Chuvisco |
| V. Castelo | 18 | 18 | 0,0 | Chuva |
| Vila Real | 17 | 15 | 0,0 | Encobert. |
| Porto | 18 | 17 | 0,0 | Neblina |
| Coimbra | 18 | 15 | 0,0 | Nevoeiro |
| C. Carvoeiro | 18 | 17 | 0,0 | M. nub. |
| C. Branco | – | – | – | – |
| Portalegre | 14 | 14 | 0,0 | Neblina |
| Lisboa | 19 | 18 | 0,0 | Aguaceir |
| Évora | 15 | 15 | 0,0 | M. nub. |
| Beja | 15 | 14 | 0,0 | Nevoeiro |
| Faro | 17 | 17 | 0,0 | P. nub. |
| Sagres | 18 | 18 | 0,0 | P. nub. |
| P. Delgada | 19 | 17 | 0,0 | P. nub. |
| Funchal | 18 | 18 | 0,0 | P. nub. |

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 26, Porto 23, Faro 30, Ponta Delgada 24, Funchal 25.

*Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm*

## NA EUROPA

| | T. 7 h | Min. | Às 13 h. |
|---|---|---|---|
| Madrid | 16 | 16 | M. nub. |
| Londres | 17 | 17 | Neblina |
| Paris | 18 | 18 | Encoberto |
| Bruxelas | 19 | 19 | Chuva |
| Amesterdão | 19 | 17 | Neblina |
| Genebra | 19 | 17 | Neblina |
| Roma | 21 | 18 | Neblina |
| Oslo | 7 | 6 | P. nub. |
| Copenhaga | 16 | 11 | P. nub. |
| Estocolmo | 16 | 10 | P. nub. |
| Berlim | 16 | 13 | P. nub. |
| Viena | 15 | 13 | P. nub. |
| Varsovia | 16 | 9 | P. nub. |
| Atenas | 28 | 24 | Limpo |
| Moscovo | 12 | 10 | Neblina |

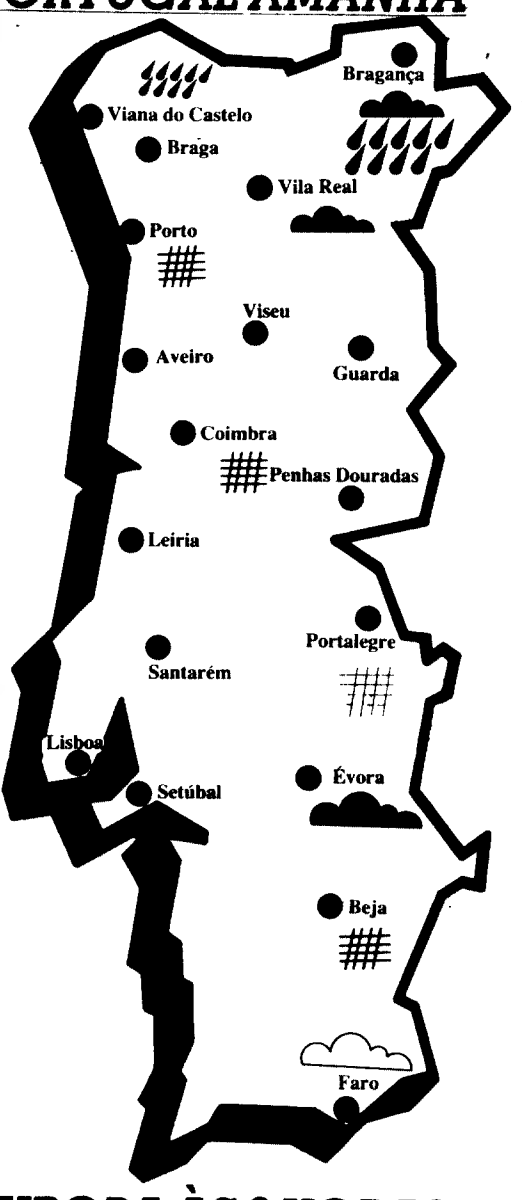
*Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm*

## NO MUNDO

| | Min. | Máx. | Às 13 h. |
|---|---|---|---|
| Caracas | 19 | 26 | Chuva |
| Joanesburgo | 4 | 18 | Limpo |
| Los Angeles | 16 | 28 | Limpo |
| Montreal | 22 | 34 | Limpo |
| Nova Deli | 29 | 39 | Limpo |
| Nova Iorque | 23 | 32 | Nublado |
| R. de Janeiro | 19 | 34 | Nublado |
| S. Francisco | 13 | 20 | Nublado |
| São Paulo | 13 | – | Nublado |
| Tóquio | 20 | 32 | Limpo |

*Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm*

## PORTUGAL AMANHÃ




## EUROPA ÀS 6 HORAS

## TEMPO

### HOJE

***No Continente:***

Nas regiões do Norte: céu **geralmente muito nublado. Vento fraco ou moderado de sudoeste e períodos de chuva ou chuviscos em especial no litoral.**

Nas regiões do Centro e Sul: **céu pouco nublado, apresentando-se muito nublado na faixa costeira ocidental durante a madrugada e manhã. Vento fraco ou moderado de noroeste.**

**Em todo o território:** neblinas ou nevoeiros matinais.

***Estado do mar:***

**Costa Ocidental: Mar de pequena vaga a cavado. Ondulação noroeste de 2 metros.**

**Costa *Sul*: Mar de pequena vaga a cavado. Ondulação inferior a 1 metro.**

***Nos Açores:***

**Grupo Ocidental: períodos de céu muito nublado. Vento oeste bonançoso a moderado.**

***Estado do mar*: mar de pequena vaga. Ondulação noroeste de um a dois metros.**

***Na Madeira:***

**Céu geralmente pouco nublado. Vento noroeste moderado.**

***Estado do mar*: mar de pequena vaga a cavado. Ondulação norte de um a dois metros.**

### AMANHÃ

**Céu pouco nublado ou limpo, temporariamente muito nublado durante a manhã na região Norte, onde poderão ocorrer aguaceiros fracos. Vento fraco a moderado de noroeste. Neblinas matinais.**

### DEPOIS

**Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco nas regiões do interior e moderado de noroeste no litoral oeste.**

### MARÉS

**Hoje**

| Praia-Mar | | Baixa-Mar | |
|---|---|---|---|
| 8.00 | 3,7 m | 1.26 | 1,0 m |
| 20.18 | 3,9 m | 13.38 | 1,2 m |

**Amanhã**

| | | | |
|---|---|---|---|
| 8.50 | 3,5 m | 2.20 | 1,2 m |
| 21.12 | 3,7 m | 14.35 | 1,4 m |

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

• Informação da agência Lusa

# DIÁRIO COM PRAÇA DE TOUROS AO FUNDO

Soliloquio

## 11 de Junho, quinta-feira

**Praça de Touros de Madrid. Corrida da Benificência. Touros de Jandilla para Curro Vasquez, Niño de la Capea e Vítor Mendes.**

Sempre a ouvir dizer, a um que viu a corrida de Burgos em Almeirim, a outro que assistiu no Carregado à faena de Ojeda em Algeciras, a outro que em Salvaterra foi testemunha da tarde triunfal de Alicante, todo o Ribatejo eriçado de antenas dirigidas para a Televisão espanhola, touros de morte sem passar a fronteira. E hoje decidi-me, havia mais uma transmissão directa, e logo a corrida da Beneficência, e com o Vítor Mendes no cartaz, prémio ao triunfador absoluto do Santo Isidro, entre a flor e nata do toureio, na história nunca tal acontecera a um português. Feito o desconto da hora espanhola, atirei-me à estrada, às seis em ponto entrei no cafezinho de Vila Franca, que o Vítor Escudero me ensinara, logo atrás do mercado, lugar de sossego, podiam ouvir-se os comentários e àpartes. Cafezinho no sítio, só que um contratempo, no televisor o que se via era chuva, certamente aguardavam ligação a Madrid, certamente uma ova, o dono da casa explicou causa incerta, todavia provável, terem desligado o retransmissor por falta de pagamento dos interessados, não há nada para ninguém, também ele queria ver a corrida, pior que estragado mas atencioso, sugeriu-me que fosse até Castanheira, já soubera pelo telefone que lá estavam a apanhar a Espanha pelo retransmissor de Almeirim, já pedira até para lhe gravarem a corrida, eu que experimentasse, tinha por exemplo uma loja de electrodomésticos, quem entra na vila fica logo ao lado direito da estrada, a seguir à capela. Agradeci, montei na viatura, apertei o prego, Castanheira do Ribatejo foi um pulo, a loja lá estava, no sítio previsto, televisor ligado, o primeiro Jandilla acabado de saltar à arena, esteja à sua vontade, faça o favor de ver o que quiser, isto tem valor da parte da senhora da loja, vendo ela que eu não tinha ar de potencial cliente do «Multi-Centro Técnico de Electrodomésticos de Castanheira do Ribatejo», não ia adquirir televisor, nem sequer artigo mais económico, ferro eléctrico, yogurteira, espremedor, seria apenas um observador de como o público de Madrid se sentia espremido, os gritos ouviam-se cá tão longe, os Jandillas comerciais a cairem-se, sem forças, promessa de faenas de seda e afinal aquele desastre, ao menos pela televisão ouvíamos as entrevistas aos matadores, explicando as razões por que não tinham feito nada, e também ouvíamos os brindes que faziam ao rei, Don Juan Carlos ouvia-os com um sorriso, quem sabe se ele estaria a lembrar-se, vendo os Jandillas a deitarem-se no chão, daquela noite do 23 de Fevereiro, da invasão do Parlamento, quando o Tejero ordenou aos deputados: «Todos al suelo!», só que na arena ninguém mandava os touros cairem-se, eles caiam de «motu próprio», e quando não caíam não investiam a direito, por isso o fino Curro Vasquez brindou ao rei com aquela cara que não era um mostruário de felicidade, em todo o caso ia ver se podia dar ao menos uns tantos passes, afinal nem essa promessa pôde cumprir, e depois foi o Capea, «brindo a morte deste touro, embora não seja o que eu queria, va por usted», o sobrero de Benavides também se caía, e Pedro Moya sem pena nem glória, longe de mostrar à Espanha a reclamada injustiça da sua ausência dos cartazes do Santo Isidro, já o brinde do Vitor Mendes foi mais comunicativo, «Majestad va por Usted, por Espanha e por mi País, com mucho orgulho por estar aqui», e razões tinha para esse orgulho, sente-se como o público de Madrid está com o português desde a tarde memorável dos touros de Iban, foi dele a única volta à arena desta Beneficência. Única e podia ter sido a última, se o sexto chega a destroçar-lhe o peito como lhe destroçou o trajo naquela cornada seca, por pouco não o deixava subir ao camarote real, e depois declarar-se surpreendido com o grande conhecimento que o rei tem do nosso país, pudera, ó Vitor, o rei viveu cá tantos anos, até assistiu a diversas touradas, nunca deve é ter assistido a nenhuma corrida dentro duma loja de electrodomésticos.

## 12 de Junho sexta-feira

Ontem, esqueci-me de contar uma coisa nova, que aconteceu na corrida da Beneficência, acabava a presidência de mandar recolher aos curros o segundo da tarde: saltou à arena um espontâneo, que antes de o agarrarem deu umas trapadas vulgares, mérito diminuído porque o touro se caía, era inválido, e com a novidade de que o homem trazia um ajudante, que também saltou à arena, não para tourear com ele «al alimon», mas com a missão específica de fazer barreira, de impedir a intervenção dos bandarilheiros. Sós nos faltava mais esta, espontâneos com guarda-costas.

## 14 de Junho, domingo

Um dia deste, no Calhariz, à beira do Bairro Alto, encontrei o Alfredo Ovelha, esse caso ímpar entre os taurinos portugueses, sabedoria acumulada de muitas e algumas amargas experiências, não sei se haverá outro como ele, que tenha andado por todas as partidas do mundo, das Áfricas aos confins do Extremo Oriente, Macau, as Filipinas, a Indonésia, se um dia escrevesse as suas memórias tinha de ser em diversos volumes. Dois dedos de conversa trocados no passeio. Fiquei a saber que este ano há guerra entre as empresas dos Açores, se Angra montara cartazes de luxo, o Moura, o Vítor Mendes, o Ruiz Miguel, teve a Praia da Vitória que defender a sua honra, não podia ficar atrás, vá de encomendar ao senhor Ovelha a contratação de duas figuras, o Damaso Gonzalez e o Niño de la Capea, há casos em que o amor próprio da terra manda mais do que o negócio, quem sabe se à custa disso e da autonomia regional ainda vamos ter touros de morte nos Açores, ou mesmo na Madeira, devia ser giro, o Jardim a partir a louça, a explicar as vinte e cinco razões para a corrida integral na Pérola do Atlântico, entre elas a concorrência com as Canárias. Mas o Alfredo Ovelha não parte louça, é um «gentleman»; quando me perguntou se eu ia no domingo seguinte à corrida de Santarém, e eu lhe respondi que não, cavalos e embolados só em pequenas doses, falta-me a paciência, ele não insistiu, não convidou, perguntara porque, se eu fosse, gostava que lhe dissesse o que achava do Luís Rouxinol, moço cavaleiro que é agora apoderado, ia receber nesse dia alternativa, rapaz modesto, cheio de boa vontade, era bom uma palavra minha. Não fui mesmo a Santarém. Não fui um dos que encheram a praça, assistiram à alternativa do Luís Rouxinol. Mas hoje, na televisão, vi uma reportagem do festejo, foi o rapaz o triunfador, até o padrinho deixou para trás, e o padrinho era o Moura famoso. Lá estava o Rouxinhol no «écran», sorrindo à multidão, com um sorriso todo de esperança. Imaginei o Alfredo Ovelha, algures na trincheira, compartilhei da satisfação que devia estar sentindo, satisfação que nele não é deslumbrada, ele sabe que começar não é fazer, conhece a incógnita que está para além do princípio de todas as coisas.

## 15 de Junho, segunda-feira

O empresário da praça de Granada, Don Luis Miranda, resolveu este ano abrir a feira do Corpo de Deus, que começa depois de amanhã, com um cartaz de matadores da terra. Se ninguém os contrata, ao menos que toureiem uma vez na sua cidade. E fez anunciar oito touros de Campos Peña para Abelardo Granada, Sacromonte, Andrés Moreno e «El Taiante». Vistos os factos, constatou José Rodriguez Castellano, «El Berenjeno», que sendo de Granada ficava de fora, quando já tão poucas oportunidades lhe restam, 55 anos cumpridos. Daí que, inconformado, se tenha dirigido à porta da casa do empresário, vestido de azul e ouro, tripulando uma carroça funerária, sobre o caixão a montera e o capote de passeio, e também a afirmação rotunda: «Ou toureio em Granada, ou isto.»

Cena do caixão não é original, visto que nós já tivemos há uns anos o Guarany à porta do Campo Pequeno, com o dito apetrecho, disposto a «triunfar ou morrer». Afinal não triunfou nem morreu, felizmente havia uma terceira opção, independente do propósito anunciado, e não sei se cumprido, de oferecer o caixão à Mitra, no caso de não lhe dar uso próprio. Mas a atitude de «El Berenjeno», além do acrescento da carroça funerária, tem ainda o sabor de uma dúvida, digamos mesmo de uma suspeita: quando ele diz, à porta da casa de Don Luís Miranda, «ou toureio em Granada, ou isto», não sabemos exactamente se o «isto» se aplica ao toureiro ou ao empresário.

# Casa de Serralves no Porto: vinte mil visitantes num mês

Desde a sua inauguração oficial, a Casa de Serralves — Museu Nacional de Arte Moderna — já recebeu um número pouco vulgar de visitantes em estabelecimentos do seu género.

Podem estimar-se em mais de 20 000 as pessoas que, desde 1 de Junho e até à primeira semana de Julho, se deslocaram à novel instituição, percorrendo os espaços onde estão patentes notáveis exemplos de arte contemporânea portuguesa, que fazem parte do património do museu, ou exposições temporárias, tomando parte nos colóquios ou assistindo aos ciclos temáticos que se realizam no auditório.

Ponto de atracção é, também, o vasto e belo parque do museu, numa das mais belas zonas verdes da cidade do Porto.

Neste mês decorrem na Casa de Serralves as exposições Dominguez Alvarez mostra que engloba praticamente toda a obra daquele pintor nos seus diversos ciclos. Nome conhecido, as obras de Alvarez etão agora patentes ao público, que as pode apreciar em toda a expresividade e sugestão.

Igualmente a colecção da nião de Bancos Portugueses, que reúne quadros de autores nacionais e estrangeiros, avultando quadros de Portinari e Di Cavacanti, têm suscitado o interesse e consequente visita de inúmeras pessoas que sabiam do valor do espolio artístico reunido pela UBP.

Estão ainda patentes, em Serralves, duas exposições documentais — uma viagem do grande arquitecto e urbanista — e a divulgação da documenta de Kassel, manifestação quadrianual.

Outros motivos de visitas são as sessões de Cinema/Artes Plásticas e a música ligam ao vídeo, ciclo apresentado por Cândido Lima.


**TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LEIRIA**

**ANÚNCIO**

FAZ-SE SABER QUE na Execução de Sentença n.º 175-B/75 da 1.ª Secção, que a exequente ILDA PIPA DA GRAÇA, viúva, doméstica, residente na Rua D José Alves Correia da Silva, 65-1.º, Leiria, por si e na qualidade de legal representante de seus filhos menores, move aos executados Armindo Gomes Mendes, operador da R.T.P., residente em Lisboa, José Melo de Sousa e mulher Aurora Vidal Ramos, residentes em Quinta das Palmeiras, R.K. — Lote 6-1.º Direito em Lisboa, e actualmente ausentes em parte incerta, foi designado o próximo dia 21 de OUTUBRO pelas 10 horas, neste Tribunal Judicial da Comarca de Leiria, para a ABERTURA DE PROPOSTAS até esse momento entregues na Secretaria deste mesmo Tribunal, de preço superior ao de 100 000$00, oferecido pelos exequentes ILDA PIPA DA GRAÇA e OUTROS, já acima identificados, pelas pessoas interessadas, na compra do veículo abaixo indicado, do qual é fiel depositário o Senhor Doutor José Henriques Vareda, advogado com escritório na Rua de S. Francisco, 50 em LEIRIA:

**BEM A VENDER**

«Um veiculo automóvel, de marca Mercedes, a gasolina, com quatro portas, de matricula M. 3184, de cor preta, com a porta da frente toda batida e tejadilho em muito mau estado de conservação.»

Leiria, 8 de Julho de 1987

**O Juiz de Direito,**
*Armindo dos Santos Monteiro*

**A Escrivã Adjunta,**
*Maria Olivia Marques das Neves Ferreira*

**«DL» 16/7/87 — 2.ª Pub.**



**15.º JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA**

**ANÚNCIO**

**São por este meio citados OS CREDORES DA SOCIEDADE** «BIS-BORRACHAS INDUSTRIAIS» S.A. com sede e estabelecimento principal na Rua João de Deus – Venda Nova – Amadora, para, no prazo de SETE DIAS, que se contarão depois de decorrida a dilação de TRINTA DIAS a partir da data da publicação do segundo anúncio, virem aos autos de Processo Especial de Recuperação da Empresa e da Protecção dos Credores, requerida por aquela sociedade, deduzirem oposição ao seu pedido de recuperação, ou justificarem sumariamente os seus créditos, ou ainda requererem alguma das providências previstas no capítulo I do Decreto-Lei n.º 177/86, de 2 de Julho, devendo ainda juntar documentos e requererem quaisquer outros meios de prova.

Lisboa, 7 de Julho de 1987

O Juiz de Direito,
a) Flávio do Cazal

O Escrivão de Direito, da 2.ª Secção,
a) Martinho Deica

DL - 2.ª Pub. 16/7/87



**Caminhos de Ferro Portugueses**

**AVISO AOS PASSAGEIROS DA LINHA DO OESTE**
**TRABALHOS DE CONSERVAÇÃO NA CATENÁRIA DA LINHA DE SINTRA (DE 29/6 a 15/9)**

**A CP informa que, no âmbito dos trabalhos que tem vindo a efectuar na Linha de Sintra para conservação da catenária, além das restrições já do conhecimento público,** a partir de 20 de Julho **serão suprimidos os seguintes comboios da Linha do Oeste:**

**Dias úteis: Comboios n.ºs 4010 e 4013**
**Sábados e Domingos: Comboios n.ºs 4010, 4012, 4013 e 4017**

**Apelando à boa compreensão dos Senhores Passageiros da Linha do Oeste para as perturbações causadas por estes trabalhos, a CP solicita-lhes que utilizem, em lugar dos comboios temporariamente suprimidos, os tranvias da Linha de Sintra com transbordo no Cacém.**



COMPANHIA Tel. 2752175
TEATRO DE ALMADA
AFONSO VI
de FONSECA LOBO
encenação
JOAQUIM BENITE
cenário
Mª JOÃO SILVEIRA RAMOS
estreia 17 Jul.
sub. SEC/CMA
10 ÚNICOS ESPECTÁCULOS

**Carlos Manuel da Silva Girão**
Oficial da Marinha Mercante

**Faleceu**

Sua esposa, filho, pais, sogra e restante família participam a todas as pessoas de suas relações e amizade o falecimento do seu muito ente querido e que o seu funeral se realiza em dia e hora a determinar da Igreja Paroquial de Benfica para o cemitério local.

**Agência Júlio & Almeida, Lda.**
**Telef. 561804-557465**

*Ontem à noite em Madrid*

# Multidão delira com os U2

Uma multidão calculada em 120 mil pessoas, à mistura com algumas bandeiras nacionais portuguesas, vibrou ontem à noite em Madrid com um festival de seis horas de música rock em que o delírio foi atingido com o grupo irlandês «U2».

O festival realizou-se no Estádio Santiago Barnabeu, do Real Madrid, numa organização da Câmara da capital espanhola para assinalar o Ano Europeu do Ambiente.

Às 19 horas locais (18 em Lisboa) já a frente do palco de 50 metros se encontrava completamente cheia, 8 horas antes da actuação dos «U2».

O primeiro grupo a apresentar foram os Big Audio Dynamite, liderados por Mike Jones, ex-Clash que actuaram durante 45 minutos.

Enquanto membros da Cruz Vermelha regavam centenas de espectadores com mangueiras de água devido ao calor, entraram em palco os «UB40» para uma actuação de uma hora com música «reggae».

As 22,30 locais (21,30 de Lisboa) cantaram os Pretenders que terminaram juntos em palco aos «UB40» para cantar «I Got You Dade».

Antes os Pretenders, liderados por Chrissie Hynde, tinham homenagedo os Beatles cantando «Dont Let Me Down» de Lennon e McCartney fazendo acender pela primeira vez milhares de isqueiros no estádio já então completamente cheio.

No cenário extremamente sóbrio sem efeitos de qualquer espécie e onde só se distinguia a árvore de Joshua, iniciou-se à 00,30 o concerto propriamente dos «U2» também com uma homenagem aos Beatles.

As potentes colunas de som transmitiram «All You Need Is Love» e «Stand By My» na versão de John Lennon, após o que Bono, líder dos «U2», entrou em palco levantando em peso todo o estádio onde já não cabia ninguém.

Bono entrou com uma bola de futebol que atirou para a assistência começando imediatamente o espectáculo considerado em Madrid como o concerto do ano em Espanha.

Os «U2» interpretaram as suas canções mais conhecidas, incluindo as do seu último álbum e prestaram homenagem a Martin Luter King e ainda a John Lennon, Janis Joplin, Jimi Hendrix e Jim Morrisson.

Católicos irlandeses, os «U2» emprestam às suas canções um teor político a favor de África, Nicarágua e El Salvador, mas Bono afirma que quando lhe falam em música com mensagem diz que «se sente como um carteiro».

«Nunca disse que mudaria o mundo, eu só quero mudar o meu.

O rock and roll é ruído, mas o ruído positivo que pode fazer despertar e ver a realidade», afirma.

Deslumbrado com a multidão que enchia o estádio, Bono perguntou porque razão não tinha já tocado em Espanha.

O concerto terminou com o baterista a atirar as baquetes para a multidão.

# Outubro na URSS: Semana do Cinema Português

A delegação portuguesa que se encontra na capital soviética no âmbito do XV Festival de Cinema de Moscovo está a tratar da realização naquela cidade de uma semana do filme português, foi revelado num encontro com a Imprensarealizado na embaixada soviética dedicado ao Ciclo de Cinema Soviético actualmente em exibição em Lisboa e à Exposição de Pintura Russa patente na Fundação Gulbenkian.

Um representante da Mosfilm em Portugal acrescentou que a delegação portuguesa era constituída por elementos do IPC (Instituto Português de Cinema), da RTP e de uma empresa privada, e a semana deverá ter lugar em Outubro, previsivelmente coincidindo como a visita à URSS do Presidente português Mário Soares, ainda sem data, mas prevista para o próximo Outono.

A realização de tal ciclo parece traduzir o desejo dos soviéticos de incrementar a cooperação cultural entre os dois países, conforme foi repetidamente sublinhado no encontro, pelo actual encarregado de Negócios da URSS em Portugal, Vladimir Zemski, que era acompanhado pelos director e subdirector da Cinemateca Portuguesa, respectivamente Luís de Pina e João Benard da Costa, este último também da Fundação Gulbenkian, entidades que organizaram o Ciclo de Cinema Soviético em Lisboa.

O diplomata soviético que manifestou a abertura de Moscovo à realização de manifestações culturais portuguesas idênticas na URSS, lamentou que em 13 anos de relações diplomáticas não se tivesse realizado ainda uma grande exposição de pintura portuguesa no seu país e incitou os responsáveis portugueses do cinema a organizar uma retrospectiva do cinema português na URSS.

Ainda no capítulo do cinema, Zemski revelou que a Goskino (Comité de Estado da URSS para o Cinema) deu o seu acordo à estreia anual de um a três filmes portugueses na URSS e de igual número de filmes soviéticos em Portugal.

Os dois responsáveis da Cinemateca, falando do actual ciclo de cinema clássico soviético, que engloba cerca de 60 filmes realizados entre 1917 e 1948, deram conta do seu desejo de organizar um novo ciclo que cubra as últimas quatro décadas daquela cinematografia.

Luís de Pina disse que, com a organização do actual ciclo, a Cinemateca «cumpriu um dever» dando a ver aos portugueses um período apenas «um pouco» conhecido da cinematografia soviética.

# Porto recorda Amadeo de Souza Cardoso

O Museu Nacional de Arte Moderna do Porto, no ano comemorativo do centésimo aniversário do nascimento de Amadeo de Souza Cardoso, vai realizar em Outubro uma exposição em homenagem ao pintor — disse à Lusa fonte da direcção daquele museu.

Numa acção englobada no conceito de mecenato cultural, a ocorrer na Casa de Serralves, no Porto, com o patrocínio da Galeria Nasoni e de empresas comerciais, vai abrir a Exposição Nacional de Arte Moderna de Amadeo de Souza Cardoso.

À exposição poderão concorrer todos os artistas de nacionalidade portuguesa ou residentes em Portugal, sendo atribuídos prémios de aquisição no valor de três mil contos.

Souza Cardoso nasceu em Manhufe, Amarante, em 1887, tendo falecido em Espinho, aos 31 anos, vítima da pneumónica.


COMUNA - TEATRO DE PESQUISA

3.ª PRODUÇÃO
ÉPOCA 86/87
3.ª a sábado às 21.30
Domingo às 17 h.
«OS DOIS CORCUNDAS E A LUA»
texto RICHARD DEMARCY
encenaçao JOÃO MOTA
musica DOMINGOS MORAIS e J. PEDRO CAIADO
sub. S.E.C.
CURTA SÉRIE DE ESPECTÁCULOS / ATÉ FIM DE JULHO
PR. ESPANHA - T. 726 08 18

novo grupo apresenta
CICLO DE PEÇAS INÉDITAS PORTUGUESAS
A SEGUNDA VIDA DE FRANCISCO DE ASSIS
De José Saramago
Encenação e Cenário: Norberto Barroca
Figurinos: José Costa Reis
Música: Paulino Garcia
Interpretação
Adriano Luz
Amílcar Botica
Argentina Rocha
Francisco Pestana
Isabel Ribas
João Baião
Jorge Gonçalves
José Gomes
José Pedro Gomes
Laura Soveral
Melim Teixeira
Miguel Martins
Teresa Sobral

APOIO DIÁRIO DE LISBOA
Quintas e Sextas e Sábados às 21.30
Domingos - Matinée às 16 h
TEATRO ABERTO
APOIO: ALPHA ET OMEGA-T.L.E.-DATA GENERAL-DISCONTA-RANK XEROX
COMPANHIA SUBSIDIADA PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

tel
TEATRO VASCO SANTANA
tel 758609
metro Entrecampos
Apresenta
as Senhoras das Quintas-feiras
de Loleh Bellon
encenação Luzia Maria Martins
de ter. a sáb. às 21.30
Dom. às 16 horas
(SMIRNOFF)

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II
Co-produção com INAEM - Ministério da Cultura de Espanha
ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES
SÓ ATÉ DIA 26
DE 3.ª A SÁBADO ÀS 21.30
DOMINGO ÀS 16
"ROMANCE de LOBOS" de Valle-Inclan
encenação XOSÉ BLANCO GIL
cenários, figurinos e luz SIMON SUAREZ
musica MANUEL BALBOA
tradução NORBERTO D'ÁVILA
Com: Ruy de Carvalho (no protagonista) - João Perry - António Rama - António Filipe - João de Carvalho - Manuel Coelho - Ruy de Matos - Manuela Cassola - António Banha - Fernanda Borsatti - Lurdes Lima - Lúcia Maria - Carlos Duarte - Carlos Cabral - Mário Pereira - Joaquim Douter - Casimiro Vieira - Eunice Muñoz - Lurdes Norberto - Varela Silva - Catarina Avelar - Carlos Fonseca - Luz Franco - Luís Bandeira - Paula Mora - Irene Isidro - Víter Ribeiro - Henriqueta Maya - Madalena Braga - Guida Maria - João Pedro - António Anjos - Gonçalo Costa - Orlando Costa - Paulo Oom - Luís Vasconcelos - Artur Mendonça - António Rui - José Braz - Barroso Lopes - Carlos Pimenta - Maria Amélia Matta - Fernanda Alves - Bruno Miguel - Teresa Corte-Real - Maria Emília Carvalho - Paula Rocha - Júlio Sargent - Elisabete Teixeira.
ESPECTÁCULOS NÃO ACONSELHÁVEIS A M. 12 ANOS
DESCANSO DA COMPANHIA À 2.ª FEIRA TEL. 32 2210
SALA GIL VICENTE
ATÉ dia 26 (domingo)
HOJE ÀS 21.45 H
«O CONDE DE NOVION»
de Almeida Garrett
Encenação: Paulo Lages
Cenários e Figurinos:
Luís Martins e Carolina Paiva
Com: Paulo Lages, Guilherme Filipe, Miguel Monsores, Custódia Gallego e Cristina Bacro
De 3.ª, a Sábado às 21.45 — Domingo às 16.30 H

# CINEMAS

Uma cena do filme «Os Loucos Anos 50» uma realização explosiva de Peter Zadek a estrear brevemente no Estúdio 444

## Alfas Triplex

— T. 806496

**Alfa 1**

**COMBOIO EM FUGA**
**(maiores 12 anos)**
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

**Alfa 2**

**CAMINHO DE FOGO**
**(maiores 12 anos)**
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

**Alfa 3**

**BLUE VELVET — VELUDO AZUL**
**(maiores 16 anos)**
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

**Alfa 4**

**FILHOS DE UM DEUS MENOR**
**(maiores 12 anos)**
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

**Alfa Club**

T. 763319

**SALVADOR**
**(maiores 16 anos)**
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

**Amoreiras 1**

**BLUE VELVET — VELUDO AZUL**
**(maiores 16 anos)**
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

**Amoreiras 2**

**O NAVIO**
**(maiores 6 anos)**
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

**Amoreiras 3**

**SALVADOR**
**(maiores 16 anos)**
13.45, 16.15, 18.45, 21.30 e 24.00 h

**Amoreiras 4**

**PORKY'S**
**(interdito men. 13 anos)**
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

**Amoreiras 5**

**CAMINHOS DE FOGO**
**(maiores 12 anos)**
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

**Amoreiras 6**

**COMBOIO EM FUGA**
**(maiores 12 anos)**
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00 h

## Apolo 70

**O NAVIO**
**(maiores 6 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## Avila

— T. 539930

**ACADEMIA DE POLÍCIA**
**(A Patrulha do Cidadão)**
**(maiores 6 anos)**
15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

## Avis

— T. 547163

**O SEXO QUE FALA**
**(porno)**
**(interdito men. 18 anos)**
15.30, 18.30 e 21.30 h

## Berna

— T. 776098

**PIRATAS**
**(maiores 12 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## Capitolio

— T. 372358

**SEXO MASOQUISTA**
**(Int. m. 18 anos)**
15.15, 17.30, 19.00, 21.00 e 23.00 h

## Castil

T. 530194

**A PATRULHA DO CIDADÃO**
**(A Patrulha do Cidadão)**
**(maiores 6 anos)**
15.30, 18.30 e 21.30 h

## Cinebolso

**AS APRENDIZAS DO SEXO**
**(maiores 18 anos)**
**(Porno)**
12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 h

## Cine Camões

T. 324194

**VINGANÇA FORÇADA**
**(n/acons. men. 18 anos)**
14.15,16.30, 19.00 e 21.30 h

## Cine 222

— T. 579460

**COCOON — A AVENTURA DOS CORAIS PERDIDOS**
**(maiores 6 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
**OUTLAND — ATMOSFERA ZERO**
**(n/acons,. men. 18 anos)**
24.00 h

## Cine Portela

— T. 2524761

## Estúdio Anusha

**CROCODILO DUNDEE**
**(maiores 16 anos)**
16.00 e 21.45 h

## Estúdio Sheza

**A COR DO DINHEIRO**
**(m. 12 anos)**
15.30 e 21.30 h

## City Cine

— T. 549999

**CONTA COMIGO**
**(maiores 6 anos)**
14.30, 16.45, 19.00 e 23.30 h

## Condes

— T. 322523

**O FUZILEIRO IMPLACÁVEL**
**(maiores 16 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## Eden

— T. 320768

**PRIMAS**
**(n/acons. men. 18 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## Estudio

— T. 555134

**NOVE SEMANAS E MEIA**
**(maiores 18 anos)**
14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h

## Estudio ACS

— T. 887255

**O BEIJO DA MULHER ARANHA**
**(maiores 16 anos)**
15.30, 18.30 e 21.30 h

## Estúdio 444

— T. 768078

**BARRY LINDON**
**(maiores 13 anos)**
15.00, 18.15 e 21.30 h

## Fonte Nova

— T. 541037

**UMA HISTÓRIA SIMPLES**
**(maiores 13 anos)**
16.00, 19.00 e 22.00 h

## Fonte Nova

— T. 7145109

**Sala 1**

**CROCODILO DUNDEE**
**(maiores 8 anos)**
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

**Sala 2**

**QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE**
**(maiores 12 anos)**
14.45, 17, 19.15 e 21.30 h

**Sala 3**

**O LUTADOR**
**(maiores 6 anos)**
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

## Gemini

— T. 734009

**DUNA**
**(maiores 12 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## Hollywood

— T. 802859

**Sala 1**

**A COSTA DO MOSQUITO**
**(maiores 12 anos)**
14.15, 16.30, 19, 21.30 e 23.45 h

**Sala 2**

**O FUZILEIRO IMPLACÁVEL**
**(m. 16 anos)**
14.30, 16.45, 18.45, 21.30 e 24 h

## Império

— T. 555134

**A PATRULHA DO CIDADÃO**
**(Academia de Polícia IV)**
**(maiores 6 anos)**
15.15, 18.30 e 21.30 h

## Las Vegas

— T. 631162

**Sala 1**

**O FUZILEIRO IMPLACÁVEL**
**(maiores 16 anos)**
14.00, 16.15, 18.45 e 21.30 h

**Sala 2**

**SELVAGEM E PERIGOSA**
**(maiores 12 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 h

## Londres

— T. 801313

**SELVAGEM E PERIGOSA**
**(maiores 12 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## Mundial

— T. 538743

**Sala 1**

**PIRATAS**
**(maiores 12 anos)**
13.45, 16.15, 18.45 e 21.30 h

**Sala 2**

**BLUE VELVET — VELUDO AZUL**
**(maiores 16 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

**Sala 3**

**COMBOIO EM FUGA**
**(maiores 12 anos)**
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

## Nimas

— T. 574362

**CURTO-CIRCUITO**
**(maiores 6 anos)**
14, 16.30, 19 e 21.30 h

## Odeon

**UMA RAZÃO PARA VIVER, OUTRA PARA MORRER**
**(interdito men. 13 anos)**
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

## Olimpia

T. 325309

**MINOUCHE – A INSACIÁVEL**
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
**(Int. men. 18 anos)**

## Pathé

— 821933

**OS AMIGOS DE ALEX**
**(m. 16 anos)**
14.00, 16.30 e 21.00 h

## Politeama

**INSPECTOR MARTELADA** T. 326305
**(n/acons. men. 13 anos)**
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## Quarteto

T. 771378

**Sala 1**

**O NAVIO**
**(maiores 6 anos)**
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
**MÃOS SOBRE A CIDADE**
**(n/acons. men. 13 anos)**
23.45 h

**Sala 2**

**A GUERRA DAS ESTRELAS**
**(n/acons. men. 13 anos)**
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
**O ANO LOUCO EM HOLLYWOOD**
**(n/acons. men. 13 anos)**
23.45 h

**Sala 3**

**TAXI DRIVER**
**(maiores 18 anos)**
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
**COSTA DO MOSQUITO**
**(maiores 12 anos)**
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

**Sala 4**

**POLICE**
**(maiores 12 anos)**
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
**BEM-VINDO À TERRA PROMETIDA**
**(maiores 16 anos)**
23.45 h

## Roma

T. 889192

**PRIMAS**
**(não acons. men. 18 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## Roxy

T. 548560

**SARILHO NO FAR-WEST**
**(n/acons. men. 13 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## S. Jorge

T. 579144

**Sala 1**

**CURTO-CIRCUITO**
**(maiores 6 anos)**
15.30, 18.30 e 21.30 h

**Sala 2**

**CROCODILHO DUNDEE**
**(maiores 6 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

**Sala 3**

**A COSTA DE MOSQUITO**
**(maiores 12 anos)**
14.15, 16.45, 19.15 e **21.45 h**

## 7.ª Arte

— T. 730715

**ACADEMIA DE POLÍCIA IV**
**(A Patrulha do Cidadão)**
**(maiores 6 anos)**
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

## Star

— T. 804210

**CURTO-CIRCUITO**
**(maiores 6 anos)**
15.30, 18.15 e 21.30 h

## Terminal

— T. 371573

**ACADEMIA DE POLÍCIA – A PATRULHA DO CIDADÃO**
**(maiores 6 anos)**
14.00, 16.30, 19, 21.30 e 23.45 h

## Tivoli

— T. 570595

**PIRATAS**
**(maiores 12 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## Turim

T. 706666

**REMO — DESARMADO E PERIGOSO**
**(m. 12 anos)**
15.00, 17.30 e 21.30 h

## Xenon

T. 368480

**CAÇADA SANGRENTA**
**(maiores 18 anos)**
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## Zodiaco

— T. 570151

**Exibição permanente de filmes indianos**
**(m. 13 anos)**
15.15, 18.15 e 21.30 h

## Linha de Sintra

**AMADORA — Cineteatro** — «Corrida para o Abismo», às 21.30 h (maiores 18 anos)

**AMADORA — Cinestúdio** — «Dias Vezes Numa Vida», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

**AMADORA — Babilónia** — «Academia de Polícia IV — A Patrulha do Cidadão» às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h (maiores 16 anos)

**ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby** — «Variedades-com Nicolau Breyner», às 21.30 h (maiores 6 anos)

**CACÉM — Cinestúdio Flores** — «Dois policias à solta», às 15 e 21.30 (maiores 12 anos)

**MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme** — «Mona Lisa», às 21.30h (maiores 16 anos).

**ODIVELAS — Cineodivel** — «Conta Comigo!», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

## Linha de Cascais

**ESTORIL — Casino Estoril** — «Filhos de Um Deus Menor», às 17 e 21.15 h (maiores 12 anos)

**ALGÉS — Cinema 2000** — «Salvador», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos).

**LINDA-A-VELHA — Cinetropical** — «O Lutador», 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

**OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1** — «A Viúva Negra», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)

**Sala 2** — «Os Duros», às 15.30, 19 e 21.45 h (maiores 12 anos)

**CARCAVELOS — Atlântida Cine** — «Filhos de um Deus Menor», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

**CASCAIS — Miramar — Sala 1** — «Filhos de um Deus Menor», às 15.15, 18.45 e 21.30 h (maiores 12 anos)

**Sala 2** — «A Costa do Mosquito», às 15.30, 18.45 e 21.30 (maiores 12 anos)

## Outra Banda

**ALMADA — Academia** — «Frankenstain Junior», às 15.30 e 21.30 h (maiores 13 anos)

**ALMADA — Cinestúdio** — «Uma tremenda confusão», às 18.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

**COVA DA PIEDADE — Clube Piedense** — «Platoon — Os Bravos do Pelotão», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)

**COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1** — «Top Gun — Ases Indomáveis», às 15.45 e 21.30 h (maiores 12 anos)

**Sala 2** — «Sem Perdão», às 15.15, 17.30 e 21.45 h (maiores 12 anos)

**BARREIRO — Cinestúdio Barreirense** — «Era Uma Vez na América», às 15.00 e 21.15 (maiores 16 anos)

# A ESTREIA DA COMUNA

A Comuna — Teatro de Pesquisa estreia esta noite às 21.30, a 3.ª produção do grupo da época teatral de 86/87.

Desta vez a Comuna representará a peça «Os Dois Corcundas e a Lua» um texto de Richard Demarcy, especialmente escrito para o grupo, e que mergulha nas raízes da magia dos contos tradicionais portugueses.

Richard Demarcy, professor de Sociologia Teatral na Sorbonne de Paris, autor e encenador, é hoje justamente considerado como um dos mais importantes criadores treatrais franceses. Quase todas as peças por ele escritas têm sido encenadas pelo autor, com a companhia do Naif Theatre, que dirige juntamente com Teresa Mota, e são consideradas pela crítica francesa com das mais originais e poéticas experiências do teatro francês actual. Richard Demarcy viu duas das suas peças já representadas em Portugal, com encenação do próprio: «A Noite de 28 de Setembro» na Centro Cultural de Évora e «Quatro Soldados e um Acordeão: representada na Sala da Comuna em 1976.

«Os Dois Corcundas e a Lua» tem como habitualmente, na Comuna, encenação de João Mota, trauição de Isabel Medina, música original de Domingos Morais, direcção e construção de instrumentos de José Pedro Caiado, coreografia de Cristina Graça, montagem de Carlos Delgado, Abílio Aplolinário e Quim F. Silva, figurinos de Carlos Paulo e Jorge Loureiro, máscaras e adereços de Jorge Loureiro, Cecília Sousa e Carmen Marques, assistência de encenação de Alfredo Brissos e assistência geral de Conceição Cabrita.

A interpretação está a cargo do elenco da Comuna: Almeno Gonçalves, Alfredo Brissos, Abel Neves, Carlos Paulo, Cecília Sousa, Isabel Medina, Jorge Loureiro, Manuela Couto, Paulo Ferreira, e Victor Soares. O acompanhamento músical ao vivo será feito pelos alunos do Curso de Formação de Acotres da Comuna, contando ainda com a colaboração especial de Alexandre Lopes.

«Os Dois Corcundas e a Lua» está em cena na Sala Nova da Comuna, com ar condiconado, com o seguinte horário:

De terça a sábado às 21.30 horas e aos domingos só às 17 horas.

Por motivos de férias anuais o espectáculo estará em cena apenas durante duas semanas, até fim de Julho, voltando depois a ser representado em Setembro.

*Paulo Ferreira e Carlos Paulo são os «dois curcundas»*

*Egberto Gismonti*

## MÚSICA

CLAUSTRO DOS JERÓNIMOS: Festival de Música da Costa do Estoril apresenta esta noite a partir das 21,30 um concerto com a participação de Rão Kyao (flauta), acompanhado por Renato Junior (teclados), Yuri (baixo), Rui Junior e João Nuno Represas (percussão), António Chainho (guitarra portuguesa) e Carla (tamburra); e ainda Egberto Gismonti (guitarra e piano), num concerto de homenagem a Villa-Lobos acompanhado por Berenard Wystraete (flauta, guitarra e sintetizador); Nivaldo Ornellas (sax e flauta) e Edu Nello e Souza (sintetizador). Colaboração de Pineiro Nagy em «Distribuição das Flores» para flauta e guitarra. Estreia em Portugal de «Trem Caipira» de Egberto Gismonti.

AMOREIRAS SHOPPING CENTER: novo Concerto de Verão com Alberto Coronel, às 18 horas. Este solista de jazz será acompanhado por Vasco Henriques ao piano, Nuno Gonçalves no contrabaixo e Carlos Vieira na bateria.

FORTALEZA DE SANTIAGO (Sesimbra): Em «Concertos de Música e Paz para a Juventude» organizados pela Sociedade Musical Sesimbrense, actua esta noite a partir das 21,30 a Banda da Guarda Fiscal.

## TEATRO

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES (Sala Maestro Frederico de Freitas): às 18 horas, com entrada livre (repetição amanhã à mesma hora) apresentação da peça «A Arte de Morrer» de Kasimiersz Grochmalsky pelo Teatro Maya da cidade de Poznan (Polónia). Um espectáculo de mímica e música promovido pela SPA em conjunto com a Companhia de Teatro de Almada/Grupo de Campolide.

SETÚBAL: 12º Festival de Teatro apresenta: às 18,30 no Teatro de Bolso, Alta Recreação e Matias Ferro Velho em «Da Belio C» de João Lagarto/C. Curto; às 21,30 no Capricho Setubalense, Io Apoloni com «Socorro» (canções).

ALMADA-IV Festa de Teatro: às 22 horas no Palco Boca do Vento, «Roque à Presidência» de Rui Costa Lopes pelo Teatro da Nov(de Lisboa), encenação de Carlos Fogaça; às 21 no Pátio Prior do Crato apresentação de Kiki Lima com música popular de Cabo Verde.

## EXPOSIÇÕES

ALTAMIRA (R. Filipe Folque, 48-A): pintura do artista moçambicano Victor Sousa até 6 de Agosto.

COOPERATIVA ÁRVORE (Porto): patentes ao público duas exposições: uma de Dana Michaelles, «Desenhos de Moçambique» e outra de Isabel Padrão, intitulada «Escachados».

MERCADO FERREIRA BORGES (Porto): continua patente a III Bienal Nacional de Desenho 87-Árvore, até 27 de Julho.

ÓBIDOS: por iniciativa do departamento de Turismo da Câmara Municipal de Óbidos decorre até final de Agosto (patente ao público todos os dias entre as 10 e as 20), a «BIO 87», I Bienal Internacional de Óbidos de Cerâmica, com a participação de 18 ceramistas nacionais e de 27 estrangeiros de 18 países.

ESPELHO D´ÁGUA (Belém): Feira de Artesanato Português até final de Agosto, patente ao público às sextas, sábados e domingos das 10 às 23; segundas, quartas e quintas das 14 às 23: cerâmica, madeiras pintadas, tapeçaria, bonecas de pano, arte africana, trabalhos em latão, etc.

GALERIA QUADRUM (R. Alberto de Oliveira, 52): exposição de Helena Vaz, «Marionetas 87». Até 30 de Julho, todos os dias úteis das 10 às 13 e das 15 às 19.

CAMARA MUNICIPAL DO BOMBARRAL (auditório): exposição de pintura de Branco Cardoso, patente nos dias úteis até 3 de Agosto.

POSTO DE TURISMO DE SANTARÉM: até 26 de Julho, uma exposição de escultura artesanal em madeira da autoria de Augusto Gonçalves, uma iniciativa do Pelouro da Cultura, Desporto e Tempos Livres da Câmara Municipal de Santarém.

GALERIA DIFERENÇA: até 30 de Julho, de terça a sexta das 16 às 20, sábados e domingos das 15 às 19, a exposição de Arquitectura «Arquitectos de Lisboa e Porto».

PALÁCIO D. MANUEL (Évora): «Registos de Um Rosto», uma exposição de pinturas e desenhos de D´Assis Cordeiro, patente até 21 de Julho das 14 às 19.

CASA DOS TABUENSES (R. dos Poiais de S. Bento, 75-B): pintura de Gila Letras, a primeira exposição individual desta jovem pintora que frequenta o curso da AR. CO, todos os dias das 18 às 21,30, hora a que tem início o espectáculo «Bela Calígula» de Augusto Sobral, pelo Grupo «Maizum».

ATRIUM DA IMPRENSA (R. da Horta Seca, 20): Colectiva de Verão/87 até 28 de Agosto, de segunda a sexta das 10 às 20. Trabalhos de Boavida Amaro, Ilda Reis, Jesus Ferreira, José de Azevedo, Maria Duarte, Paulo Ossião e Ruth Tavela de Sousa.

GALERIA DO RESTAURANTE ESCORIAL (R. das Portas de Santo Antão, 47): pintura de Martinez até 31 de Julho, diariamente das 12 às 24.

LIVRARIA BARATA (Av. de Roma, 11-A): «Terras», cerâmica portuguesa contemporânea da autoria de Artur José, Isabel Mota, Jorge Palmela, Grasiela Albino, Jorge Mealha e Marita Ferro. Patente até 29 de Agosto.

ESCADA-CENTRO DE ARTE (R. da Bela Vista à Graça, 81-A): colectiva de pintura de Álvaro Espadanal Ramos, Jorge Humberto, José Catrola, José Loureiro, José Narciso, Maria João Cortegaça e Vera Velez e escultura de Jorge Camões. Patente até 13 de Agosto de segunda a sexta das 14 às 20, sábados das 10 às 14.

QUARTETO-Centro de Livros e Arte, Lda. (Coimbra): colectiva com pinturas de Alberto Berardo, José Berardo, Vasco Berardo e Maria da Conceição Berardo.

CENTRO DE ESTUDOS JUDICIÁRIOS (Largo do Limoeiro): a exposição «O Limoeiro em Julho», com mostra de pintura e escultura, audições de música, conferências e debates sobre temas culturais, de ciências sociais e de direito e ainda uma Feira do Livro Jurídico. Todos os dias úteis das 10 às 20 e nos dias 18 e 25 entre as 10 e as 18, até 31 de Julho.

ESPAÇO DA MÃE DE ÁGUA DAS AMOREIRAS - EPAL: exposição de fotografia «Ver e Criar para Mostrar e Ver» da autoria de Aníbal Sequeira. Até 26 de Julho, de terça a sexta das 13 às 17, sábados e domingos das 10 às 17.

AZAMBUJA (Casa da Cultura): I Exposição de Pintura pelos artistas torrejanos Tó Damião, Manuel Gonçalves, Luís Maurício, João Caetano e Marques Caetano.

MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS: está patente ao público no Refeitório deste mosteiro, durante três meses, a exposição do Casapiano Gil Teixeira Lopes intitulada «Gitelo—um retorno».

AR.CO (Rua de São Tiago, 18, Lisboa): o GSAL — Grupo de Solidariedade com a América Latina organizou uma exposição/venda de artesanato, que hoje inaugura a Semana Latino-Americana. A semana encerra com a «Noite da Rumba», comemorando o 8º aniversário da revolução Popular Sandinista, no dia 18, pelas 22 horas.

GALERIA MÓDULO (Av da Boavista, 854, Porto): «1.12VR87» é a designação da exposição que está patente na Módulo do Porto e na de Lisboa até 14 de Agosto, de segunda a sábado, das 16 às 20

FRATERNAL DOS ANTIGOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL (R. de S. Paulo, 254, 1º, Lisboa): está patente até ao dia 19 a I exposição de pintura de Glória Reia, intitulada «De Lisboa à Outra Margem».

SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES Rua Barata Salgueiro, 36, Lisboa): Xana Aires, Berta Maria, Manuel Ascensão, Helena Frenca, Gonçalo Pena, Manuel Ferreira, Vera Gago e Reis têm apente até 26 de Julho uma exposição colectiva intitulada Experiências Plásticas», nas salas do r/c desta sociedade.

PALÁCIO NACIONAL DE SINTRA O serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza, juntamente com aquele Palácio, organizaram uma exposição fotográfica sobre a «Área de Paisagem Protegida de Sintra—Cascais». A mostra está patente até 19 de Julho, diariamente das 10 às 17 horas, e aos fins de semana das 10 às 21 horas.

## Farmácias

**Lisboa — PERMANENTE — AREEIRO - PRAÇA DE LONDRES: João XXI**, Av. João XXI, 16-A (T. 886462); **BOA-HORA: Sepol**, C. da Boa-Hora, 94-A (T. 631958); **CAMPO DE OURIQUE: Elma**, R. D. Pia, 258-A (T. 686176); **CASTELO: Silva**, C. de Santo André, 16 (T. 862074); **CHILE: Aliança**, Av. Almirante Reis, 145-B-C (T. 570487); **ENTRE SETE RIOS E 2.ª CIRCULAR: Da Luz**, E. da Luz, 124-A (T. 723179); **FEIRA POPULAR: Santa Maria**, Av. 5 de Outubro, 283-A (T. 763016); **GALINHEIRAS - CHARNECA - LUMIAR: São Bartolomeu**, Vila Paulo Jorge, 1 (T. 790969); **GRAÇA: Monte**, R. Senhora do Monte, 3-A-B (T. 867842); **MARQUÊS DE POMBAL: Branco**, Av. Duquj rrj RevqJ 2Qá21 ÑD IZ16Z4 ı GSN ,;Wvá t ilJ Œ ml OæEeì VefiqE fEIJQ4 ÑD XK1Z11 ı **XABREGAS - MADRE DE DEUS: Conceição**, C. D. Gastão, 30-32 (T. 381279); **CARNAXIDE: H. Amaral**, Pt. António Boto, 11-A (T. 4104556); **QUINTA DO MENDES - ODIVELAS: Almeida**, Pt. Tomás da Anunciação, 38-B (T. 9828491); **PONTINHA: Pontinha**, E. de Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220).

**REFORÇO — ALCÂNTARA: Probidade**, R. de Alcântara, 15-A-B (T. 638589); **ALVALADE - ESTADOS UNIDOS: Rio de Janeiro**, Av. do Rio de Janeiro, 4-C (T. 881409); **BAIXA: Simões Pires**, R. da Prata, 115 (T. 362350); **BENFICA: União**, E. de Benfica, 592-594 (T. 700092); **CAMÕES - SANTA CATARINA: Combro**, C. do Combro, 82 (T. 326059); **CAMPO DE OURIQUE: Lobel**, R. de Infantaria 16, 98-B (T. 688807); **MARQUÊS DA FRONTEIRA: Ronil**, R. Rodrigo da Fonseca, 153 (T. 683438); **OLIVAIS SUL: Marta**, R. Cidade de Nampula, Edifício Paris, lote 534 (T. 333696); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SALDANHA: Dalva**, Av. Duque de Ávila, 125 (T. 545225); **SAPADORES - PAIVA COUCEIRO: Europa**, Av. General Roçadas, 27-A-B (T. 843880); **BRANDOA — AMADORA: Brito**, R. 25 de Abril, lote 32-B (. 995338); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305).

**Outra Banda — ALMADA: Reis**, R. Comandante António Feio, 19 (T. 2750504). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Avelar da Silva**, R. Dr. Albero Araújo, 19-A (T. 2750337). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Nova**, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Higiénica**, Av. da República, 23 (T. 2400020). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Baptista Marques**, R. da Boa Vontade, 17-B (T. 2298572). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Santa Marta**, R. Dr. Manuel Pacheco Nobre, 44-B (T. 2072141). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Nova Fátima**, E. Nacional, 244-A (T. 2040141). Até às 19 horas; **CORROIOS: Universo**, E. Nacional, 10 (T. 2290084). Até às 19 horas; **AMORA: Nova Amorense**, E. Nacional, 10, bloco A, loja A, Paivas (T. 2216824). Até às 22 horas; **SEIXAL: Godinho**, L. da Igreja, 51 (T. 2213580). Até às 22 horas; **MONTIJO: União Mutualista**, R. Almirante Reis, 93 (T. 2310035). Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 2390029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 2340100). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Bonfim**, Av. Rodrigues Manito, 12 (T. 24558). Permanente; **Bairros**, R. Rodrigues F. Costa, 27 (T. 23330). Permanente; **Higiene**, R. Frei Agstinho da Cruz (T. 22408). Até às 22 horas.

**Linha de Cascais — ALGÉS: Cabrita**, P. de Miraflores, lote 12 (T. 4101486). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Pinto**, R. Antero de Quental, 9 (T. 4190610). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **OEIRAS: Mourão Vaz**, Av. de Moçambique, 18-C (T. 2431796). Permanente; **NOVA OEIRAS: Leal**, Quinta da Palmeira, lote 24 (T. 2478737). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777); **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22horas; **PAREDE: Grincho**, Av. da República, 87-A (T. 2471204). Permanente; **SÃO PEDRO DO ESTORIL: São Pedro**, R. 9 de Abril (T. 2683052). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Lopes**, R. Hangar, 3 (T. 260008). Até às 22 horas; **CASCAIS: Cordeiro**, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 40 (T. 280170). Permanente.

**Linha de Sintra — AMADORA: Helénica**, R. Elias Garcia, 372 (T. 4933613). Permanente; **Heleno**, R. 1, lote C, Reboleira Sul (T. 964746). Permanente; **DAMAIA: Girassol**, R. Elias Garcia, 17-C (T. 974161). Até às 22 horas; **QUELUZ: Simões Lopes**, Av. Elias Garcia, 51 (T. 950123). Permanente; **CAMARATE: Batalha**, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2571069). Até às 19 horas;

# TEATROS

### Teatro Nacional D. Maria II

**Rossio — Tel. 37 22 46**

De terça a sábado, às 21.30, domingo, às 16.00

**«ROMANCE DOS LOBOS«**, de Ramon Valle-Inclán. Encenação de Xosé Blanco Xil. Cenários e figurinos de Simon Soarez. Música de Manuel Bolboa. Escolha de J. Mendez. Coreogafia de Fernando Lima. Intérpretes: Ruy de Carvalho, João Perry, Manuela Cassola, Eunice Muñoz, entre outros.

### Teatro da Trindade

**R. Nova da Trindade — Tel. 32 00 00**

De 3.ª a sábado, às 21.00; domingo, às 16.00

**«TRILOGIA DA GUERRA«** (1.ª parte), de Edward Bond. Tradução de Miguel Cintra, Luís Lima e José Manuel Mendes. Encenação de LuísMiguel Cintra.

### Vasco Santana

**Av. da República, 16 — Tel. 76 86 09**

De terça a sáb., às 21.30. domingos, às 16.00

**«AS SENHORAS DAS QUINTAS-FEIRAS«**, de Loleh Bellon. Pelo Teatro-Estúdio de Lisboa. Tradução e dramatização Monique Rutler. Encenação de Luzia Maria Martins. Intérpretes: Carlos Vieira de Almeida, Clara Joana, Luísa Ortigoso, Manuel Medonça e Maria Dulce.

### A Barraca

**R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00**

De 4.ª a sábado, às 21.45; sábado e domingo, às 16.00

**«O DIABINHO DA MÃO FURADA«**, de António José da Silva, «O Judeu». Encenação de Hélder Costa. Interpretação de João Maria Pinto, Maria do Céu Guerra, Paula de Sousa, Teresa Faria, Maria João Luís, António Gomes, João Azevedo e Luís Tomar.

### Teatro ABC

**Parque Mayer — Tel. 36 67 45**

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 23.00; domingos e feriados, às 16.00

**«LISBOA, TEJO E TUDO«**, de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de César de Oliveira.

### Teatro da Graça

De 3.ª a sábado, às 21.00; domingo, às 16.00

**«O PAÍS DO DRAGÃO«**, de Tennessee Williams. Pelo Grupo de Teatro Hoje. Encenação de Carlos Fernando. Intérpretes: Alexandre de Sousa, Elias Lisboa, Fernanda Coimbra, Isabel de Castro, Lia Gama, Manuel Mendes, Maria José Pascoal, Maria José e Rui Pedro. Cenografia de Dalton Salem Asseff.

### A Comuna

**P. de Espanha — Tel. 726 08 18**

**Sala Café Teatro**

Sextas e sbados, às 23.00

**«FARSA VOCÊ MESMO«**, de Abel Neves, Carlos Paulo e Ary dos Santos. Intérpretes: Almeno Gonçalves, Alfredo Brissos, Carlos Paulo, Isabel Medina Paulo Ferreira e Manuela Couto.

### Teatro do Triângulo

**R. da Cintura do Porto de Lisboa, Santos — Tel. 67 61 91**

De terça a sábado, às 21.30; domingo, às 17.00

**«O FÍSICO PRODIGIOSO«**, de Jorge de Sena. Adaptação e encenação: André Nuno.

### Teatro Maizum

**R. dos Poiais de São Bento, 75-B, 2.º — Tel. 60 18 66**

**«BELA-CALÍGULA«**, de Augusto Sobral. Encenação: Rogério Vieira. Cenários: Augusto Sobral. Figurinos: Jasmim. Intérpretes: Manuel Cintra e Silvina Pereira.

### Teatro Galeria Monumental

**Campo dos Mártires da Pátria, 101 — Tel. 53 38 48**

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00

**«JOGOS DE PRAIA«**, de E. A. Whitehead. Pela Companhia das Luzes. Encenação: Diogo Dória e João Canijo. Intérpretes: Diogo Dória, Rita Blanco, Susana Borges e Vítor Norte.

### Casa da Comedia

**R. Francisco Borja, 24 — Tel. 69 72 99**

De terça a sábado, às 21.45; domingo, às 17.00

**«ELECTRA OU A QUEDA DAS MÁSCARAS«**, de Marguerite Yourcenar. Encenação: Filipe La Féria. Intérpretes: Glicínia Quartin, João de Ávila, Juvenal Garcês, Rocha Santos, Virgílio Castelo e Zita Duarte.

### Cascais — Espaço TEC

**Junto ao Pão de Açúcar**

De terça a domingo, às 21.45; sábados, domingos e feriados, também às 17.00

**«APARECEU A MARGARIDA«**. Texto e encenação: Roberto Athayde. Cenários: Fernando Filipe. Intérpretes: Graça Lobo e João Soromenho.

### Estoril — Teatro Mirita Casimiro

**Av. Fausto de Figueiredo — Tel. 267 03 20**

De 5.ª a sábado, às 21.30; sábado e domingo, às 17.00

**«TARTUFO«**, de Molière. Pelo Teatro Experimental de Cascais. Encenação de Rogério de Carvalho. Interpretação de Santos Manuel, Marília Costa, João Vasco, Luísa Salgueiro, Paulo B., Alexandra Lencastre e Luís Rizo, entre outros.

### Teatro da Nova — Universidade Nova

**Av. de Berna, 24**

De 2.ª a sábado, às 21.30

**«A QUEDA E O COICE 'VULGO' ROQUE À PRESIDÊNCIA«**, de Rui Costa Lopes. Pelo Teatro da Nova. Encenação de Carlos Fogaça. Interpretação de Carlos do Rosário, Milena Barbas e Rui Martins, entre outros (Estreado em 25 de Maio de 1987).

### TEATRO ABERTO

**P. de Espanha — Tel. 77 09 69**

5.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

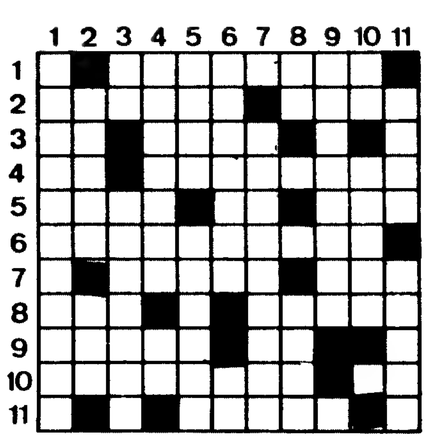
**«A SEGUNDA VIDA DE FRANCISCO DE ASSIS«**, de José Saramago. Cenário e encenação de Norberto Barroca. Figurinos de José Costa Reis. Música de Paulino Garcia. (Com o apoio do «Diário de Lisboa»)

# PALAVRAS CRUZADAS

## COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 17084

**HORIZONTAIS:**

1 Artigo definido. Represália.
2 Aproximar. Cidade da Arábia antiga.
3 Antiga unidade monetária da Alemanha. Explodir.
4 Duas vogais desiguais. Despejar.
5 Que é da raça dos mus. Berilo (s.q. e inv). Doutora.
6 Pertences. Malsim (fig).
7 O mesmo que colo (parte do intestino grosso). Profere.
8 Fruto da ateira. Ateada.
9 Liquida contas. Compaixão.
10 Vestimenta rústica (pl). Mil e cem em romano.
11 Tempo do verbo ser. Cidade de Itália. Artigo definido.



**VERTICAIS:**

1 Macaqueasse.
2 Aldeia da Judeia, onde J.C. apareceu pela primeira vez aos seus discípulos, depois da Ressureição. Sede de concelho ou julgado (ant).
3 Instrumento musical dos negros. Bonança.
4 Invertido. Contracção da preposição de com artigo.
5 Ninhos. Aclamara (fig).
6 Fragmento de ramo de árvore. Reis.
7 Rajadas de vento (pl).
8 Nosso Senhor. Costurei.
9 Compaixão.
10 Entre os sírios, o último mês do Verão. Elevação do tom.
11 Rã (pop). Que tem olhos azuis claros.

**Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.**

## SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **17083**

**HORIZONTAIS:**

1 QUEM. COME.
2 Uri. Naná. Ce.
3 Erada. Mui.
4 Dá. Romanos.
5 Iria. Ipo.
6 Ampararia.
7 Tão. Aru.
8 VA. Damas.
9 Grécia. Am.
10 Elai. Arasse.
11 Lu. Maio. Mil.

**VERTIcAIS:**

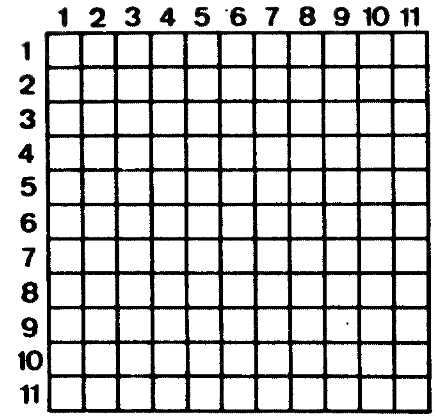
1 Quediva. FEL.
2 Urrar. Lu.
3 Eia! Iataga.
4 Drama. Rim.
5 NÃO.PODE.
6 Ca. Mia. Açaí.
7 Onda. Ramiro.
8 Má. AAA.
9 Moiras. SM.
10 CUSPIR. Asi.
11 Rei. Caú. MEL.

**PROVÉRBIO: Quem come fel, não pode cuspir mel.**

## NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 15 909

**HORIZONTAIS:**

1 Cidade da China. Berilo (s.q).
2 Separa. Aves pernaltas.
3 Acreditei. Senhora.
4 Deus japonês, personificação da compaixão e da caridade. Pronome demonstrativo.
5 Samário (s.q). Mulher chinesa da classe baixa. Serra de Portugal.
6 Preposição e artigo (inv). Rénio (s.q). Empregam.
7 Níquel (s.q). Fileiras. Chefe etíope.
8 Senhor. Seduzira (fig).
9 Vagueiam.
10 Espécie de lanceiro nos exércitos austríaco, russo e alemão (pl). Centiare.
11 Planas. Mamíferos ruminantes.



**VERTICAIS:**

1 Cidade dos Estados Unidos. Na Turquia, corpo da guarda, patrulha.
2 Levantais. Vi.
3 Fronteira. Artérias.
4 Crómio (s.q). Cidade do Japão. Sódio (s.q).
5 Derrubamos.
6 Em a. Laço. Clima.
7 Cidade da Cítia.
8 Que são do ar. Anda por (fig).
9 Disfarçaram.
10 Bário (s.q). Conquistara.
11 Pertences. Viração. Ilha do Arquipélago, nas Espórades.

## SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **15 908**

**HORIZONTAIS:**

1 DI. Amarra.
2 Avisaríamos.
3 Toca. Ralais.
4 Alor. Emas.
5 Rau. Apor. Rn.
6 In. Suas. Mat.
7 Adir. Tapa.
8 Ivanhoe. Or.
9 Caa. Oó. Cosi.
10 Ia. Ume. Aa.
11 Au. Sr. Crê.

**VERTICAIS:**

1 Dataria. Coa.
2 Ivolândia.
3 Içou. Ivaí.
4 Asar. Sra. Ás.
5 Má. Au. Nó.
6 Arrepanhou.
7 Ríamos. MC.
8 Ralar. Tecer.
9 Amas. Ma.
10 Oi! Raposa.
11 Assentarias.

## Rádio

**Antena Um**

**16.00**: Pequeno jornal e rock-lândia; **17.00**: Campanha eleitoral; **18.00**: Campanha eleitoral; **19.00**: Informação e música; **20.00**: No estúdio e no estádio; **20.15**: Música portuguesa; **20.30**: A viver também se aprende; **21.00**: Imaginário; **22.00**: Campanha eleitoral; **22.30**: Campanha eleitoral; **23.00**: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

**Rede Nacional-FM2 Estéreo**

**15.20**: Panorama da obra de Alberto Ginastera; **16.20**: Um concerto, de Vivaldi; **16.30**: Álbum musical; **17.00**: Correspondências; **17.40**: Trechos de óperas, de Berlioz, Puccini, Verdi, Wagner, Gounod e Leoncavallo; **18.40**: «Suite Dolly», de Fauré; **19.00**: Integrais; **19.35**: Quinteto, em dó maior, de Schubert; **20.40**: Música para violino, de Locatelli; **21.00**: Histórias de música e outras; **21.30**: Música de câmara; **22.00**: Música vocal comentada; **23.30**: Concerto sinfónico; **00.50**: Último andamento; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

**RÁDIO COMERCIAL**
**Onda Média (283, 290 e 397m)**

**14.00**: Programa da tarde; **17.00**: Feira mágica; **20.00**: Peça que a gente passa; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo e resultados; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: É de noite... já se vê; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

**RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)**

**15.00**: Casa da música; **16.00**: Som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Ao fim e ao cabo; **20.00**: Nova geração; **21.00**: O sabor da música; **22.00**: As mil e uma noites; **23.00**: Em órbita; **00.00**: Morrison Hotel; **02.00**: O rock pode esperar; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

**RÁDIO RENASCENÇA**
**Canal 1-Rede Nacional de OM e FM**

**15.00**: Terceira vaga; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Programa da LAR; **20.30**: Cidade nova; **21.00**: Propaganda eleitoral; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Suplemento especial; **23.55**: Meditando.

**Voz do Alentejo**

**15.00**: Boa tarde, Alentejo; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Grande bazar.

**Voz de Lisboa**

**15.00**: Rádio da cidade; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Sete colinas; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Propaganda eleitoral; **22.00**: Propaganda eleitoral; **23.00**: Bola branca; **23.30**: As canções da meia-noite; **23.57**: Meditando.

**RFM-Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo**

**09.00**: Os cem mais; **20.00**: Propaganda eleitoral; **21.00**: Propaganda eleitoral; **22.00**: Oceano Pacífico. Noticiários a todas as horas.

# TELEVISÃO

## 15.00- Matinée
«A Fuga de Forte Bravo»

## 16.30 -Documentário
«Arquivos do Tempo»

## 17.00 - Brinca Brincando
«O Vento nos Salgueiros»

## 17.30 - Estádio
## 18.20 - Sumário
## 18.25 - A Família Bellamy

3º Episódio: Hazel fica perturbada ao saber que James vem passar uns dias a casa e não consegue definir os seus sentimentos. Mas James é agora um homem diferente, que a guerra tornou mais humano e mais sensato. É ele quem acaba por consolar Rose — e afinal, também a sua própria mulher — das más notícias que recebem.

Realizador: Raymond Menmuir

## 19.30 - Telejornal
## 20.00 - Bolsa Dia a Dia
## 20.05 -Boletim Meteorológico
## 20.10 - Campanha Eleitoral para a Assembleia da Republica

«UDP», «CDU», «PS»

## 20.45 - Dona Santa

13º Episódio: Na véspera de Natal, quando rondava pela cidade, Dona Santa conhece Maria do Carmo, uma senhora rica que lhe pede para levá-la às compras. Após ter feito as compras, Dona Santa conduz Maria do Carmo a casa e ela convida-a para conhecer a mansão. Depois de lhe mostrar o interior da casa, Maria do Carmo mostra-lhe o quintal e Dona Santa não consegue deixar de ficar surpresa ao deparar com cinco túmulos sobre os quais a anfitriã deposita em cada um os presentes comprados. A surpresa de Dona Santa aumenta quando Maria do Carmo começa a falar sobre as pessoas que ali estão enterradas. Essa surpresa transforma-se em pavor quando fica a saber que aquelas cinco pessoas haviam recebido das mãos de Maria do Carmo um licor que, segundo ela, era uma «passagem só de ida». Percebendo que está frente a uma doente mental, Dona Santa telefona ao padre Ferdenuto para que vá ajudá-la.

## 21.40 - Campanha Eleitoral para o Parlamento Europeu

«UDP», «CDU», PC(R)»

## 20.15 - Alf - Uma Coisa do Outro Mundo

18º Episódio: Alf trava amizade com Luiz, um rapaz mexicano que, tal como ele, não tem quaisquer documentos. Willie traz o miúdo para casa e, embora ele não consiga contactar com Luiz, o mesmo não acontece com Alf.

Realização de Tom Patchett

## 22.45 - Terna é a Noite

1º Episódio: Em 1917, um jovem psiquiatra, Dick Diver, apaixona-se, em Zurique, por uma rica expatriada que sofre de esquizofrenia após ter cometido incesto com o pai, o multimilionário Devereux Warren. Viajam, então com frequência, procurando recuperar a estabilidade emocional perdida. No entanto, esta parece ser inalcançá-vel...

Realização: Robert Knight

*Às 22.05 no 2º canal, mais um episódio da telenovela «O Tempo e o Vento»*

*No 1º canal, às 22.45 o 1º episódio da série «Terna é a Noite»*

## 23.45 - Notícias

## 17.16 - Os Imigrantes

42º Episódio

## 18.00 - Countdow
## 19.00 - Simon Show
## 20.00 - Modelo e Detective

13º Episódio: Maddie é convocada pelas autoridades para identificar um artista que morrera depois de pintar o retrato dela. Mas Maddie não sabe de quem se trata nem porque é que ele resolvera retratá-la, apesar desse trabalho ser, aparentemente, responsável pela morte do autor.

## 21.00 - Jornal das Nove
## 21.35 - Montra de Livros
## 21.40 - Sarilhos Com Elas

13º Episódio: Blanche está com medo de estar grávida e vai ao médico. Mas quando este lhe diz que se trata apenas do início da menopausa, Blanche fica deprimida e fecha-se no quarto.

## 22.05 - O Tempo e o Vento

15º Episódio

## 22.45 - Soldados

7ª Episódio: Apesar de serem os actores mais recentes do campo de batalha, os aviadores e os seus aviões são elementos fundamentais das guerras modernas. No entanto, apesar da importância que tem em operações de reconhecimento, ataque e transporte, não existe unanimidade quanto à vantagem do uso de aviões nas batalhas. Assim, os Estados Unidos tinham, no Vietname, uma esmagadora superioridade de meios aéreos e, no entanto, perderam a guerra. Por outro lado, Israel utilizou a sua força aérea em 1967 com resultados espectaculares.

## AMANHÃ

RTP-1

10.02 - Às Dez
12.15 - Cambalacho
13.00 - Jornal da Tarde
13.30 - Desenhos Animados
14.00 - Foi Êxito na TV
15.00 - Seja Bem Video
17.00 - Brinca Brincando
17.30 - Estádio
18.30 - Sumário
18.35 - A Família Bellamy
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - Boletim Meteorológico
20.10 - Campanha Eleitoral para a Assembleia da Republica
20.45 - Dona Santa
21.40 - Campanha Eleitoral para o Parlamento Europeu
22.15 Mobil nos Caminhos de Portugal
22.30 - O Programa das Festas
23.00 - Notícias
23.05 - Pelo Noite Dentro

RTP-2

17.16 - Os Imigrantes
18.00 - Countdown
19.00 - Simon Show
20.00 - Modelo e Detective
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Montra de Livros
21.35 - O Optimista
22.30 - Aventura e Paixão
23.00 - Troféu


**Cabeleireiro Eva**

— É um cabeleireiro para as senhoras que não dispõem de tempo e não querem gastar muito dinheiro.

**MANICURE – PEDICURE – DEPILAÇÕES – SAUNA**

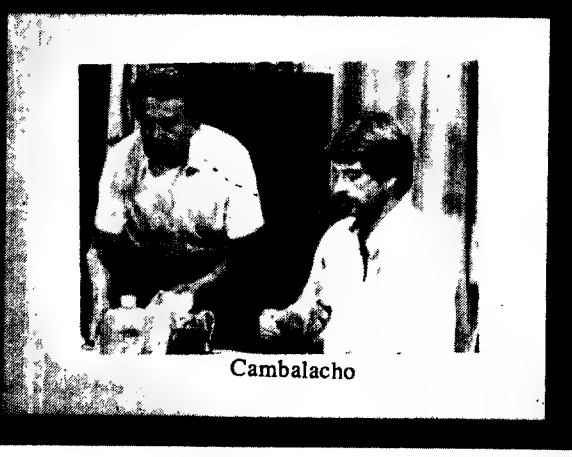
Pr. Marquês de Pombal, 1 — Lisboa

**GRUNDIG** seleccionou para si...

RTP1 22.15 ALF - Uma Coisa do Outro Mundo

RTP2 22.30 Soldados

**GRUNDIG PORTUGUESA**
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Brito [illegible] 17
Cx.ª Postal [illegible] 1495 LISBOA
Telef. 419[illegible]



Cambalacho

PORTE PAGO

DL

Fundador **Joaquim Manso**

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54 / 5 – 32 02 71 2 3 Publicidade 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Portaria 32 11 54 Redacção: 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 353 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS Rua do Norte, 115-1 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 – 32 22 04 – 32 07 84
Preço do «DL» na Madeira: 40$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Director **A. Ruella Ramos**

Director adjunto **Fernando Piteira Santos**

## ÚLTIMA HORA

A GNR deteve um soldado do Exército de uma unidade do Porto acusado de ter furtado um automóvel, estacionado em Vila Nova de Famalicão, uma carteira contendo 55 mil escudos, dois mil marcos franceses e 100 000 pesetas. Aprsentado ao juiz de Instrução Criminal da comarca, Fernando Araújo, de 24 anos, que na vida civil exerce a actividade de sucateiro, foi mandado em liberdade até ao julgamento, mediante caução de 150 contos.

***Enfermeiros estão a pedir transferência para o Restelo***

# Hospitais de Lisboa à beira do caos

Os hospitais de Lisboa estão a experimentar graves dificuldades no seu funcionamento desde que cerca de 140 enfermeiros decidiram transferir-se para o novo Hospital S. Francisco de Xavier, que por sua vez ainda não abriu as suas portas por insuficiência de pessoal. No começo da temporada de férias, quando vários profissionais se ausentam para o período de descanso a que têm direito, a situação poderá ter dentro em breve graves consequências, sabendo-se que alguns serviços se encontram em ruptura.

No Hospital Egas Moniz, já encerraram devido à falta de enfermeiros os serviços de pediatria e obstetrícia, reduzida a 75% das suas capacidades operacionais. No Santa Maria são quatro os serviços que estão em vias de fecharem e no Hospital S. José, disse-nos esta manhã Augusto Jacinto, do Sindicato dos Enfermeiros da Zona Sul, «não se vai aguentar por muito mais tempo».

Segundo aquele responsável sindical, é compreensível que os enfermeiros estejam a pedir transferências para o recém-inaugurado S. Francisco de Xavier, já que aí poderão ter melhores condições de trabalho. O Ministério da Saúde, na sua perspectiva, é que revela com este episódio «a sua incapacidade de gestão da Saúde», pois permitiu o alastramento do caos nos hospitais de Lisboa apesar de os vários conselhos de gerência terem avisado a ministra Leonor Beleza de que a saída de pessoal, que já era reduzido, iria afectar o prosseguimento das funções hospitalares, nomeadamente nos serviços de urgência.

Em comunicado distribuído aos jornais, o Sindicato dos Enfermeiros considera «inadmissível que não tivesse havido uma programação adequada por forma a permitir a abertura de serviços com os recursos humanos necessários, sem com isso prejudicar os restantes hospitais», apesar de não estar contra a abertura do S. Francisco de Xavier. «O que está em causa — lê-se no comunicado — é a gestão incorrecta de recursos e materiais que sacrifica tudo e todos, não para melhorar os cuidados de saúde mas para se abrirem hospitais para figurar nas estatísticas».

Sabe-se que nos próximos dias sairão das principais unidades hospitalares de Lisboa mais 30 enfermeiros, mas Augusto Jacinto confirmou-nos o temor de que a breve prazo as transferências serão muitas mais.

# Acidente em piso molhado: quatro mortos na estrada

O piso escorregadio, devido à chuva fraca que, desde o início da madrugada, tem caído um pouco por todo o País, esteve na origem de vários acidentes, o mais grave dos quais ocorreu cerca das sete horas desta manhã no nó de Ribeira de Frades, próximo de Condeixa e a doze quilómetros de Coimbra, onde o despiste de um automóvel vitimou os quatro membros de uma família residente em Lisboa.

De acordo com a Brigada de Trânsito da GNR, que tomou conta da ocorrência e o carro, um Austin 1300, caiu num precipício, sendo a identidade das vítimas a seguinte: João Vieira Vila Verde, de 40 anos, natural de Ponte de Lima, a sua mulher, Isaura Lopes de Almeida, de 39 anos, nascida em Penalva do Castelo, e os dois filhos do casal, Paulo Alexandre, de 17 anos, e Carla Sofia, de 14 anos.

O acidente, que teve lugar num troço em obras da auto-estrada que liga Condeixa ao Porto, envolveu ainda um outro veículo, de matrícula francesa, cujos ocupantes saíram ilesos. A família ia a um funeral.

## DECLARAS

**MANUELA MORGADO** foi ontem empossada pelo ministro das Finanças, Miguel Cadilhe, no cargo de presidente do Banco Nacional Ultramarino. Na mesma ocasião, Mário Adegas, que desempenhava as funções agora atribuidas a Manuela Morgado, foi empossado como novo vogal do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa. Manuela Morgado transitou da vice–presidência da Brisa para a presidência do BNU. Recorde–se que no seu currículo figuram cargos como o de secretária de Estado do Tesouro e das Finanças e de administradora do Banco de Portugal.

**ANTÓNIO DUARTE**, mestre de escultura, apresentou um trabalho na Academia Nacional de Belas Artes em que fez uma aproximação de monumentos e outras obras de arte, de Roma e de Florença, resultantes do seu contacto directo com o tema. A comunicação integrou–se no ciclo de manifestações a promover no âmbito das comemorações dos 150 anos da Academia. António Duarte ressaltou a importância do itinerário que fez pelas duas cidades, em viagem de estudo com finalistas da ESBAL, para a «compreensão técnica e profissional, estética e táctil de obras–chave para a Idade Moderna, em que os portugueses participaram pelas Descobertas do século XV».

**JOSÉ SARNEY**, presidente brasileiro, está de visita oficial à Argentina, com o objectivo de incrementar o processo de integração económica e cultural entre os dois países. Os dois presidentes reunir–se–ão também com o objectivo de discutirem o problema da dívida externa da região, a situação na América Central e as questões relacionadas com a próxima cimeira entre os presidentes do Grupo de Contadora e da sua equipa de apoio. Esta é a quinta reunião dos Chefes de Estado do Brasil e da Argentina em apenas dois anos.

**TABORDA DE VASCONCELOS**, médico, escritor, crítico literário, publicou, com o título «Correspondência arquivada», um conjunto, selecionado e anotado, de cartas de Sebastião da Gama, Joaquim Paço d'Arcos, Jorge de Sena, Mário Sacramento, José Rodrigues Miguéis, José Régio. No prefácio escrito para apresentar «Correspondência arquivada», Taborda de Vasconcelos afirma: «Não é pobre a epistolografia portuguesa. O que não está é recolhida e suficientemente divulgada». Divulgando estas cartas, Taborda de Vasconcelos dá uma contribuição para a divulgação de um género literário que, frequentemente, fica no segredo dos destinatários.

**WOLE SOYINKA**, escritor nigeriano que foi prémio Nobel no ano passado, criticou a adopção do inglês e do francês em futuras escolas secundárias da África Ocidental, considerando-a «uma perpetuação da herança colonial». Em entrevista ao diário nigeriano «Punch», o escritor aludia a uma proposta do presidente do seu país à recente cimeira da Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO) em Abuja, futura capital da Nigéria. Para Soyinka, em vez de qualquer língua «colonial», os países da CEDEAO devem utilizar a língua predominante no seu território ou outra língua africana.

**NIKIAS SKAPINAKIS** por ele mesmo é a síntese de um volume lançado pela Imprensa Nacional/Casa da Moeda, na sua colecção de «Arte a artistas». Trata–se de um discurso do artista sobre as suas próprias personalidade e actividade, a pretexto de perguntas feitas por quatro bons amigos que têm acompanhado o seu trabalho. Paralelamente, foi inaugurada uma exposição de trabalhos recentes (1987) de pintura e desenho de Skapinakis, patente na Livraria do Estado, na Rua Marquês de Sá da Bandeira, 16.

## Atrasos de três horas na Linha do Norte

Os comboios tranvias e de longo curso circularam esta manhã com atrasos consideráveis na Linha do Norte, entre Lisboa e Entroncamento, em consequência de uma avaria perto da estação de Alhandra. Por razões que não estavam apuradas ao fim da manhã, os tranvias entre Lisboa e Azambuja e as composições de longo curso (internacionais e entre Lisboa e Porto e vice-versa) rolaram com atrasos entre uma e três horas.

Uma avaria nas ligações eléctricas cerca das 6 horas e 30, perto da estação de Alhandra, estabeleceu o caos nos tranvias entre Lisboa Santa Apolónia e Campolide) e Azambuja, e vice-versa, a mesmo tempo que retinha em Santa Apolónia o «Ter» com destino a Atocha (Madrid) atrasava a chegada à capital dos comboios «Lusitano» e «Sud Express», procedentes de Madrid.

Todas as ligações entre o Porto e Lisboa e vice-versa, nomeadamente os comboios «Sete Colinas», «Cidade Invicta» e «Tejo», circularam com atrasos entre duas e três horas.

***Assassínio do padre Alberto***

## "Não excluo qualquer hipótese à partida" — *disse inspector da PJ ao "DL"*

«Não posso pôr qualquer hipótese de parte, mas isso não quer dizer que privilegie esta ou aquela», disse esta manhã ao «DL» o inspector da PJ de Setúbal, Ilídio das Neves Luís, a propósito de notícias de um semanário da capital segundo o qual na origem do assassínio do padre Alberto estariam alegadamente práticas homossexuais.

O inspector da Judiciária de Setúbal negou ter alguma vez admitido, isoladamente, qualquer relação entre homossexualidade e crime neste caso, se bem que para a PJ todas as hipóteses sejam plausíveis. Ilídio das Neves Luís realçou-nos: «Partimos de indícios escassíssimos não podendo por isso pôr de parte qualquer hipótese.»

# LER ESCREVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72.

N.º 311


## Duras e a vida tal qual está

ELA detesta as citações truncadas, os extractos fora de contexto, tudo aquilo que não é, exactamente, obra sua. Por isso zanga-se forçosamente, se resumirmos as 170 páginas do seu *La Vie Matérielle* numa só frase do livro: «Assim, ficam a saber tudo».

Mas é verdade que, assim, ficamos a saber tudo sobre Marguerite Duras, ao longo de um ensaio-patchwork, de um «tricot» de reflexões, «idas e vindas entre mim e mim», como ela diz simplesmente, no prefácio.

Mantenhamo-nos sóbrios: trata-se de um livro a que ela se entrega, o ponto sobre as ideias durassianas da altura em que o texto era acabado. Temos de reconhecer para os nossos botões que estamos fascinados, intrigados e apaixonados por esse fervilhar abrasivo das suas ideias sobre tudo.

É uma série de pequenos capítulos (não digamos artigos, porque ela refuta o jornalismo), de digressões sobre a vida, o amor, o álcool . . . Nada falta a este catálogo de ideias impossíveis de encontrar. Carelman e Topor gostarão seguramente do seu gosto pelo paradoxo, e da poesia que dele se desprende, como o cheiro da cera de um soalho. Sim, Marguerite Duras, muito terra-a-terra, oferece-nos até a lista das provisões que é sempre conveniente ter em casa! Irrupção surrealista do Ajax e do Nescafé na sua cosmogonia.

Quando esta «superstar» da literatura francesa contemporânea nos gaba os méritos dos «spontex», esquece-se da maiúscula. Trata-se, não de um grupo maoísta particularmente *soft*, mas de uma marca de esponjas para a loiça...

Marguerite Duras fotografada por Xavier Lambours

Espantosa Duras que sabe falar, com tanta facilidade, e de um modo outro, sobre tudo, nada e sobre ela própria.

Pode passar de um capítulo — duro e destranquilizador — sobre o alcoolismo a um estudo exaustivo sobre o *look M. D.*, ou seja, as suas camisolas de gola alta, de que desejaria receber direitos de autor.

Esperam-se alguns comentários bizarros sobre os jogos estúpidos da TV5, que ela adorava, surge a reflexão lúcida de uma telespectadora que mantém os olhos abertos: a televisão habituou-se a cobrir a voz dos outros. «Tornou-se regra que em cada morte de uma personalidade, a imagem falante do defundo seja recoberta pela do jornalista que diz o que se ouve, e que é, evidentemente, o que disse este ou aquele que acaba de morrer». Nos cafés, onde passou a ser célebre desde que vendeu mais de um milhão de exemplares de *O Amante*, acrescenta-se: «Ela não tem papas na língua, *la Duras!*»

Poder-se-á cultivar o desrespeito face a um tal autor, que parte em todas as direcções e nos deixa, por vezes, à beira da estrada? Sim, claro que sim. Porque *la Duras* se tornou uma *star*.

Chegue ela à televisão, respondendo a um convite do jornalista Elkabbach, e ei-la rodeada de fotógrafos e de perguntadores. Avança então com passinhos rentes ao chão, como um monge tibetano, olha para o microfone por detrás dos óculos grossos de mais e começa a preparar os seus silêncios. À hora do mais caro segundo publicitário de sempre, ela pontua com grandes intervalos mudos as raras palavras especiosamente preparadas durante o «branco» anterior. O silêncio seguinte destina-se a deixar o público digerir a frase dita, transformá-la, se quiser, em reflexão escrita. «Falei muito da escrita e não sei o que ela é», finge ela crer em *La Vie Matérielle*. Em todo o caso escreveu-o. Sim, ela fala como um livro e isso é até um dos atractivos do seu ensaio: os «textos ditos» a Jerôme Beaujour, e depois transcritos. Não ousaremos dizer que eles foram, então, reescritos.

O que faz o encanto, pela ausência de preciosismos, de *La Vie Matérielle*, é que o livro fala como vocês e eu, ou quase.

*M. D.*, como a designa o seu companheiro biógrafo Y. A. (cf. *M. D.*, de Yan Andréa, Minuit 1983), deixa o seu sinal na linguagem quotidiana. Ainda hoje, nos jornais, o mínimo número relativo ao comércio externo é «sublime, forçosamente sublime»; e não há quadro médio, preparando-se para caçar as toupeiras do seu quintal, que não lance aos filhos, culto: «Détruire, dit-il!»

Aqui, Marguerite Duras quer distrair-nos. Ela até começa o livro com a seguinte frase (mais uma citação desviada; ela vai zangar-se, mas é o melhor cumprimento que lhe podemos dirigir): «Este livro fez-nos passar o tempo».

**Philippe Aubert**

*La Vie Matérielle, Marguerite Duras, POL.*

## Eugénio de Andrade e Jorge de Sena em «O essencial» da IN/CM

A Imprensa Nacional-Casa da Moeda acaba de lançar na colecção «O essencial» dois livrinhos dedicados a dois dos maiores poetas portugueses do século XX, Eugénio de Andrade e Jorge de Sena.

Como não abundam no nosso país, fora do âmbito universitário, os estudos sobre a escrita poética (e no caso da poesia contemporânea nem mesmo a nível universitário), quase se torna desnecessário salientar a importância da publicação destes dois pequenos volumes numa colecção de características populares.

O que poderá parecer estranho é esta abordagem crítica simultânea de dois livros dedicados a dois poetas tão distintos e inclusivamente executados de forma tão diversa: no estudo sobre Jorge de Sena parte-se do homem para a obra, perecendo privilegiar-se a biografia e a visão de conjunto (ou mesmo cronológica); em **O essencial sobre Eugénio de Andrade** parte-se do texto para a obra, e daí para a definição de uma poética eugeniana.

Bem vistas, porém, as coisas, não nos encontramos face a dois poetas tão díspares como poderão parecer à primeira vista. E se, de facto, podemos entendê-los como depositários de duas tradições diferentes da lírica portuguesa (ou peninsular) — uma preponderantemente tradicional, que é a que encontramos presente em Eugénio de Andrade; outra mais «culta» («conceptista» se quisermos) que é a de Jorge de Sena — a verdade é que estas tradições são mais complementares (ou convergentes) que divergentes.

Se preferirmos encarar o problema por outra perspectiva, diremos que o que separa Eugénio de Andrade do autor de **Peregrinatio ad loca infecta** é sensivelmente o mesmo que separava Sá Carneiro de Fernando Pessoa, sendo os dois primeiros de cada par criadores de uma poesia mais centrada no sujeito (sem prescindir das marcas de objectividade imprescindíveis à funcionalidade da mensagem) e os segundos de um lirismo mais iminentemente social (sem deixar de ser subjectivo e intimista).

A acrescer a isto convém não esquecer que Jorge de Sena foi, senão um «experimentalista, pelo menos um experimentador de novas formas de expressão poética e um analista atento (e também um crítico inovador) da literatura nacional e mundial. Eugénio de Andrade preferiu respigar, nos seus autores preferidos e nos movimentos literários circundantes, os melhores pedaços, aquilo que mais perfeitamente se adequasse ao seu temperamento poético, sem deixar de ser (ou sendo exactamente por isso) profundamente original.

Voltando ao pequeno ensaio sobre o autor de **Ostinato Rigore,** constatamos que o ensaísta, Luís Miguel Nava, sintetizou a poética eugeniana na tríade corpo-natureza-palavra. Nava vai ainda mais longe, revelando-nos como a palavra poética foi ganhando opacidade até transferir para si toda uma carga erótica, que anteriormente estava apenas reservada ao corpo:

Agora são elas que têm o teu rosto,
as palavras; e não só o rosto:
o sexo e a trémula alegria
que foi sempre senti-lo desperto.
Sem palavras já não somos nada;
estão agora de perfil, repara
como reflectem o que de juvenil

houve sempre em ti, o mesmo sorriso
só um pouco menos fatigado
e o andar apenas menos lento.

Jorge Fazenda Lourenço, em **O essencial sobre Jorge de Sena,** achou possível captar a essência da poética seniana numa única palavra-chave: testemunho. E prova-nos, de facto, com as próprias palavras do poeta, que a autenticidade e a vontade de ser testemunha do seu tempo se contam entre os valores supremos da sua poesia.

E talvez a palavra testemunho seja uma das mais indicadas para assinalar a função da poesia na sociedade contemporânea. Até porque, apesar da aparente marginalização social da poesia, é à evocação dos grandes poetas (da tribo) que os políticos recorrem sempre que pretendem robustecer o tom patriótico dos seus discursos. Mesmo que esses poetas tenham proposto, como Jorge de Sena, «fazer de novo um Portugal inteiro, / mas tendo em nós, por nosso, o Portugal / que a heróis, trabalhadores ou simples viajantes, roubado sempre foi no Terreiro do Paço.

**António Apolinário Lourenço**

# Aureliano Lima na poesia portuguesa

**Aureliano Lima publicou o seu primeiro livro em 1963. Mas, neta altura, já tinha quase vinte anos a sua presença na cena da poesia portuguesa. Presença discreta, porque irregular e avulsa. Mas presença a não ignorar.**

**O que Aurelano publica depois de se ter fixado em Coimbra, nos anos 40 e 50 em jornais e revistas de Coimbra, Lisboa, Porto e província, parece que ainda não está devidamente apurado. E era importante — para não dizermos imperioso — que se apurasse, para uma edição integral da sua obra poética, que nem sequer é muito numerosa e não implicaria, portanto, grandes despesas.**

NÃO dispondo de dados assentes — que o trabalho de Serafim Ferreira publicado aqui há dois anos trata quase exclusivamente do escultor, embora também do pintor, e já não ou só superficialmente do poeta —, podemos pelo menos assinalar a sua presença em diversas publicações dos anos 40, desde logo. Para além destes aparecimentos avulsos, as fichas que estão nos livros falam de duas participações em colectivos de homenagens, uma a Gomes Leal em 1948, outra a Teixeira de Pascoais em 1951.

Se formos ver na companhia de que outros nomes o de Aureliano aparece aí, veremos que muitos deles, ou mesmo a maioria, são nomes que se costumam identificar com o neo-realismo nesses anos 40. Atribuir a isto uma importância maior ou um singnificado decisivo há-de parecer um erro. Porque a obra poética que Aureliano depois — anos 60 e 70 — vem a publicar, se não questiona essa associação, ultrapassa, e largamente, as expectativas que com ela se podem ter criado. E nem haveria razões para tais expectativas.

Conhecemos pouco o que Aureliano escreveu — publicou, pelo menos, — nos ano 40. Mas conhecemos pelo menos um poema titulado «Tu, Poesia», e saído na revista *Sísifo* em 1951. Ente outras coisas, o sujeito define aí o processo e os limites da sua afirmação verbal como um «monológo absurdo».

Haverá mais exemplos, mas este é representativo e ilustra, certamente uma forte propensão existencial ou existencialista, que a poesia de Aureliano vai depois reflectir com mais tensões e rigor do que nessa fase — podemos dizer que de primícias ou juventude, ainda.

Nos anos 60, tal propensão existencial, ou existencialista, vai estilizar-se noutra, parece também que já há muito latente: um certo, aliás, um acentuado esteticismo.

Mas digo esteticismo numa acepção que compreende a necessidade expressiva como exigência fundamental de arte, ténica, construção, labor, organização e elaboração de recursos e meios com vista à obtenção, à produção de resultados concretos, textuais, mais ou menos objectivos. No caso, o poema como texto.

Ou nem tanto, — talvez uma formalidade expressiva, — formalidade, mas expressiva, expressiva, mas formalidade.

É nisto que Aureliano, como poeta, é um moderno, duma modernidade pessoalmente assumida um tanto à margem dos movimentos que nele se cruzam, sem que ele alguma vez a eles adira, na prática ou no ideário. E é nisto que radica e assenta uma poética (um projecto, um programa de produção, digamos assim, pessoal sempre) de esteticismo e modernidade.

## Referências

O livro de estreia, em 63, é dedicado a Afonso Duarte. Lembrar isto aqui tem a sua pertinência. É que Afonso Duarte é um dos ascendentes de Aureliano. Confunde-se com este ascendente a constante lírica desta poesia, e a imaginação metafórica que nela se desenvolve e processa, embora talvez com uma maior dureza, de preferência, uma maior tensão. Poderíamos ver em Aureliano outros ascendentes como Miguel Torga, por exemplo. Mas a poesia de Aureliano recusou-se sempre à fixação lapidar ao inscritivo, apesar do que porventura o poderia sugerir a actividade do autor nas outras duas frentes, a escultura e a pintura.

Diversamente, pendeu sempre para uma tensão dialéctica com o real, que, entretanto e no entanto, nunca foi muito conflituosa.

Carlos de Oliveira é um parente mais próximo, e tanto o dos anos 40 como o dos anos 60, muito renovado e com outras perspectivas, digamos (erradamente, embora, mas, adiante) formalista, esteticista.

Aureliano Lima, e até um tanto antes, tem muito a ver, activamente, e por certo com grande autenticidade (venuinidade, se preferirmos) com isto que aqui dizemos formalismo, esteticismo, e não é bem disso que se trata, não se trata de formalismo, pelo menos, na acepção negativa com que esta noção tantas vezes ocorre.

Haveria também alguma familiaridade com Teixieira de Pascoes.

Enfim, é sempre possível ir mais longe, em tratando-se de fontes e raízes duma obra poética. E é talvez preferível quedarmo-nos por referência mais à volta do caso.

Então diríamos que, se a poesia de Aureliano patenteia, em termos de adulta, amadurecida e reflectida identificação geracional, mínima que seja, algum envolvimento, o envolvimento que aqui se vê mais é o dos anos 50, uma década de sínteses e superações várias, mas todas mais ou menos orientadas por um espírito poético e estético por exigências do qual se renovam tradições, algumas recentes, como o neo-realismo, outras nem tanto, como o modernismo, ou os modernismos, o primeiro do «Orpheu», o segundo da «Presença» mas este nem tanto, que não é caso para isso, e é no seio da própria geração que a renovação se processa (lembremo-nos de Casais Monteiro, outro nome de outra obra da qual a de Aureliano também não andará muito longe.

Não tendo embora colaborado na talvez mais importante publicação desta década, *Árvore*, Aureliano aparece noutras, talvez não tão importantes como referências, mas nem por isso menos significativa e representativa das tendências mais vivas, então, da poesia portuguesa, por exemplo, os «*Cadernos do meio-dia*», mas referência, esta, já de transição para os anos 60.

Mas, uma vez mais, lembremo-nos de que é nesta década que ele publica o seu prmeiro livro, e é a partir de 63 que vai ser assinalável a sua presença individualizada na cena da poesia portuguesa.

## Presença

Presença aparentemente um pouco tardia. Mas isto já tem a ver com contingências biográficas. E com isso tem a ver, igualmente, que Aureliano vá fazer um quase total silêncio até reaparecer uns doze, treze anos depois, e com duas colectâneas de poemas: *O Círculo e os Sinais* e *Tempo de Dentro-Fora*, ambos em 1974, em modestas edições de autor, que quase não circularam (pormenor a não esquecer quando se quiser entender o relativo silêncio que ao longo destes anos se faz à volta desta obra).

Não cabendo aqui pormenorizar sobre os poemas, reparemos pelo menos nos títulos dos livros.

Eles apontam para contradições, cisões, divisões, inversões, reversões, dualidades, complementaridades, etc., etc., uma infinidade de designações para-conceptuais que poderão ocorrer a propósito de duas ou três fundamentais, à volta de noções como o ser, o sujeito, o seu corpo, a sua letra, a sua linguagem, numa relação, diríamos, mediada pela linguagem, com o real, as realidades o mundo, a existência, o espaço, o tempo, a história, mas não propriamente medida pela linguagem: vivida aí como possibilidade única de assumpção e rendenção.

Estas noções — pelo menos a de redenção — terão conotações idealistas, metafísicas. Mas o trabalho poético de Aureliano não as recusa, antes pelo contrário, e parece não só aceitá-las liminarmente mas até mesmo não poder, fora delas, desenvolver-se coerentemente.

Um trabalho em prosa narrativa e reflexiva como *O Homem Cinzento ou a Alquimia dos Números* aparece aqui, um ano depois, 1975, como que a lengendar, com uma dialéctica mais explícita, as tensões em que esta poética se debate, e o fundamental das suas preocupações, obsessões, orientações, etc.

Estamos em meados de 70. Ainda nesta década, Aureliano pulicará outro livro de poesia: *Cântico e Eucalipto*.

Regressa aí a um lirismo veemente, por vezes excessivo, na acção verbal do eu sobre o real, na acção reversiva do real sobre o sujetio, na assumpção discursiva desta relação recíproca que avança sempre num rasgar de direcções e numa consequente criação de sentidos.

Em *Espelhos Paralelos* atenua-se um tanto a veemência, ou quase, de *Cântico*, e a inflexão mais acentuada é no sentido da decifração possível dos sinais do real e do mundo, dos seres, e da vida, da existência, mistérios, estes, relativos, redutíveis a uma virtualidade, uma potencialidade, o sujeito, a voz e a fala.

Num livro já póstumo, *O Leito e a Casa*, publicado em fins do ano passado, essa veemência lírica reaparece, e com um fulgor imaginístico e uma intensidade metafórica num plano de realização a nível ainda mais elevado do que o atingido nos livros precedentes.

Mas não devemos enveredar por aqui, a distinção deste livro ou daquele, desta ou daquela fase, de uma ou outra vertente, tendência, propensão, deixando, mesmo que inadvertidamente, sugerido que haja nesta obra desigualdades, irregularidades, aspectos uns mais nítidos do que outros.

Porque, enfim, podemos dizê-lo, os sete ou oito livros que Aureliano publicou, ou dele se publicaram, em pouco mais de vinte anos, e porventura em algumas peças dele dos anos 40 e 50 que não foram mas, poderiam ter sido e poderão e deverão ser reeditados em livro, serão talvez mais um só livro, naquela acepção de livro como horizonte final, que nunca se atinge mais para que tende a escrita do escritor, no caso, este escritor específico, frentista, avançado, que é o poeta.

A existência, talvez aparente, de dois Aurelianos, o poeta, por um lado, e o pintor e escultor por outro, poderá ser, para quem se lhe dedicar pela leitura activa e consequente (escrevendo sobre ele e a sua obra, as suas obras) um factor de alguma perturbação.

Mas podemos ultrapassar esta perturbação vendo esta obra poética como que ilustrada pela pintura e pela escultura, ou vendo a escultura e a pintura como legendadas pela poesia, embora esta obra poética não seja redutível a tal função, obviamente.

Pela nossa parte, e porque estamos a falar do poeta e da sua poesia, somente quereríamos dizer mais duas ou três coisas, e é o que se segue.

## Exclusões

Para quem estiver minimamente familiarizado com as referências da poesia portuguesa das últimas décadas, poderá pôr-se a questão de saber que lugar ocupam aí as obras poéticas de Aureliano.

Não é, certamente, um lugar de ponta em qualquer frente avançada, que Aureliano nunca terá tido condições para


**REVISTA DE ECONOMIA POLÍTICA**

***Director: Mário Murteira***

**Sumário:**

- Modernidade e novidade no desenvolvimento do capitalismo
  *Mário Murteira*
- Modernização tecnológica na indústria portuguesa
  *António Assunção Costa e João Andrade Silva*
- Estratégia de desenvolvimento e objectivos sociais
  *Ladislau Dowbor*
- Estado e desenvolvimento em África
  *Renato Cardoso*
- Intelectuais, libertação nacional e construção do Estado
  *Samir Amin*
- Guiné-Bissau – uma estratégia alternativa de desenvolvimento económico
  *Alfredo Moura*

SAÍU O N.º 71

**Editorial E. S.**
Av. Elias Garcia, 123, 4.º-1000 Lisboa • Telef. 771051/1133

isso. Será um lugar numa segunda linha? É relativo, e a ideia não deve embaraçar-nos: pressupõe que so poucos os da primeira linha, e há mais do que duas linhas,ou três, uma vastidão inúmera de referências, resultado duma produção muito numerosa, e, naturalmente, gradações diversas em termos de qualidade desde logo patente a uma primeira aproximação dos textos, das obras. Ora, num âmbito muito concorrido, o perfil de Aureliano recorta-se hoje com uma pose de vigor e dignidade que o eleva um tanto acima dos confrontos fáceis de fazer.

Aliás, tais confrontos nem têm sido feitos, talvez porque a figura de Aureliano também alguma coisa se lhes furtou, e os livros foram sempre, de algum modo, uma fuga para a frente, no rasgar de caminhos pessoais e perspectivas novas para a própria obra, mais do que um competimo inadvertid, com os contemporâneos.

E esta obra pessoal tanto se furtou ao confronto e à competição, que por vezes se excluiu, talvez por excesso de inadvertência para com as circunstâncias menores do meio, as suas contingências pessoais mais melindrosas e embaraçantes.

Excluiu-se, ou excluíram-na.

Isto não é dizer mal de quem quer que seja, ou sugerir que quem quer que seja tem sido alguma coisa negligente. Mas aqui ficam dois exemplos, até para prevenção.

Consideremos a *História da Literatura Portuguesa*, de Óscar Lopes e António José Saraiva, a mais justamente credenciada da história da literatura portuguesa e que já vai em cerca de dezena e meia de edições, em pouco mais de vinte anos.

Se formos ver as primeiras edições, de há mais de vinte anos, isto é, de quando Aureliano ainda não era, como poeta mais do que esporádico colaborador de algumas revistas e jornais e autor de um livro tardio mas muito seguro e amadurecido, com o qual aliás, ganhara um prémio importante, na altura, por decisão de um júri de que faziam parte, entre outros, Óscar Lopes e António Ramos Rosa, e ganhou-o *ex-aequo* com outro, este de Vítor de Matos e Sá, — nessa altura o nome de Aureliano tinha lugar nessa história.

Pois bem. Depois, Aureliano publicou uns tantos livros que constituem hoje uma obra, que já constituiam uma obra, por exemplo, ao terceiro ou quarto livro (e obra, agora, já não na acepção blanchotiana, mas nossa, e corrente, trivial), — e, por estranho que pareça, o seu nome desapareceu de tal história da literatura.

Resta saber porquê. Para dar lugar a outros, talvez. Mas, se é uma explicação, ou uma justificação, será sempre inaceitável.

Outro exemplo, *A Antologia da Novíssima Poesia Portuguesa*, de E.M. Melo e Castro e Maria Alberta Menéres, mais tarde apenas *Antologia da Poesia Portuguesa*, e, se não a mais credenciada, pelo menos uma das mais divulgadas a nível de estudos, principalmente no estrangeiro.

Na segunda edição, publicada quando Aureliano já tinha feito sair o seu primeiro livro, o nome dele vem lá, como colaborador duma revista de poesia, e entre outros considerados como não antologiáveis por não terem feito qualquer assumpção individual em livro.

Uns quinze para vinte anos depois, apesar de quatro, cinco ou seis livros publicados, o nome mantém-se, mas ainda como colaborador da mesma revista, *Sísifo*, e não consta duma relação de trinta, quarenta ou cinquenta que poderiam ter sido mas não foram antologiados.

Neste caso não parece nem mais fácil nem mais difícil de entender.

Na poesia, e, mais largamente, na literatura portuguesa contemporânea (como, aliás, cremos que também noutros sectores de actividade criativa), haverá mais casos, idênticos ao de Aureliano. Mas há casos e casos, e temos para nós que, como este, nem haverá assim tantos como inadvertidamente ou generosamente se poderá supor.

A qualidade, digamos assim, deste caso, distingue-o de outros, e agrava a responsabilidade negativa daqueles que vão criando ou deixando que se mantenha assim uma situação.

Mas, — não dramatizemos. Está-se sempre a tempo de rever e corrigir posições e opiniões, reconhecer a importância daquilo que a tem, por exemplo, o significado, a representatividade, e, enfim, o valor duma obra.

A história da poesia portuguesa mais recente está por fazer. Um dia será feita, e a presença, aí, de Aureliano, há-de ganhar alguma nitidez.

E isto pode precipitar-se quando estiver ao alcance fácil da crítica e dos estudos à volta da poesia a integral desta obra por enquanto e na prática somente em parte conhecida.

Mas estas coisas demoram o seu tempo e — ressalve-se o lugar comum — os interessados têm de ter um pouco de paciência e saber esperar.

**Nota**

Texto lido numa sessão realizada no Edifício Chiado, em Coimbra, no dia 22 de Maio. A sessão assinalava uma exposição retrospectiva da obra de Aureliano nos domínios da Escultura e da Pintura, e nela falaram, além do autor deste escrito, Joaquim de Matos Chaves (sobre Aureliano como escultor) e Rui Mendes (que leu poemas de Aureliano).

**Luís de Miranda Rocha**

*Na terça-feira*

# Sete Ponto Sete

# The Portuguese Moochs

**William Burroughs**

*Extraído de* Early Routines, *Cadmus Editions, 1982, tradução de Carlos Leite*

O indigente português entrou e veio sentar-se à mesa de Lee. Lee ergueu o olhar e disse: — Hello António. Sít down. Continuou a escrever e ignorou as ondas de súplica que emanavam de António. António apertou os lábios e suspirou. As suas mãos finas, que tinham a cor arroxeada duma má circulação, bateram palmas. Pediu um copo de água com o perfil simiesco de lado, para ignorar o olhar de frio desprezo do criado.

— Bill, detesto incomodar-te com as tragédias da minha vida. A vida dum europeu cheio de doença e de fome — tossiu — os americanos não podem compreender estas coisas... Tão estúpidos, vulgares, mecanizados... Como **vos** odeio. Deu uma palmadinha no braço de Lee e sorriu, mostrando os dentes postiços baratos e sujos. — A ti, não, claro. És diferente dos outros americanos. Ao menos tu tens coração.

— Sim. E fígado e pulmões e estômago. Que é que queres, azeiteiro? Como se eu não soubesse...

António não acusou o toque. Estava a olhar para o infinito, tinha a cara torcida de ódio, como um macaco.

— Yeah! Para vocês, americanos, não passo dum macaquinho de circo que faz habilidades porcas por um tostão. **Por menos** dum tostão... Ainda me lembro de quando tinha catorze anos. Dois marinheiros americanos apostaram não era capaz de me vir à mesa deles num café da baixa de Lisboa. Creio que ganhei a aposta, Joe.

— Yeah, claro que ganhaste. Eu já vi tudo. — E passou-lhe um maço de notas, em escudos, que davam para alimentar uma família portuguesa durante um ano. — Quanto vale isto em **money**, Joe? — e António mostra uma moeda de..., fazendo um gesto horroroso do podegar contra o indicador. Lee estava habituado a António, mas às vezes este homem sufocava-o com um simples tejeito maldoso e feio, indescritível.

— Oh, aí um quinto dum cêntimo.

— Achas que é muito? Não quero deitar dinheiro fora.

— Caramba. Já dava para animar isto um bocado.

— O problema é que o azeiteiro ainda lhe dá um toque e morre-nos aqui à mesa. Não tens outra moeda mais pequena?

— Espera um momento. Yeah, aqui está. Esta é a mais pequena. Atira-a ali para aquela merda de cavalo.

A imitação dos sotaques americanos de António era perfeita como uma gravação mas misturava tudo. Brooklyn com Chicago, California, East Texas, Maine com o Deep South. Com a voz ausente do dono a aparecer por momentos à mesa como numa sobreposição de filmes em acelerado.

O criado pousou o copo de água com tanta força que parte da água saltou e molhou a manga do casaco de António.

António fuzilou com o olhar o criado, o qual passou um pano pela mesa e depois virou costas e foi-se embora.

— O que vós quereis é que vos agradeçam. Mais nada. Nós vamos buscar a moeda ao meio da merda com os dentes, **e depois**, com o queixo a escorrer de merda, quereis que vos beijemos as vossas ricas botas americanas que duram uma vida inteira e nunca se estragam, e dizer «Oh, Thank you Johnny. Thank you for you generosity... Por condescenderdes em olhar para um europeu de nobre família a foder a própria irmã e que esta minha «performance» possa gozar do favor do vosso olhar. Tanto não me atrevo a esperar... Tanta amabilidade vossa ...»

A sua voz esganiçou-se até ser um guicho estridente. Lee parecia vagamente aborrecido.

— Eu, com sangue de setecentos anos nas veias! Eu, a beijar os pés dum porco camponês americano filho da puta!

Bufava de raiva como um gato histérico. De repente a placa saltou-lhe da boca e ele esticou o pescoço para a frente tentando agarrá-la. Lee viu por um momento a boca de António estender-se horrivelmente, uns dentes a saltar da ponta dum tubo de carne do outro lado da mesa, uns dentes silenciosos, sinistros e com a determinação dum verme **parasita.**

António era um organismo parasita total tão especializado que não podia viver sem um hospedeiro, um fragmento mutilado das potencialidades humanas. A sua mera presença irritava. Lançava gavinhas fantasmas que procuravam na fraqueza um ponto firme onde se agarrar.

A placa deslizou pela mesa e caiu no colo de Lee. Lee lançou-a outra vez para cima da mesa, limpando as calças. António pegou nela e limpou-a à toalha com uma **das mãos. Com a outra tapava a** cara. Colocou os dentes no sítio, apalpando a bochecha.

Virou finalmente para Lee um sorriso cadaveroso numa cara amarela como cera velha e suja, a suar com o esforço.

— Mas tu não és como os outros americanos... Tu és... um gajo porreiro.

— Alguma vez pensaste em trabalhar, young man? — perguntou Lee.

— Em Tânger não há trabalho.

— Bom, eu conheço o dono do Café de La Paix. Podia lá meter-te como encarregado das retretes em part-time... Bem vistas as coisas é um trabalho honesto, respeitável e com futuro. Ele está a pensar abrir uma engraxadoria e tu estavas mesmo bem como engraxador. Isto é, se meteres os papéis... Tens de estar atento... Quando um americano acabar de cagar não fiques especado a olhar, limpa-lhe o cu, e limpa-lho melhor do que alguma vez lho limparam.

António lançou a Lee um olhar faiscante. Lee sorria. Com a cara arrepanhada de sofrimento, os olhos a lançarem ódio como uma emissão de mal em ondas curtas, António retribuiu o sorriso.

— Estás a gozar, Bill.

— Claro. Nós, os americanos, somos muito gozões.

— Os americanos! Vêm à Europa comprar-nos como gado miúdo! Não podes compreender o que isso significa, Bill. Não descendes duma família antiga. Ser obrigado a ver a tia-avó Mitzi, a condessa (viúva) de Borgonzola, a família mais orgulhosa da Europa, uma senhora de oitenta anos a dançar o can-can para os soldados americanos bêbados. «Mexe-me essa bunda, avozinha. É o meu dinheiro que está a correr.» E eu a ver, sem poder fazer nada. Odeio-os tanto que quase nem era capaz de estender o chapéu à volta pela assistência.

— OK — disse Lee: — Agora sou eu que continuo o script. A tua velha mãe está a abrir a boca como um peixe porque lhe desligaram o pulmão de aço por não pagar o aluguer. O Banco veio buscar o rim artificial da tua mulher... Vai ser duro, vê-la inchar e a ficar preta, a afogar-se no próprio mijo, a tua querida esposa e mãe do teu filho morto, o último da nobre linhagem dos Borgonzola, e o médico disse agora mesmo que bastava só mais um dia com o rim e ela ficava boa outra vez... Aquele sorriso dela, doce, triste, de resignação... «Seja... a minha vida tem sido uma longa tragédia... Só de pensar que bastavam cinquenta pesetas para a salvar! É atroz!» Tu és a expressão do dilema do europeu, António. Odeias-nos tanto que **quase** nem és capaz de estender o chapéu pela assistência.

(★) Extraído de **Early Rontimes**, Cadunis Editions, 1982
**Tradução de Carlos Leite**

## Gilles DELEUZE, Foucault, Vega, 1987 (Prefácio: Emídio Rosa de Oliveira; tradução: José Carlos Rodrigues)

SERIA preciso traduzir todos os livros de Foucault. Seria preciso traduzir todos os de Deleuze também. Contentemo-nos, de momento, com esta migalha do duplo desejo: «o» *Foucault* de Gilles Deleuze, onde Deleuze, com o estilo que lhe é tão particular, penetra a obra de Foucault, adopta-a, reveste-a, sem deixar de ser Deleuze; oferecendo mais do que um gesto de amizade ou de reconhecimento, ele demonstra uma inteligência, no sentido profundo da palavra, quando se diz em francês «être d'intelligence avec quelqu'un», ou seja de conivência. O que implica uma comunicação especial que acarreta consigo um núcleo implícito. Deleuze «está de inteligência com Foucault», e Emídio Rosa de Oliveira tem razão quando sublinha, no seu prefácio, a raridade de uma tal cumplicidade: «entre estes dois pensadores sempre houve um compreensão que excede a luta mesquinha e rival própria ao meio intelectual».

Seis partes compõem este livro (as duas primeiras foram publicadas na *Critique*), onde Deleuze nos mostra a obra de Foucault como um *quadro* (e diz Emídio de Oliveira: «Foucault escreve fascinado pela ideia de que poderá ser possível viver a vida como obra de arte»). Um quadro movente, «quadros coloridos sobre um mapa milimétrico» (p. 46), mas também uma imagem-movimento uma vez que o pensamento de Foucault assemelha-se ao cinema contemporâneo (Duras, Syberberg, Straub; pp. 93-94) na medida em que separa e junta o *enunciado e o visível*, para dizer que se trata de dois aspectos essenciais de uma época e que os dois são irredutíveis. Do mesmo modo que antes de qualquer sujeito de enunciação, há um «fala-se», um grande murmúrio, do mesmo modo, as visibilidades ultrapassama vista porque são «complexos multissensoriais que acedem à luz» (p. 86). Os enunciados encontram-se ligados ao regime, as visibilidades à máquina. Neste sentido, e Deleuze não pára de insistir neste aspecto, Foucault distancia-se da fenomenologia para passar a uma *epistemologia*. Não há experiência originária, livre e selvagem porque «o Ver e o Falar, quando são inseridos em relacionamentos de poder que eles próprios supõem e actualizam, o são já, e sempre, por inteiro» (p. 113). não há intencionalidade, já que não há nada antes do saber. Se a quetão crucial de Heidegger «Was Heisst Denken» habita Foucault, a sua resposta marca a distância em relação ao filósofo alemão, cujo caminho, no entanto, cruza, nomeadamente com a problematização nietzscheana do «esquecimento do esquecimento». Ao entrelaçamento do visível e do enunciável, ao quiasma e à torção, falta o elemento que provém de fora, a *força,* elemento essencial da dobra da memória, elemento que Foucault introduziu e trabalhou, elemento que explica também o seu retorno aos Gregos. A subjectividade, a dobra ontológica, só pode surgir por uma compreensão da *força*, tal é a descoberta grega já apontada por Nietzsche. Assim, os gregos «submeteram a força, eles descobriram a força como algo que podia ser submetido, e isto unicamente por estratégia, pois inventaram um relacionamento de forças que passava por uma rivalidade dos homens livres (governar os outros na condição de se governar a si próprio...). Mas, força entre forças, o homem não submete as forças que o compõem sem que o de-fora não se submeta ele próprio e não abra um 'Si' no homem» (p. 152).

À história das formas (arquivos) Foucault justapõe o devir das forças, aos estratos o diagrama. Daí Deleuze falar de uma *topologia* , na medida em que, na sua mobilidade diagonal, Foucault concebe o de-fora como uma matéria movente, o de-dentro como uma dobra do de-fora. Toda a questão do poder se baseia no pensamento do de-fora, e é justamente porque ele pensa o de-fora em função do diagrama, que Foucault se opõe aos postulados tradicionais da esquerda ainda presos numa relação binária, num espaço euclidiano, cegos aos jogos de sombra e luz, surdos ao murmúrio.

Deleuze acaba o seu livro com a questão da morte do homem e do surgimento do super-homem. Não se trata aqui de uma conclusão mas de um «anexo», para respeitar o avanço diagonal, a «démarche» de caranguejo do pensamento, que consiste em «problematizar» e não concluir ou classificar. Pensar quer dizer resistir, como a vida, para Bichat, é *o* que resiste. Pensar (gritar) em nome da vida, como Nietzsche. Na movência das formas e das forças, Deleuze sugere o aparecimento de uma nova forma própria do século XX que, afastando-se do infinito originário do séc. XVII e da finitude constituinte do séc. XIX (dobra/desdobramento, redobramento), faz apelo a um *finito--ilimitado* ligado à *sobredobra,* dos quais testemunham o código genético e a cibernética.

**Chaké Matossian**

## Regresso por um rio
## Francisco José Viegas
## Europa América

«REGRESSO Por Um Rio» é o título (belíssimo!) de um romance em que o retorno de um homem à sua aldeia natal se apresenta o eixo temático. Digo eixo temático porque a estória se desenvolve em espirais de poética luminosidade a caminho de um encontro a partir do qual nada há. A caminho do princípio, meio e fim de tudo. Isto é: a compreensão de uma aldeia onde as pessoas têm a marca do rio que nela passa. E liricamente reflectem o que a cerca. Decidem as suas vidas. Cito: «Os cursos de vida são estrelas, curvas, rios que serpenteiam no mundo, estradas. E será o nosso um triângulo, três lados iguais, três traços iguais na terra, só a vontade do vento os apagará, (...).» Ou: «(...), o silêncio do mundo é terrível como a solidão, como os moinhos de vento parados, abandonados. O que você procura é a água do rio — mas não o seu leito constante, o lodo e a areia que por vezes se movem.»

De notar que as citações feitas são excertos de diálogos entre os habitantes da aldeia porque assim se explicita o que acima referi. A sua natureza efabulatória tão presente nas estórias que contam acerca das estrelas, etc. Passo a citar: «Chegam as estrelas, a areia cresce nas margens do rio, devolvida desde o fundo, desde as pedras. Ainda se lembra a aldeia de uma que poisou no Monte Meão, trazia uma luz tão viva que julgavam ser um anjo silencioso, mas era uma estrela. (...). De modo que aqui vêm ter as estrelas, dependuram-se nas laranjeiras, passam as idades do mundo, são as estrelas dizem, as folhas dos choupos cobertas de pó e orvalho.»

Chegar ao princípio, meio e fim de tudo, não o consegue o autor. Por isso, a estória da aldeia não se conta. Dela se obtêm fragmentos de líquida apreensão da essência, os referendos para o romance que o autor escreverá. Cito: «Contemos, pois, a história, estão os pássaros a ficar impacientes. As gentes da aldeia, sempre ouviu dizê-lo, têm um rio nos olhos .»

Não se conta a história, disse-se. E, contudo, sabe-se que não é verdade. Pois, todas as pistas que nos são oferecidas têm a límpida densidade do eterno. A sua estranha e inquietante beleza.

Que ler «Regresso Por Um Rio» é como viajar dentro de um barco em águas resplandecentes de mágica mobilidade, foi o que senti. E isto seja qual for a interpretação que se fizer neste texto encantatório. De um mimetismo metafórico muito do meu agrado. Tanto que o relerei até que em mim se imprima cada uma das suas frases — esses corpos repletos do verdadeiro.

**Ana Paula Portugal**

# Soap

Glenn Ford, Blackboard Jungle — dois ou três anos antes, muito de longe, mas já lá está tudo.

UM dos monstros disse vamos lá a tirar a axila do pâncreas da minha prima ouviste? e a prima ria-se e o da axila no pâncreas dela idem e o primo ainda mais e com mais dentes e todos — duas compactas filas deles no comboio para a praia — caíram em cima da rapariga com pedidos alarves de eu também quero eu também quero eu também quero. Ela mostrou só por cima da roupa com a mão — as mamas, o pâncreas ia dos ombros ao cinto das jeans — e não deixou ninguém tocar. Também se riam muito com anedotas de monstras com a menstruação, o que diz o pires para a chávena e sabes aquela da mulher e o marido encontra-o no guarda-fatos?

Duas compactas filas deles no comboio para a praia. Eu também ia. Na mesma fila.

– Juizinho meninos – disse a da janela — que isto não é como na excursão ao Gerês. Modos, sim? Ou mudo já para a primeira classe. Vão aqui senhoras —. Estava impressionada com ela mesma.

Encolhido no meu lugar, de ouvidos estourados pela barulheira infernal, óculos escuros para não dar nas vistas, eu era o professor dos anos

difíceis, os treze quatorze. É destes que os professores têm medo, basta ouvi-los falar, o ódio deste à-vontade de elefante que não há roupas que lhe sirvam e sempre deliciado e a ocupar espaço na loja das porcelanas. Disse-me calma são só quinze minutos até Miramar se não aguentas ou eles te toparem resta-te a salvação de ires para a plataforma fumr um cigarro.

Não me veriam, tanto mais que o tempo estava escuro, nevoeiro, e por causa dos óculos. O resto da carruagem, adultos nos mais variados estádios de desagregação adulta, inconsoláveis por lhes terem caído em cima os amigos de Herbie Um Carocha dos Diabos, faziam o melhor que sabiam — distraíam-se em pensamentos, abanavam-se, tentavam passar despercebidos, não fossem os carnívoros fazerem-nos em pedaços. E todos queríamos chegar incólumes aos nossos destinos.

O cavalheiro do fundo da carruagem desapertou o colarinho e bufava, cheio de falta de ar. Imediatamente uma voz de falsete e borbulhas mesmo ao seu lado ressoou saia uma garrafa de oxigénio para a mesa do fundo e outras ó Cristina abana aqui o rapaz, ai que eu morro tapa-me queres respiração boca a boca?

O sujeito escorregou do banco, derretido como manteiga (e era magrinho) — mas não invocou regulamentos, anos de tropa, direitos nem a autoridade nem o respeitinho. Tinha compreendido. Era um feio.

Impassível eu ria-me por dentro apesar de tudo, do risco que corria principalmente. Eles é que tinham os direitos. E a Razão. Tímido como um adulto – uma vez num filme alguém dizia esta frase e nesta manhã de emergência e sobressaltos veio-me à memória.

Sim, tímidos como adultos. Em viagem de negócios à praia. Com a cabeça carregada. A noite mal dormida. Transaccionar, vender e comprar tempo gasto a crescer.

Etc.

Carlos Leite

O sexo das imagens

# As lágrimas do Sol

*«Desnudar-se não consiste em dar seja o que for, mas sim em oferecer esse próprio gesto de se desnudar»*

**J.L. Nancy**
in L'Oubli de la Philosophie

NÃO sei se a morte é estética, mas a estética pode ser a morte. Não a do «modelo» — já que é sempre ele que nos coloca no «lugar do morto» —, mas a do «Sujeito».

Se, como refere Lacan *(Os 4 Conceitos fundamentais)*, é de ser «sexuado» (dessa relação de «desgaste» com o que nos confronta: o trabalho do sexo, o prazer e a morte), que o Sujeito se constitui enquanto *corpo* (nos seus limites) como coisa finita, este, nos termos agora de D. Sibony *(Le Nom et le Corps)*, é sempre o resultado de um *efeito de ruptura/corte* que produz, num conjunto infinito, o depósito «secante» (por vezes, em si mesmo quase só «tangente») de um «não-infinito» que o precisa, determina, limita: precisamente, o «corpo» como, o que (de-)*cai* da estrutura.

O «corpo», dito ainda de outro modo, é a «pedra» nesse grande «órgão» que o «todo».

Não há «corpo» (ou Vida) senão do «finito» — e, por isso, o corpo é também a vida, essa parte («limite») em que o «todo» se *sexualiza* (ie. se de-fine, determina: como «coisa articulada», «depósito físico» ou «peso sólido na estrutura»). «Deus» não tem sexo (Lacan, *Encore)* — é mesmo disso que se define (como o «infinito»): a parte sexuada do «todo», temo-la nós, e é o nosso corpo. «Estranha herança», esta, a de um *corpo*. Algo que nos «desorbita»-ie., que tanto nos põe fora do «infinito» (é o cenário da *«queda original»*: do «fruto proíbido») como, ao mesmo tempo, como corpo nos «in-finitiza» (porque o corpo é algo que *não cabe* aqui e que se *impacienta* sempre com os seus limites).

Por isso, sendo a «vida» (a possibilidade de que «haja» corpo: de que essa experiência do «(in-)finito» ainda nos seja possível), a «morte» é, ao mesmo tempo, essa experiência de «tangência» (ou «secante», se houver, na relação, alguma «sorte»: ie., caso haja «depósito» e algo *para nós/* e *em nós* «de-caia» desse «corte») que, confrontando-nos sempre com um *mais* de «pedido» (de desejo: desse «além» que, em nós, constitui a sementeira do infinito», *aquém* dele nos constitui, sempre, como a «decepção» desse pedido (infinito). Ou seja, como «morte»: *corpo* (ambos im-possíveis, «finitos»).

«Corpo», portanto, sempre *dividido:* ao mesmo tempo *uno* (quando se projecta, «identifica» — alucinada/mente — nesse desejo de fazer «um», de ser uma «cópula»-ie., uma articulação verbal: discurso — do «infinito») e *partido* (etimologicamente de *«sextus»:* corpo sexuado», «dividido»).

Admitido isto — que o corpo é a «morte», mas também a (única) «vida» —, como é que, em relação a ele (nas nossas representações), o *«rosto»* se situa?

Num *1.º momento* — aquele que agora referimos (o momento em que a pulsão determinante é a de «vida») —, podemos dizer que o «rosto» não é mais do que uma «excrecência», uma espécie de «embaixador» (a parte que vem *à frente*, com a função de um *significante:* de delegação pura) do «corpo».

Daí que, só ilusoriamente, cada um julgue que é no «rosto» que se *fixa*. Quando, na verdade, nunca se trata disso: o «rosto» é apenas um «representante», a fixação faz-se, sempre, no próprio corpo (ou, se se quiser — já que ele é disso uma fórmula «abreviada», «resumida» — no próprio carácter *residual* de um corpo).

Por isso, podemos dizer que, se não há «estética» que não seja a da «morte» (a da nossa «morte»— quero eu dizer: a «estética» é sempre uma «efabulação» do mito das nossas «origens», mito em que já está contida e nele se antecipa, uma representação da nossa «morte», que — é isso que nos interessa — torna *pensável* e *figurável*, ie., «suportável», o nosso «fim» e «limite»), a «estética» pode sempre ter a haver com o «rosto» (devido a essa «ilusão» que ele nos dá de ser mais «imaterial» e «uno»), mas não (ou sempre muito pouco) com o «corpo».

Sabe-se (sabe?) que o «corpo», percebido em si mesmo, não constitui uma coisa «estética» (nem «bela» nem muito possivelmente — ao contário do que ainda se julga «erótica»): o «corpo» é a nudez, mas, por detrás da «nudez» há ainda o *sexo* (ie., a vista das «partes baixas», «vergonhosas» — e que nos causam «vergonha»). A «nudez», aproximando-se disso (são duas experiências *diferentes*: a de um corpo «nu» e a do mesmo corpo «vestido»), ainda não é bem isso: a *nudez* é o que, embora descobrindo uma *radical* presença (e *ausência:* que se afirma desfuncionalizada enquanto «necessidade», «função» ou «órgão»), ainda vem *no lugar* do «corpo». Diz Eugénie Lemoine-Luccioni que o «efeito de belo» (a «beleza»), como «máscara» ou «camuflagem»-ie., tanto uma «arma» como uma «protecção» —, é o que «se mostra no lugar do sexo» (ie., «esconde uma insuportável nudez»): «a beleza é o último véu que ainda revela a presença do Outro-*para lá* desse limite há apenas um sexo sem sujeito, *aquém* dele ainda não há ninguém» *(Partage des femmes,* Pointes, pp. 179/181).

Um livro recente *(«Peepshow»*, de Heliogabalo, Black Sun Editores) apresenta-se, aliás, como uma experiência (tentativa) de percepção (melhor, de *predação* — no sentido de uma «captura imaginante» e «imaginária») de um «corpo». Livre não «erótico», mas *«ex-óptico»* — ie., desorbitado, fora da vista, puros olhos (órgãos) que não procuram o corpo como «ilustração» («figura»), mas como engrenagem, «funcionamento». Livre, portanto, que não se apresenta como «espelho» (em que cada um se «sente» para reconhecer, e «redimir», a sua «figura») mas como «coisa polida» *(o desejo é sempre uma coisa polida),* pura superfície, pela qual os «corpos» deslizam e o próprio «leitor», por ela resvalando/caindo, talvez se venha a aperceber como «corpo» (e nessa experiência, *só*, se constitua).

Mas, dissemo-lo atrás, este seria apenas um *1.º momento* das relações entre o «rosto» e o «corpo», já que, num *2.º momento,* dá-se como que uma espécie de inversão e então é o «rosto» que se oferece como uma espécie de superfície *«mercúrica»* em que, num processo que é simultaneamente de *decantação* (de uma imagem), de *inversão* (dos seus resíduos) e de *anamorfose* (de sua des-figuração, desvio), se dá a ler e se indicia o próprio processo (interior) da

«Autoretrato com modelos e June», 1981

Salvador Dali (Vanity Fair, 1986)

«des-construção» do corpo.

O que o «rosto», então, nos dá a ver é a *morte* (ele não constitui o «outro-lado», mas sim o *opaco* do espelho, o seu *suporte:* (morte). Ou seja, pressuposto o carácter interior, orgânico e indistrinçável (corporal) da morte, no «rosto», a única coisa que dela podemos (a)perceber, é seu *trabalho de luto* (ie., o «lugar» que o «morto», nele, ocupa). Com efeito, o que há de «fatal» (e corporal) na morte é que ela é sempre o *não-inscriptível*, o que não se articula – por isso, também, ela é sempre o «indizível», já que, de facto, não há significantes que a «figurem»: verdadeiramente *«performativo»*, o momento em que a morte se «profere» é aquele com o qual ela imediatamente coincide e em que, inteiramente, ela se realiza.

Neste *2.º momento* podemos dizer que também o «rosto» escapa à «estética» — se não à morte — e que, talvez só então, como «corpo» também ele *se constitua*. Sabe-se que não há «corpo» senão na «morte» (já que ela é sempre a *de-finição* de um conjunto «reduzido», de «não-infinitos», vd. D. Sibony, op. cit). Quero eu dizer que só então o «corpó» nos aparece como aquilo que verdadeiramente é: um *Significante* reduzido e indivisível — e, ao mesmo tempo, um espaço uno e um despossuído sítio. Ao fim e ao cabo, isto: *um Significante disponível*. Revelação tardia, mas que nos poderia ter sido útil, de um ponto de vista retrospectivo, em relação ao nosso «corpo» (às constantes perguntas: «o *que fazer de/* ou *que esperar* de um corpo?»), e ainda em «vida».

É esse, também, o carácter *«óbituário»* (já que cada «retrato» constitui uma constante declaração de «óbito»: do avanço ou do atraso da nossa morte) do género do *«retrato»* em fotografia. *Dupla exposição* (revelação) numa superfície sempre mercúrica e sensível: um trabalho de inversão (e de anamorfose — de desvio, des-figuração do invertido) que o uso do *branco e do negro,* talvez melhor do que qualquer outra coisa, revela em fotografia. O *rosto* seria, assim, o grande *revelador* (da «morte») em fotografia.

Mas não só. Já que este constituiria também o momento da *inscrição* do «corpo» no rosto. Como «morte», sim, mas também como uma *implosão*, antes ainda de ela se tornar (irreversível) «explosiva». Uma deflagração, afinal, ainda lenta, contida (eis o que é o nosso rosto: um «campo de minas»), que vai deixando os seus sinais (indecisos: sensíveis ou invisíveis) à superfície. Uma lenta mutação da geografia de que a fotografia constituiria um dos *traçados* possíveis (e insensível). Trabalho, portanto, de «inventriação» dos sinais mas também de «hermenêutica»: de «interpretação» e de «avaliação» dos seus sentidos): uma *cartografia* (material) escrita.

Há excelentes autores dentro deste «género» de fotografia, que tem sempre a haver com a revelação do que há de «morte» no efeito (que é sempre de «quebra», reserva) de excessiva *singularização* (e determinação) do «físico» (e do «indivíduo»): *Richard Avedon* e *Dianne Arbus*, apenas para citar duas dessas «práticas-limite».

Mas não é a eles que me vou referir, mas sim ao modo como esse «trabalho de morte» (e em certa medida também, sempre, um «efeito de luto») se manifesta na mais recente fotografia de *Helmut Newton*.

Fotografia cada vez mais partilhada (ie., disputada) entre duas determinações, em certa medida, *exclusivas* (ie., que, ainda que tenham «prise» uma «prise» uma sobre a outra, tanto se inter-*excluem* como, cada uma por si, *exigem* tudo): a da *morte* e da *vida*.

Num texto também aqui recentemente publicado («Um corpo sobre ruínas»), referia-me, mais particularmente, à possibilidade de, como fragmento, o *corpo* ainda se afirmar (de uma forma devastadora: «explosiva») como «ruína». Melhor, é de facto dele *ali estar* — com essa sua presença *toda,* in-contida (por isso ele funciona como *anáfora* do «todo») — o que o «corpo» *arrasa* o «exterior» (o cenário, a paisagem, tudo) e lhe comunica esse estatuto despossuído (porque descorporizado) de «ruína». Trata-se de um corpo *a mais*, que ali está. Melhor, é sempre esse *a mais* que há num corpo (em qualquer corpo) que, nessas fotografias (campanha *Versace*, 1985/6), se revela de uma forma *explosiva* (exclusiva e inteira, única). Se quiserem, também podemos dizer que, nesta «série», já estão presentes alguns dos sinais que fazem desta «cena» uma *representação póstuma* (por exemplo, a alusão aos motivos da morte como apocalipse, ruína), embora talvez seja mais correcto afirmar que, se o «cenário» (tanto pós-industrial como pós-nuclear) é a *nossa* ponte de «ruína» (ali «figurada»: inscrita), o «corpo», esse, é o que *ainda* resiste (e portanto, a nossa *«ficção»: utopia* de «vida»).

Mas, de uma forma talvez mais directa, é nos *retratos* de H. Newton (sobretudo nos efectuados já na década de 80) que melhor se tem revelado esse *trabalho (efeito) de morte* que acarreta sempre consigo a própria prática *(sexuada* — seja ela a da fotografia) da «vida».

Continua na pág. 8

## O Vento

O Vento era o palco giratório da Palavra.

Por um lado, ele era o refrigerante do excesso. Outras vezes, contudo, ele funcionava como a concretização mais objectiva (precisa) do absoluto.

É o que sucede, por exemplo, no dia em que tudo se petrifica e de súbito cai o granizo. Pequenas concreções de vento em que se recolhe (consolida) a chuva.

É que, na verdade, a insistência numa situação climatérica (do tempo) nem sempre acrescenta ou em nós mantém viva a sensação de desmesura. Então, dá-se como que uma mudança de estado. A passagem, por exemplo, do sólido ao líquido. Mas não o contrário. O granizo, como parte (elemento) do vento era, para nós, sempre um aviso. Quer da vinda do outro quer de qualquer outro eminente perigo (a vinda do outro é sempre um eminente perigo) que pode, inclusivamente, conduzir a um estado (estagnado) de (des)equilíbrio.

O granizo, pelo contrário, referia a própria experiência da escrita que, mesmo aérea, emotiva (líquida), nunca deixa de ser (em si e na sua formulação, enunciado) um quisto (ou melhor, o eixo de um quisto: uma sua recrudescência, precisa). Como se ainda fosse o vento, mas um vento sólido — dividido em cada um dos seus interstícios, físico.

Atingido este clímax (o de um vento que transgrediu o seu próprio estado líquido), bem podemos escrever que o vento é, enfim, a teoria da chuva.

Já que a chuva é um júbilo — das pálpebras ou das nuvens (e pouco importa se positivo ou negativo) —, o vento, esse, é o delírio do espírito. Dele dizemos, por um lado, que é o fora, de cada coisa a sua marca não impressa; o fora, ou seja, o modo como não se manifesta a sua essência na forma do discurso.

O vento não é, assim, a sombra do discurso. Sabe-se como pingam à chuva, as sombras. Os homens saem então dos seus hábitos, dos seus sentimentos e deixam lá fora sempre a escorrer, o quê?, a sombra (no discurso).

Com o vento já não se pode fazer isto, com ele já não se passa o mesmo. O vento é o que nos inculca o forado espírito. Isto é, o que já (não) está lá e que, contudo, com a sua leveza, ainda suporta (não digo, sustenta) o pensamento para o deixa erguido como uma camisa, explícito.

O vento, podemos bem dizê-lo, é a camisa do espírito. Como ela transparente, translúcido. Transparente, porque se ele não se vê é não sendo o seu princípio. Translúcido, porque é sempre uma degenerescência, o lado manifesto do que nunca esteve presente: isto é, a gordura, a mancha que em redor, apesar de tudo, deixa o espírito.

Talvez não seja preciso dizer muito mais sobre o vento.

Vê-se (melhor, os seus efeitos são visíveis), embora nem sempre se sinta. O que se sente é já sempre a degenerescência do vento. O ponto em que ele se atardou e deixou de ser visto. Por exemplo, o modo como ele se granuliza e constitui o que inicialmente descrevemos como a matéria (o granizo) ou as pedras do espírito. Outras vezes, contudo, sentimo-lo húmido: entornou-se, cá dentro (isto é, há algo ou alguém dentro de si que se ergueu, emocionou e que de súbito varreu a mesa do espírito. Então, são as taças que pingam. O vento que se suja, fica imbuído. E é essa humidade — pardacenta — que nos entorpece o espírito).

Espíritos há, diz-se, que cavalgam o vento. E os seus ginetes são as meninges. Mas se assim é, fazem-no por fazer, arriscam-se a não atingir (a não ser que seja esse o seu secreto objectivo) nenhum destino. Cavalga-se sempre contra o vento. Quero eu dizer que é já colocar-se contra ele atribuir-lhe um sentido (Uma velha doutrina, afinal dos místicos e dos pacíficos).

Mesmo assim, é enganador dizer que «nada querer» é o melhor modo de se apropriar do espírito. O melhor é revermos as nossas próprias fórmulas (especulativas). O vento não tem espírito. Melhor, ele é o espírito (está no lugar dele, denuncia-o) mas não é ele, nem tem o seu sentido. É o seu não-ser que o torna assim tão sensível às falhas e às quebras (suplícios) do espírito. Fórmula, aliás, em tudo reversível — e então seria o seu não-ser o sudário em que não se revelam mas antes se ambiguizam as profecias do espírito.

É o não-ser do vento. E não há vento que não seja diurno. É ao mesmo tempo, luminoso e nocturno. Quero eu dizer que o que vemos — por exemplo, as folhas que se agitam — não é o seu ser (ou essência) mas a não-coincidência da coisa consigo que a faz vir em si — demasiado tarde ou demasiado cedo (o que a torna sempre diminuída ou excessiva) — e que a desequilibra, a faz divergir (vir) noutro sítio, não-coincidente consigo.

O vento é esse lado oculto da coisa que contudo só se revela luminosamente — isto é, que só de dia brilha. Que não ofusca o dia, antes o adopta sob a sua luz e o incita (força-o) ao brilho.

Por isso mesmo o vento está sempre mais perto do granizo do que da chuva. Desse enquistamento em torno de si, do Sujeito feito coisa e não uma deliquescência em que se perdesse o seu ser anónimo e nocturno.

Mas não é o granizo, nem a chuva. É antes a própria rasura da escrita. O palimpsesto de nenhuma folha. O papiro. A incandescência (película ou resíduo) em que, fazendo corpo com a luz, ele desaparece e (nos) fulmina: o vazio.

**Théodore Fraenckel**

## Golpes de Vista

DURANTE muito tempo estudei o local da porta onde deveria abrir pacientemente um orifício que encheria depois de miolo de pão. Enganei-me, ao princípio, e só lhe via a cabeça ensaiando poses frente ao espelho sobre o lavatório. Fiz depois outro furo mais abaixo à altura da cintura. Tinha que me ajoelhar com imenso cuidado para não se ouvir, no silêncio daquelas manhãs desertas, o estalo da articulação do joelho. Não se via agora a cabeça, perdida numa névoa de pequeníssimos fios de madeira. O bater do meu coração parecia encher a casa toda e tinha, por vezes, que me apoiar, tremendo de medo, na porta para não vacilar de nervoso e tensão. Já lhe conhecia todos os meneios e eram-me indispensáveis. A loura penugem das coxas quando tirava o roupão e o vinha pendurar na porta. O azul ou branco rendilhado muito perto de mim, erguendo-se contra a porta, e eu respirava fundo como se pudesse sorver-lhe o cheiro ou tocar-lhe com a língua. Os olhos enevoados, confesso, e as palmas das mãos escorrendo água. Afastava-se, depois, as pequenas nádegas nítidas sob o tecido. Penso que emagrecia, ali, de pavor, um ouvido à escuta de alguém a subir as escadas. Sentava-se, então, baixando descuidadamente o tecido e empurrando-o para baixo com os artelhos, e o ruído do líquido a cair da sombra que os meus olhos procuravam como se quisessem desfazer a porta e roçar-lhe as pálpebras! Com um gesto oferecia-me, suado, tremente e medroso espectador desconhecido, a penumbra azulada a dissolver-lhe os lábios rosados que, ao perder-se entre as pernas, sempre me fizeram pensar no infinito de uma húmida, longa, oferecida flor de carne. Secava-se, depois, o pulso lento, a mão cheia do branco do papel. Eu tinha que apoiar a cabeça na madeira da porta e cheguei a fazer escorrer sangue das unhas que apertava contra os joelhos. O chapinhar da água que a mão solta levantava tão levemente em gotas de prata faziam-me doer o ventre em espasmos quase insuportáveis. Curvava-se para a frente, olhando agora o espelho, e ficava, tempos sem fim pareciame, a esfregar a toalha apertando-a com as coxas. Tão distraída de mim, da luz e da manhã, tão serena, que a odiava e só queria fazer-lhe mal.

**Heliogábalo**

## Os Cães

**1.**

Quando os cães ganem
e as feras uivam
é sempre o meu Amado
que chega
e que vem armado.

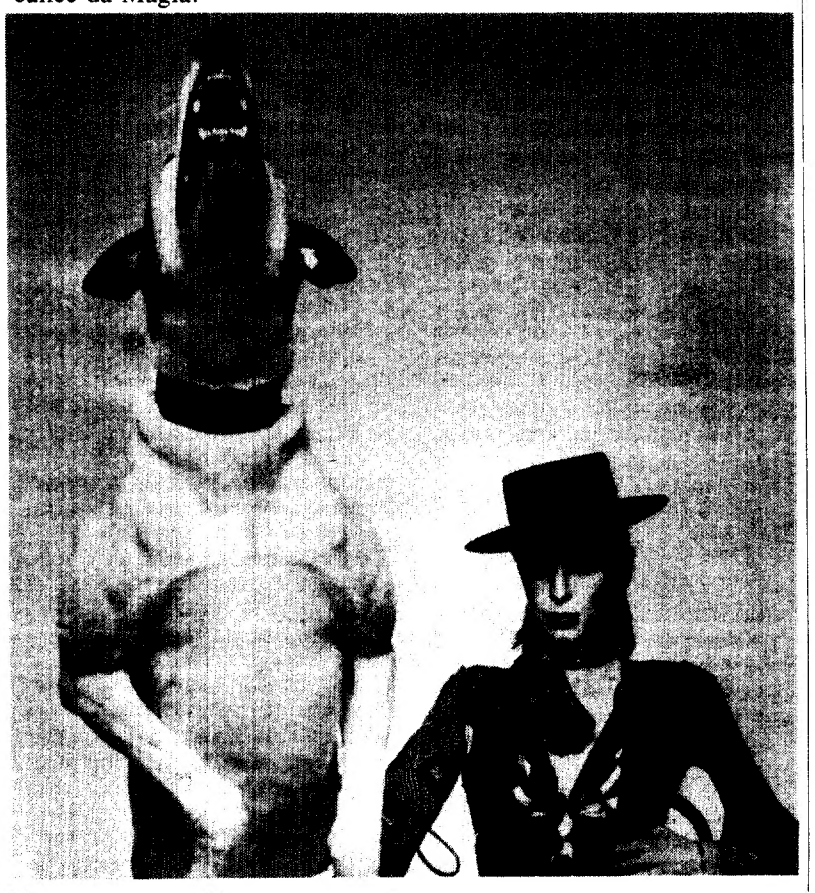
**2.**

Descobri o fundo
cálice da Magia.
Vivamente te peço:
deixa-o em mim, e comigo!

**3.**

Provaste o Animal.
Se não o saboreias
saboreio-o eu.

**Ana Filomena Guérin**



# Diários falsos de Fernando Pessoa (II)

## 21 de Julho de 1914

A morte pesa-me. Não sei o que comi. A morte faz trapézio no meu ventre. Deve ser uma úlcera nervosa. Tenho que deixar de fumar erva, já não me bate.

Que sofrimento este de estar morto.

## 25 de Maio de 1915

Hoje é o dia da Mãe. Tesouro! Não. Não posso escrever um poema. O ano passado dei-lhe um poema. Todos os anos tenho-lhe dado poesia. Este ano vou-lhe dar flores. Rosas vermelhas que encontrei na lixeira de um cimitério. Eram frescas e é pena ficarem para ali contranatura. Mandei rosas à Ofélia.

## 25 de Maio 1917

Minha Mãe! Minha enxada! Meu colar de pérolas falsas, mais valiosas que odas as pedras verdadeiras.

A minha mãe encolheu os ombros, umas vinte vezes, mais parecia que ia levantar voo. Coitada, temo pela sua saúde. Se Ofélia nunca mais decide a declarar-se, assim já fazia companhia à velhota.

Aproveitei o domingo para dar uma volta pelos poemas. Rasguei duzentas e cinquenta folhas. Se soubesse o que sei hoje. Daria hoje uns bons dólares.

Gargalhei durante duas horas.

Jantei com a mamã e depois embebedei-me.

Escrevi para o «Portugal Futurista» o «Ultimatum» em nome de Álvaro de Campos.

## 25 de Maio de 1918

Chorei todo o dia a falar com Santa Rita Pintor, falecido há um mês. Tornei a dar flores à mamã. Flores artificiais.

## 25 de Maio de 1919

Li a carta que Ricardo Reis me

enviou do Brasil. É bom sabê-lo bem. Tornei a ler a carta que Ricardo Reis me enviou do Brasil. Sinto-me contente por ele ter participado na guerra. Não percebo...

Esqueci-me que hoje é o dia da mãe.

## 25 de Maio de 1920

A mamã, depois que chegou, tem viajado muito. Ganhou uma viagem a África do Sul pelo concurso 1.2.3.

A minha editora parece que vai arrancar.

Os negócios também.

Comprei-lhe uns brincos enormes em prata.

## 25 de Maio de 1921

Nada a assinalar.

Os meus pensamentos estão todos sentados sobre o eu.

Jantei com a mamã.

Ela chorou com a prenda.

Um beijo.

## 25 de Maio de 1922

O «Banqueiro Anarquista» publicado na «Contemporânea» já está à venda. Ofereci um à mamã.

Disse-me que só me queria ver casado com Ofélia. Mais ano menos ano desaparecia e eu ficava por aí... Depois da mamã adormecer fui até ao Intendente ter com a Ofélia.

## 25 de Maio de 1923

A mamã ficou toda contente que levaria a Ofélia a jantar. Mas à noite descobrindo que era outra Ofélia não conseguiu comer.

## 25 de Maio de 1924

Faz hoje um ano que pago à Ofélia, a outra. Foi a última vez. Já não me diz nada. A mamã ficou contente com a minha decisão e pude dormir no quarto. Li-lhe partes de «Motivos de Beleza» de António Botto.

## 25 de Maio de 1925

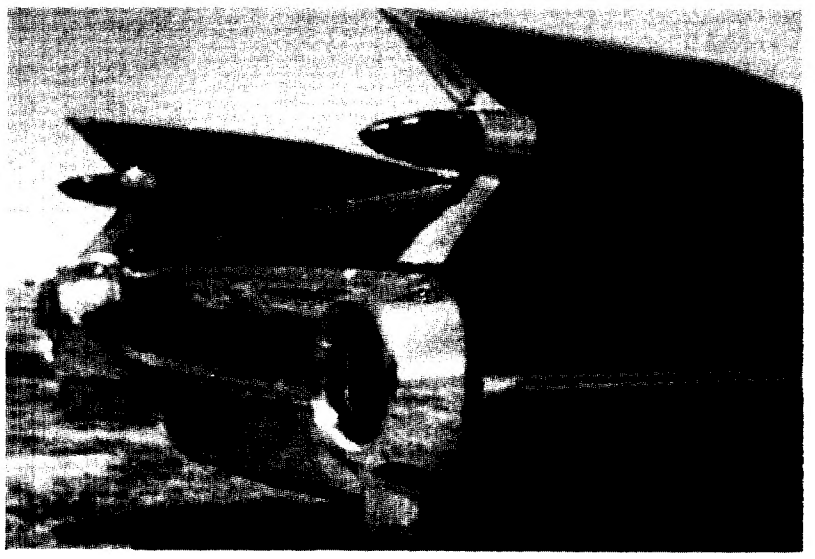
Mamã morreu há dois meses. Fui ao cimitério. Fumei um cigarro. Dois. Três. Quatro. Comecei a chorar. Beijei-a. Mas a realidade não me deixou ficar ali.

**O.**

## Cenas de Pirataria

A notícia que li no jornal hoje lembrou-me uma estranha história que me aconteceu há alguns anos. Passeava pelo parque sozinho e já era quase noite. Só a vi quando chegou mesmo ao pé de mim e levantou a mão cheia de pensos que me queria, parece, vender. Teria aí treze ou catorze anos. Os meus olhos fugiram cautelosamente dos seus para lhe percorrer o corpo. Deve ter dado por isso porque me murmurou, com um olhar parado e neutro, a proposta de a levar para minha casa em troca de uma quantia qualquer. Acenei que sim com a cabeça evitando pensar muito nisso e levei-a de carro sem falar e sem a olhar. Depois, à entrada da porta, propus-me, com uma voz mecânica, dar-lhe mais em troca da sua absoluta, disponibilidade. Prometi não lhe fazer mal. Quando mais tarde, porém, se sentou na casa de banho e os seus dedos começaram a levar a água, em gestos muito desprendidos, àquela espécie de pequena concha de carne onde os meus olhos se encontravam fixados, tive vontade de a estrangular, de a rasgar com uma tesoura ou uma faca ou, o que seria o mesmo (e é isso que quero dizer), de a lamber até ao sangue, de lhe mexer até fundir as minhas mãos na sua pele branca, morna e profunda. Não me parecia haver mais nenhum gesto ou palavra que pudesse ser tão conforme à vontade que se apossou de mim de deixar o meu corpo expandir-se até ao limite. Nada que pudesse tornar o meu gozo mais completo. Mandei-a embora bruscamente. Creio que o fiz mesmo a tempo. Não quer dizer com isto que defenda a absolvição do criminoso que vai ser julgado. Porque nem o seu jovem amigo assassinado nem a minha possível vítima podem pagar pelo que se passou provavelmente na sua cabeça e nas suas mãos e pelo que ia acontecendo em mim. Suponho, no entanto, ser essa a única razão porque o não faço.

**Heliogábalo**



## AVENTURA

Um verdadeiro, embora intraduzível, prazer,
é conduzir pelas estradas deste país
o carro,
engolindo quilómetros de paisagens
e cores,
a velocidade entrando no sangue e
no ser,
a adrenalina de vez em quando
como um murro
dirigido ao medo que sacode o coração real!

Subir e descer montanhas, o verde
do vegetal
na natureza ora luxuriante ora rarefeita,
o cheiro dos eucaliptos misturando-se ao suor
que banha viscosamente o corpo do
êxtase,
o ruído do mundo especificado no
do motor,
e a família conversando sobre belos
nonadas!

Este é o destino nesta vida do desengano,
as leis cumprem-se entre a doença e
a saúde,
algumas vezes há notícias do outro
continente
nunca muda muito o conteúdo subjacente, viver
renasce e surge como uma melancolia universal,
ou um poema dorido no mecanismo
da alma!

Mas o automóvel dá uma outra dimensão ao mito!
Ao ritmo do acaso galgam-se pontes e rectas.
um pé ora no acelerador ora no travão amigo,
o olhar em frente repercutindo na
sensibilidade
as impressões indeléveis da aventura, passar
pelo movimento como uma estrela
científica!

E depois há o rádio e a música, e
todo o auge
do que não pôde ser passado ou
memória pessoal
por impossibilidade histórica surge
e redime,
ser-se durante horas ou num ápice
de segundo
a aventura adolescente do sonho
realizado,
ao custo feérico da gasolina que se
devora!

Silva Carvalho

## Le coeur sous les [illegible]es: re(en)contro

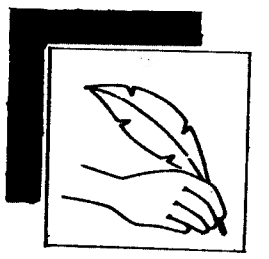
UM regresso a mim próprio
como ergástulo
de apelos mesmo aqueles sem
sinal
no mar nos subterrâneos ou
nas'strelas.
Um regresso a mim próprio como
elo —
em vez de com a morte o fim da
estória!

Ó príncipes consortes do que me
roubaram:
Sobre mastros do coração, um
regresso sereno
às sereias de todo o desespero —
e à fidelidade sem penélopes.
Areia é a derrota — ou a vitória:
E

«quem não sabe, à mesma vive»
(este é o saldo
da Ciência já levada
às últimas angústias, do
que Ulisses disse prás Sereias).
Mais

tarde, porém,
fez-se atar ao Mastro («corações,
marinheiros,
para o mar-alto ou mais fundo!»),
sem
ele próprio embebedar / «son
coeur sous les cendres les
liquides».

**J. O. Travanca-Rego**



# As lágrimas do Sol

Continuação da pág. 5

A escolha dos *modelos*, em certa medida, constitui já uma operação de *«redução»* que (auto-)*cita* outras «representações» (modelos/cenas: construções fantasmáticas típicas) da sua fotografia.

Catherine Deneuve e Charlotte Rampling, assim, estão para o tipo do «louro» (ie., o «branco» como a «aura»-nevada em fotografia — vd., por contraste, as fotos com o modelo Roselyn, tiradas no interior de um castelo em França, em 1975, e incluídas no livro «White women», Quartet, 1976), como Sigourny Weaver está para o tipo do «moreno» (ie., o trabalho mais directamente sobre o «negro», a «morte», o «negativo», em fotografia). Constituem, mesmo, uma espécie de «binómio» que, nessa relação de auto-referencialidade (e de reescrita), dá conta, de uma forma ao mesmo tempo global (total) e reduzida (porque as reduz, concentra, exponencia e simplifica), das diferentes «hipóteses» («casas» e «variáveis» da representação do Fantasma) que a sua prática anterior (sobretudo a correspondente aos anos 70), como em leque ou naipe de cartas, nos oferecia.

À tendência anterior para a *«phallização»* do corpo (que na foto surge como um *todo* de «carne», «incarnado», um «tronco»-vd., fotos com o modelo Roselyn) – ou para uma «phallização» que resultava da *posição* (frequentemente a activa ou a do masculino em que se colocava no cenário (na representação) a figura (casos de encenação mais complicada, «narrativos» — com modelos bivalentes ou preferencialmente «morenos»/escuros) — corresponde, agora, uma tendência para a revelação, no «rosto», do corpo *como* «osso» (ie., «estrutura»).

Mesmo tendo em conta o «par» Deneuve/Rampling, encontramos, nele, «especificações» distintas. Assim, no caso de Ch. Rampling (H.N. fotografa-a quase desde o início dos anos 70), é como que o trabalho de *auto-elucidação* do corpo (a acentuação do seu carácter angular, geométrico e extremado — ie., ao mesmo tempo, linear, fragmentado e agudo) que nos vem no «rosto», e de tal modo que, estando *nele* presente, o «corpo» quase o «apaga» ou *«oculta»*. (Experimentem olhar para uma dessas fotografias. Procurem depois recordar-se do que viram. De que se lembram? De um rosto? Ou de um corpo que é, ele próprio, a sua «figura»?) No caso de Deneuve, contudo, é o «corpo» que constitui quase que uma «excrecência» (ele está, se não «a mais», pelo menos «fora» da fotografia: daí, talvez, a preferência pelo *negro* das roupas — «interiores» ou «exteriores» — que quase o ocultam) e é no *«rosto»* que tudo se encontra, embora *reduzido*. O «rosto» (por assim dizer, um «porta-corpo») constitui a forma reduzida em que o «corpo» se *involveu* (ie., «regrediu», até ser por ele quase por completo absorvido) ou se *inverteu* (se inscreveu, simultaneamente, como o percalço de uma presença — e a sua ausentação, súbita). Daí o seu carácter, *linear*, de *mapa* (ou de palimpsesto) reduzido.

Trabalho, portanto, sobre o *«branco»:* sobre essa «aura» (máscara), agora desmaquilhada (tanto dessacralizada como des-dramatizada), de que o «rosto» (por um dia o *ter sido*) ainda usufrui. Trabalho mais de *«ausentação»*, aliás, do que de «traçagem» de pontos ou de linhas. Uma «casa vaga», simplificada, em que o osso, ou o vinco, tomam o lugar de *índice* da estrutura. Momento de *afirmação da estrutura* que antecede o «nulo» (o «rosto», então, como uma superfície branca e lisa: um des-possuído sítio).

O *2.º tipo* de rostos (veja-se o caso de Sigourny Weaver, ela própria já o seu «negativo» — ou, num plano próximo, as fotos de Paloma Picasso ou Angelica Huston) permite-nos passar para exemplos em que — embora ainda dentro do mesmo registo (o que reforça o *negro*, exponenciando-o, sobre o *preto e branco* da fotografia) — a presença da «morte» (como traçado ou radioscopia: radiografia) se torna ainda mais sensível.

Referimo-nos, por exemplo, à foto de Joanne Moreau (de 1985) — ou à recente série, publicada na revista *Femme*, com Peggy Roche —, mas, sobretudo, à própria representação da sua mulher (ela própria fotógrafa: *Alice Springs)*, «June».

Se tiverem a possibilidade de consultar o livro-catálogo que recolhe alguns dos últimos «retratos» de H. Newton *(Portraits/Portretten,* Amsterdão, 1986), perceberão como este trabalho de representação (da morte) se encontra estreitamente ligado à própria *presença* (e representação) do corpo (pulsão de vida) de «June».

Numa foto de 1972, a camisa aberta de June, enquadrando-os, revela os *seios* como a *erecção* (sim, e a «phallização» — veja-se a cigarrilha que ela simultaneamente acende) de uma *vontade de desejo* que o trabalho de sapa da «morte», no rosto, em certa medida, já faz regredir (e oculta). Ao fim e ao cabo, «June» (ao mesmo tempo como a «vontade da forma» e o corpo, a «in-tensão do desejo») encontra-se, ela própria, partilhada/dividida, embora *captada* (já se disse que se trata sempre de uma «prise» imaginária) num momento em que essa *dupla pulsionalidade,* de uma forma *extremada* (ie., como a vinda simultânea de 2 opostos que não se «neutralizam», mas colidem e coincidem entre si, em aberto, irresolúveis), ainda se *afirma* (o movimento verbal, com efeito, é o do *Ser*- segundo os gramáticos de Port-Royal, também o da **afirmação**) como *ruptura* (explosiva). (Deste ponto de vista, a foto de Debra Winger, de 1983, é trabalhada no sentido de ser um quase perfeito «replicante» da figura de «June», no início dos anos 70.)

No «auto-retrato» mais recente (de 1981-*Foto 1.*), a inscrição da figura de «June» — com o carácter indicial e «icónico» de uma *legenda* ou de uma *assinatura,* como a de Jan Van Eyck no «Duplo-Retrato dos Esposos Arnolfini» (quero eu dizer que, neste caso, toda a «cena» seria o *representado* — e a figuração de H. Newton nela, inclusive-dessa «figura» ou assinatura) — marca-se como esse *efeito* (de morte/corte) *da estrutura* que torna unicamente possível (porque, precisamente, pela mediação da «castração», a «articula») a «vida» (ou seja, por interposta prática, a representação do «nu» — inteiro e biface, como um *signo* — em fotografia). Num sentido mais restrito, pensamos que é também neste âmbito que deve ser entendido o carácter esplendorosamente carnal e fúnebre — um «barroquismo luxuoso» em que Ticiano e Velazques confluem — das recentes fotos quer de Jodie Foster (*Vogue,* 1987) quer de Béatrice Dalle (*Vanity Fair,* 1986).

*Retratos,* portanto. Ao mesmo tempo, a adopção de uma posição de «recúo» (de «retiro»: de despojamento da representação) que torna as formas *de-finidas* (ie., que as determina, delimita, no sentido do «finito», do preciso). «Formas» que, sobre essa dimensão contrastiva (lógica e topológica) do *branco e do negro,* constituem, sobretudo, processos de *finitude* (de *«acabamento»* — tanto no sentido da *ultimação da representação,* de modo a levá-la até aos seus últimos resquícios e limites, como no sentido da sua *«morte»*: incompletude). Destas «formas», podemos dizer que a sua inscrição é, talvez, menos «figural» do que *«caracterial»* (ie., que elas assumem preferencialmente o estatuto de «caracteres» e menos o de «figuras»). Processo, ao mesmo tempo, de «traçagem» e de «des-ocultamento» — de marcas/índices, menos do que *neles*) se «figura» do que daquilo que, *por* eles se «indicia» como referência a um «in-inscriptível» e a um «in-discritível» da «figura» —, que constitui, afinal, o próprio processo de *inversão* em fotografia (a ser entendido, sempre, num duplo sentido: *Vida-Morte/Morte-Vida).*

Se a morte é a *finitude* (esse «efeito de corte» que define um conjunto «barrado», «não-infinito», Sibony), é na própria morte (na experiência da morte) que se revela (muitas vezes como «negativo» — ou «invertida») essa constantemente fragmentada (in-)finitude possível que é a *vida.*

*«Retratos»* (efeito de morte)/*«corpos»* (in-tensão de vida). *Dupla postulação*, e por isso castrante, só assumível como «insóluvel», já que ela constitui a própria realidade («verdade») do *sexo* que se constitui, sempre, na agressão e no distanciamento da vinda desse nosso *duplo* (pense-se no «William Wilson», de Poë, ou no «Estudante de Praga», de H.H. Ewers) que, no fim, nos *substitua*: o nosso «du (e não re-)plicante», ou «perfeito desdobrável», *«depósito-já-lá»* (e não, como queria Lucrécrio, o nosso aéreo e hologramático simulacro) que, pedindo-vos que cubram o vosso olhar com essa última fotografia (*Foto 2*-Dali, 1986), também designarei como a nossa *«múmia»*.

**Fernando Guerreiro**

## Algumas Enunciações

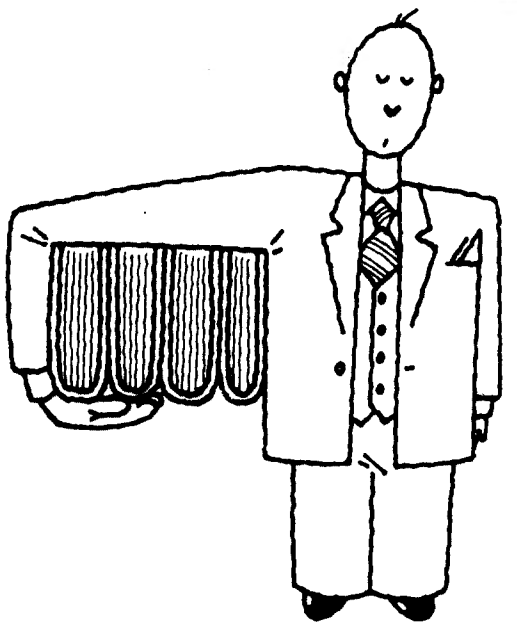
Deram-me os outros as palavras
com que eu leio:
*Tanta pena que os cegos só palpem as palavras!*

São algumas as palavras quase o corpo:
*E também essas recebi-as pouco a pouco . . .*

Há outras as palavras que me escapam:
*Como é pena que não haja um cego eterno!*

Ir ao fundo das palavras, ao silêncio que tapam:
*Ser um cego mas um dicionário-sentindo — um robot-avançado . . .*

Ah como é pesada a crosta da ausência-falada!
— Será mais leve aos animais a lua?
*Mas aos mudos de todo certamente chora o coração,*
*porque nunca encerraram uma estrela com o nome bem gritado entre os seios da amada . . .*



Deram-me os outros as palavras
com que eu leio:
*São milhares de sonhos que presumo mas perdi, empilhados nas estantes*
*das bibliotecas do império de roma incendiadas!*

Deram-me os outros as palavras
com que eu leio:
peneirar esse trigo é quase um crime!
*— Mas viver / é primeiro a dor por não ter sido sempre nada; segunda dor depois / por não ser sempre mais!*

**J.O. Travanca-Rego**

O eu nos outros

# Homem computador verde

COM a cara encostada ao vidro da janela, profundamente adormecido, seguia numa tarde de Verão a caminho do Porto o técnico de computadores, Belarmino Pereira de Sousa. O sol caía-lhe sobre o cabelo, as pálpebras, o bigode farto — e longas bátegas de suor, descendo pelo queixo, humedeciam-lhe o peito branco da camisa. Só acordou mesmo em Campanhã, uma volumosa pasta de mão, a caminho do primeiro táxi que encontrasse livre.

— Gondomar — disse para o motorista. Ausente de casa havia uma semana, logo se recostou no seu «maple» habitual, os sapatos trocados por pantufas, ouvindo distraído a conversada mulher. Os filhos, uma rapariga e um rapaz, limitaram-se a um beijo de fugida: num quarto ao fundo da casa estavam a gravar música «rock» em companhia de amigos que ele vagamente conhecia, quase sempre lhes trocando os nomes ou nem mesmo dando pela sua presença.

Recusou o jantar, dizendo que tinha comido «umas coisas» no bar-restaurante do comboio, e deitou-se ainda não eram dez horas. Ignorou a mulher, a aproximação do seu corpo, o perfume activo que ela punha quando ele regressava de prospecções por cidades do centro e do sul.

Na manhã seguinte, Belarmino fez um longo telefonema para Lisboa, no termo do qual se dirigiu à mulher:

— Zulmira — disse —, acabo agora mesmo de me despedir de todos os computadores do mundo!

— Que dizes tu...?

— É isso. Deixei o emprego. Não trabalho mais com nenhuma empresa de computadores...

— Mas...

— Não há mas, nem meio mas. Depois te explico porquê. Agora vou até aos bilhares...

Saíu, encontrou-se com amigos, foi bom às três tabelas, atraído como nunca se sentira pelo pano verde do bilhar. Dali seguiu para o Monte Crasto, um espaço de pedras, escadinhas e árvores que domina Gondomar — e, subitamente, atirando-se de borco para um espaço macio de relva, pôs-se a arrancá-la com os dentes, saboreando-a e engolindo-a. «Que **dados** maravilhosos não estou a meter no meu corpo, no meu cérebro, no meu sangue — dizia para consigo. — Nunca um computador funcionará como eu funciono...» — E ali se deixou ficar mergulhado em calma e profundo sono.

**Pedro Alvim**